

Claudia Fernanda de Barros Freitas

**ASPECTOS DA HISTÓRIA E DA LITERATURA NA PRIMEIRA DÉCADA DO
ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL
(1889-1900)**

**Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Letras – Mestrado em História da
Literatura da Fundação
Universidade Federal do Rio
Grande, como requisito parcial
para a obtenção do grau de Mestre
em Letras.**

Orientador:

**Prof. Dr. Francisco das Neves
Alves**

**Rio Grande
Novembro 2007**

“Talvez não tenhamos conseguido fazer o melhor, mas lutamos para que o melhor fosse feito... Não somos o que deveríamos ser, não somos o que iremos ser. Mas, graças a Deus, não somos o que éramos.”

Marthin Luther King

Agradecimentos

Este trabalho de pesquisa só se tornou realidade devido à contribuição de muitas pessoas. Assim, quero expressar meus agradecimentos àqueles que me ajudaram nesta árdua tarefa:

- ao professor Dr. Francisco das Neves Alves, pela orientação precisa, pela confiança e pelos empréstimos;
- ao professor Dr. Carlos Alexandre Baumgarten, pela confiança, pelos conselhos e incentivo;
- ao professor Dr. Mauro Nicola Póvoas, que me socorreu nos momentos mais difíceis de meu trabalho;
- aos funcionários da Biblioteca Rio-Grandense, que providenciaram o material necessário à pesquisa;
- à minha filha, Lia, que mergulhou no universo das letras mesmo com pouca idade;
- ao meu marido Adelino, que sempre me apoiou e incentivou, compreendendo o real valor desta jornada;
- aos meus pais, Carlos e Sueli Barros, que não pouparam esforços para minha formação intelectual e moral;
- à minha irmã Luíza Barros, pelo incentivo e pelas longas conversas a respeito do trabalho;
- à minha irmã Marisa Barros, que ao longo da pesquisa se mostrou receptiva às minhas idéias e conceitos;
- à minha amiga de longa data Juliana Votto Cruz, companheira na História e na Literatura, que me deu força para concretização do trabalho;
- à minha querida amiga historiadora Flávia Pereira, que me ajudou na correção do trabalho e fomentou muitas idéias;
- a João Reguffe que revisou minha dissertação.

RESUMO

Esta pesquisa procura a vinculação entre a história e a literatura presentes no *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, do historiador Alfredo Ferreira Rodrigues. O estudo feito abrange as doze edições selecionadas que vão dos anos de 1889 a 1900. A análise proposta abraçou a Parte Literária e a Parte Histórica, separação feita em vista de uma melhor compreensão do tema.

ABSTRACT

This research looks to the entailing between history and literature gifts in the *Literary and Statistical Register of the Rio Grande Do Sul*, of the historian Alfredo Ferreira Rodrigues. The done study it encloses the twelve selected editions that go of the years of 1889 the 1900. The analysis proposal hugged the Literary Part and the Historical Part, separation made in sight of one better understanding of the subject.

SUMÁRIO

	Pág.
Introdução	8
1 O <i>Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul</i>	
1.1 Alfredo Ferreira Rodrigues “exemplo de intelectual de seu tempo”.....	10
1.2 O papel do <i>Almanaque</i> no imaginário sulino.	14
1.3 Contexto histórico-literário.	
1.3.1 A intersecção história, literatura e imprensa.....	17
1.3.2 A literatura no Brasil do século XIX.....	19
2 A produção literária: a poesia	
2.1 A mulher	
2.1.1 Nomes femininos	22
2.1.2 O corpo feminino	28
2.1.3 Mulher: melodia, música e dança.....	33
2.1.4 A mulher mãe	36
2.1.5 A mulher e o casamento	39
2.1.6 A mulher: “outros olhares”	42
2.2 A religiosidade	47

2.3 A infância	51
2.4 A morte	57
2.5 A pátria	65
2.6 A poesia de Alfredo Ferreira Rodrigues	69

3 A produção histórica

3.1 As biografias	73
3.2 Parte histórica, geográfica e estatística.	80

Considerações finais	84
-----------------------------------	----

Referências	88
--------------------------	----

Anexos

Textos em verso.....	95
Textos históricos.....	217

INTRODUÇÃO

Durante todo o século XIX, literatura e imprensa mantiveram um estreito vínculo, e o *Almanaque literário e estatístico do Rio Grande do Sul*, do historiador rio-grandino Alfredo Ferreira Rodrigues, é um exemplo dessa afirmativa. Nesse período de grande efervescência na produção literária, as páginas do *Almanaque*, assim como os jornais, eram um veículo de divulgação das letras rio-grandenses e também prestigiavam os autores brasileiros de outras localidades.

O *Almanaque* guarda conteúdos que expõem os primórdios da produção histórico-literária sulina, portanto é um manancial riquíssimo para quem se dedica a uma dessas áreas ou a ambas. Contudo, é preciso que o *Almanaque* seja resgatado e disponibilizado a todos aqueles que o apreciam ou dele necessitam como objeto de pesquisa. É nesse sentido que abordamos a história literária contida no *Almanaque*, para que o acervo seja preservado e disponibilizado a quem tiver interesse.

A pesquisa tem como *corpus* a primeira década de publicação do *Almanaque*, que se deu de 1889 a 1900, e buscará a vinculação entre a história e a literatura contida em suas páginas.

O *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* caracteriza-se por conter assuntos direcionados ao interesse de informação e fruição literária do público leitor da época, como biografias, charadas, calendários, estatísticas, ensaios históricos, bem como poesia e textos em prosa.

Na Biblioteca Rio-Grandense encontra-se a coleção completa dos *Almanaques*, que totaliza 29 edições, sendo a primeira datada do ano de 1889 e a última de 1917.

É importante salientar que esta pesquisa versará sobre uma seleção de poemas que abordam os seguintes eixos temáticos: a mulher, a morte, a religiosidade, a infância e a pátria.

Fora do aspecto literário, abordaremos a parte histórica, geográfica e estatística (que foi incorporada ao *Almanaque* a partir da sétima edição, que data do ano de 1895) e as biografias.

Portanto, a análise do *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, no que diz respeito à literatura propriamente dita e aos textos históricos, será abordada de acordo com as escolas literárias do período, e a escola teórica positivista, ambos em voga no século XIX.

O trabalho divide-se em quatro capítulos – O *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, A produção literária, A produção histórica e Considerações Finais – seguidos de Referências e Anexos.

O primeiro capítulo contextualiza o *Almanaque* no cenário histórico-literário sulino, mostrando sua importância no período.

O segundo capítulo aborda a produção literária que foi selecionada do periódico. As manifestações literárias analisadas são poemas que refletem as tendências do período, no que diz respeito aos eixos temáticos: a mulher, a religiosidade, a morte, a infância e a pátria.

O terceiro capítulo analisa a produção histórica do *Almanaque*, que é refletida nas Biografias e na Parte Histórica, Geográfica e Estatística.

Como encerramento do trabalho encontramos as considerações finais desta dissertação.

A parte dos Anexos consiste na coleção dos textos utilizados para elaboração do trabalho, o que merece destaque, já que este material ficará acessível aos interessados e, principalmente, preservado, visto que os originais possuem mais de um século.

1 O Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul

1.1 Alfredo Ferreira Rodrigues, “exemplo de intelectual de seu tempo”

Alfredo Ferreira Rodrigues nasceu no distrito do Povo Novo, que faz parte do município do Rio Grande, em 1865. Desde muito cedo contou com ajuda de seu cunhado e pai adotivo, Bernardo Taveira Jr, que assumiu sua criação e educação, após o falecimento de seu pai. O ilustre Taveira Jr., expoente da cultura rio-grandense, foi o responsável pelo amadurecimento intelectual e pelo interesse de Rodrigues nos diversos campos do conhecimento em que este se lançou com mérito.

Rodrigues, em suas múltiplas inclinações culturais, pode ser considerado um típico intelectual de seu tempo. Quanto a sua importância no contexto histórico-literário rio-grandense, afirma Alves¹:

Pesquisador, ensaísta, historiador, cronista, literato, jornalista, biógrafo, tradutor, folclorista, charadista, poeta e professor, Ferreira Rodrigues representou a contento o homem de cultura de seu tempo (...) o historiador rio-grandino foi o fundador do *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, publicação que se destinava à divulgação cultural, literária e de entretenimento do público leitor, servindo à difusão da leitura junto à população.

¹ ALVES, Francisco das Neves. *Historiadores rio-grandinos*. Rio Grande, FURG, 2001. p. 13. Col. Pensar a História Sul-Rio-Grandense.

Rodrigues, intelectual obstinado, lança em 1889 o primeiro número de seu *Almanaque literário e estatístico do Rio Grande do Sul*, publicação que trazia assuntos que agradavam o público leitor do período. Suas páginas continham biografias de rio-grandenses importantes em vários segmentos, charadas, calendários, estatísticas, ensaios históricos, bem como uma parte literária. A propósito do lançamento do *Almanaque*, encontramos no jornal *Eco do Sul*² uma breve nota:

A aparecer brevemente (...) Almanaque Literário e Estatístico da Província do Rio Grande do Sul para 1889 (...) Com numerosas gravuras, a crônica provincial (...) com 304 artigos na parte literária devido a pena de 126 colaboradores, organizado por Alfredo Ferreira Rodrigues.

Alguns dias depois, o *Eco do Sul*³ de 28 de setembro de 1888 trazia um novo anúncio sobre o *Almanaque*:

Grande novidade literária: está publicado o primeiro deste magnífico Almanaque, que vem preencher uma lacuna que há muito tempo se fazia sentir. De fato, de todas as obras que neste gênero até hoje tinham se publicado no Brasil, nenhuma reunia elementos para competir com as estrangeiras.

Ferreira Rodrigues demonstrava profundo interesse na história gaúcha, especialmente no que diz respeito à Revolução Farroupilha. O historiador foi um dos grandes idealizadores da construção do monumento a Bento Gonçalves e trabalhou para o enaltecimento de um passado guerreiro, com a mitificação do “monarca das coxilhas” e “centauro dos pampas”, cujo heroísmo está refletido em Bento Gonçalves, Davi Canabarro e Antônio de Souza Neto⁴. É importante salientar que Ferreira Rodrigues tentou criar uma aura mítica e heróica para tal guerra civil, denominando a pacificação de 1845 como “paz

² *Eco do Sul*, 18 set. 1888, p. 6.

³ *Eco do Sul*, 28 set. 1888, p. 7.

⁴ NEVES, Décio Vignoli. *Vultos do Rio Grande*. Rio Grande;1987. p. 26.

honrosa”, sem vencidos nem vencedores⁵. Alfredo Ferreira Rodrigues também contribuiu com o estudo da história da imprensa, escrevendo muitos artigos acerca do tema. Na virada do século XIX para o XX, Rodrigues se dedicou ao estudo da imprensa gaúcha, principalmente com suas “Notas para a história da imprensa no Rio Grande do Sul”, em 1898⁶.

Portanto, vê-se com precisão a importância de Alfredo Ferreira Rodrigues no contexto político, social e literário sulino. Esse pressuposto justifica sobejamente que se estude o seu *Almanaque*, objeto desta pesquisa. Para este estudo, fez-se uma divisão, apenas como procedimento metodológico, com os vários volumes do *Almanaque* que esta dissertação aborda, com os respectivos anos de publicação. Na primeira edição do *Almanaque*, Alfredo Ferreira Rodrigues⁷ assim demonstra sua grande satisfação em publicá-lo:

Eis publicado o primeiro ano do *Almanak Literário e Estatístico da Província do Rio Grande do Sul*. O primeiro passo está dado, mas quanto trabalho, quantos obstáculos, quantas contrariedades a vencer para organizar o livro que apresentamos ao público.

Rodrigues traz nessa edição a biografia do literato Félix Xavier da Cunha, seguida da coluna Expediente, na qual o autor se comunicava com os colaboradores do *Almanaque*, bem como da seção Correspondência, onde eram respondidas as dúvidas do público leitor enviadas por carta. Em seqüência vinha o Calendário, que abordava as festas móveis, as estações do ano, os eclipses, as fases da lua, equação do tempo, tudo mês a mês, ou seja, de janeiro a dezembro. Logo após, a Parte Literária, que não abordava somente textos em prosa e verso, mas também charadas, enigmas, logogrifos, textos históricos e curiosidades em geral. É importante salientar que a Parte Literária sempre era finalizada com um poema de Ferreira Rodrigues. O

⁵ LISBOA, Cátia Rejane Machado. Alfredo Ferreira Rodrigues: o historiador e a Revolução Farroupilha. In: ALVES, Francisco das Neves (Org.). *Historiadores rio-grandinos*. Rio Grande: FURG, 2001, p. 36. Coleção Pensar a História Sul-Rio-Grandense.

⁶ ALVES, Francisco das Neves. *Imprensa gaúcha: história, historiografia & política*. Rio Grande: FURG, 2000, p.39.

⁷ RODRIGUES, Alfredo Ferreira. *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*. Rio Grande: Editores Carlos Pinto e Comp. Sucessores, ano 1, 1989. p. 3.

Almanaque tinha como parte final a coluna Indicações, que registrava fatos relevantes ocorridos na província, bem como o movimento de trêns, com seus respectivos percursos e tarifas, e dos vapores que faziam escala em nossa região rumo aos mais diferentes recantos. Ainda na parte final, a Crônica da Província colocava os leitores a par de fatos ocorridos na região, no formato mês a mês. A Parte Estatística tratava de temas como a população da província, exportações, receita, dívida, despesa, fechando com a nominata dos colaboradores do *Almanaque*, divididos em autores homens e mulheres, e por último o índice.

No ano seguinte, 1890, o autor escreve sobre o militar General Osório, em seguida vem a coluna Calendário, mês a mês. A Parte Literária vem após, com generosas páginas de entretenimento, finalizada com a poesia do autor. A seção Crônica da Província é a seguinte, nos mesmos moldes da primeira edição, sem esquecer das Indicações e da Parte Estatística. O *Almanaque* é fechado com o Expediente, com os Colaboradores do Almanaque e o Índice.

O *Almanaque* de 1891 contempla a biografia do jornalista Carlos Von Koseritz, a coluna Calendário, seguida pela Parte Literária, fechando sua edição com a seção Indicações, Colaboradores do Almanaque e Índice.

Em 1892, traz a biografia do general farroupilha Bento Gonçalves da Silva, tendo após a parte Crônica, seguida do Calendário, mês a mês. Também é contemplada com a Parte Literária, além da coluna Indicações, Colaboradores do Almanaque e Índice.

Em sua quinta edição, o *Almanaque* traz a biografia do poeta pelotense Francisco Lobo da Costa, as seções Crônica e Calendário, a Parte Literária, a coluna Indicações, Colaboradores do Almanaque e Índice.

O Almanaque de 1894 apresenta a biografia de José Joaquim de Andrade Neves, Barão do Triunfo. No seguimento, a seção Crônica, o Calendário e a Parte Literária, a coluna Indicações, Colaboradores do Almanaque e Índice.

Em 1895, na sétima edição do *Almanaque*, Ferreira Rodrigues presta uma homenagem ao escritor Bernardo Taveira Jr., com sua biografia. As seções Crônica, Calendário, Parte Literária ainda são características, mas a partir desse ano há a incorporação de uma nova temática que se resume na seção Estatística, História e Geografia, tendo nesse primeiro momento um

texto sobre o Presídio do Rio Grande, seguido dos Colaboradores do Almanaque e Índice.

No ano de 1896, o *Almanaque* traz a biografia do líder farroupilha Davi Canabarro, a seção Crônica, o Calendário, a Parte Literária, culminando com a parte Estatística, História e Geografia, que abordou o tema “Os espanhóis em Rio Grande”. O exemplar é encerrado com as Indicações, Colaboradores do Almanaque e Índice.

O Almanaque de 1897 traz a biografia do Conde de Porto Alegre, o tenente-general Manoel Marques de Souza. Após, a seção Crônica, o Calendário, a Parte Literária, finalizando com a Estatística, História e Geografia, que abordou a temática “Estado do Rio Grande do Sul”, a coluna Indicações, Colaboradores do Almanaque e Índice.

Alfredo Ferreira Rodrigues traz a biografia do militar José Gomes Portinho na sua décima edição do Almanaque, datada de 1898. A seção Crônica é mantida, bem como o Calendário, a Parte Literária, a coluna Estatística, História e Geografia, que abordou o tema “Primeiros fortes no Rio Grande do Sul”, seguida de Indicações, Colaboradores do Almanaque e Índice.

Já no ano de 1899, o autor contempla a biografia do empresário charqueador Dr. Antônio José Gonçalves Chaves; com a coluna Crônica, o Calendário, a Parte Literária, Estatística, História e Geografia, abordando o tema “A pacificação do Rio Grande”, seguida de Indicações, Colaboradores do Almanaque e Índice.

Enfim, na décima segunda edição, de 1900, Ferreira Rodrigues aborda a biografia do militar Antônio Vicente de Fontoura, seguida das seções Crônica, Calendário, Parte Literária, Estatística, História e Geografia, com o tema “Notas para a história da imprensa no Rio Grande do Sul”, seguida da coluna Indicações, Colaboradores do Almanaque e Índice.

Contudo, é importante salientar que ao longo das páginas de todos os volumes do *Almanaque* pesquisados nota-se a considerável presença de anúncios, propagandas dos mais variados segmentos, que vão desde o anúncio de produtos de uso cotidiano, como medicamentos, até grandes obras da literatura mundial e brasileira, como *A dama das camélias* e os livros de Castro Alves.

1.2. O papel do *Almanaque* no imaginário sulino

O *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* possuía periodicidade anual, e era concretizado na Tipografia da Livraria Americana, em Rio Grande, por Carlos Pinto & Cia Sucessores. Não foi possível descrever sua capa original, pois os exemplares consultados ganharam nova encadernação na Biblioteca Rio-grandense. Contudo, os *Almanaques* podem ser contemplados hoje com a capa na cor marinho, com um fundo mesclado de marrom, onde o ano de publicação encontra-se em letras douradas no corpo da capa. Os exemplares medem cerca de 18 centímetros de altura por 12 centímetros de largura. De um extremo ao outro, este possui 24 centímetros de largura e pesa em torno de 200 gramas. As edições estudadas, bem como a coleção completa dos *Almanaques*, contêm em média 300 páginas.

Nesse sentido, o *Almanaque* era uma obra que necessitava de muito empenho e trabalho árduo para ser confeccionado. Esta tarefa não era apenas intelectual, da alçada de Rodrigues, mas também dos operários da tipografia. Toda a elaboração do *Almanaque* era recompensada quando estes chegavam às bancas. Muitos dos exemplares já tinham destino garantido, pois a Livraria Americana disponibilizava um serviço de assinaturas, pelo qual as obras eram vendidas antecipadamente.

Porém, o que tornava o *Almanaque* um objeto tão cobiçado pela sociedade rio-grandina, e por que não dizer rio-grandense da época? É simples: o *Almanaque*, por ter uma periodicidade anual, era muito aguardado pelo seus leitores, por ser uma leitura que abraçava, além de uma parte literária, muitos aspectos do cotidiano sulino, bem como prestava uma contribuição à comunidade que queria se manter informada sobre a movimentação portuária, os censos populacionais, o transporte ferroviário, e a respeito da história gaúcha.

O *Almanaque* proporcionava uma literatura vasta, que atingia todos os públicos, que iam desde senhoras da sociedade até cidadãos comuns, que “degustavam” suas páginas tão aguardadas. Assim, ele fazia parte do imaginário intelectual sulino.

Por isso é que estudaremos os conteúdos do *Almanaque* de acordo com uma perspectiva histórica e literária, pois estes dois campos do saber estão intrinsecamente ligados ao seu contexto.

O pensamento de LeGoff⁸ faz jus à importância desta pesquisa, além de valorizar a Biblioteca Rio-Grandense e seu acervo:

A constituição de bibliotecas e de arquivos forneceu assim os materiais da história. (...) não se tem história sem erudição. Mas, do mesmo modo que se fez no século XX a crítica da noção de fato histórico, que não é um objeto dado e acabado, pois resulta da construção do historiador, também se faz hoje a crítica da noção de documento, que não é um material bruto, objetivo e inocente, mas que exprime o poder da sociedade do passado sobre a memória e o futuro: o documento é monumento.

O documento é um monumento, e por isso deve ser preservado e reconhecido como reflexo da sociedade. O *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* consegue se lançar de volta a cena como grande ícone da mentalidade intelectual do século XIX.

Quanto a importância da literatura para a história, Le Goff⁹ afirma que:

A história da história não se deve preocupar apenas com a produção histórica profissional mas com todo um conjunto de fenômenos que constituem a cultura histórica ou, melhor, a mentalidade histórica de uma época. (...) O estudo da literatura e da arte pode ser esclarecedor deste ponto.

Em outro ensaio, Le Goff¹⁰ afirma que “uma outra categoria de fontes privilegiadas para a história das mentalidades é constituída pelos documentos literários e artísticos (...), dando ênfase à necessidade da história de ‘ouvir’ a literatura”.

Portanto, vemos com precisão a intersecção da história e da literatura e como é importante esse ponto de ligação entre ambas para o estabelecimento e compreensão do universo intelectual sulino.

⁸ LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1994. p.9

⁹ Idem p.48.

¹⁰ LE GOFF, Jacques. *História: novos objetos*. As Mentalidades. UNICAMP, 1995. p.76.

A propósito dos almanaques, Guilhermino César¹¹ afirma que eram veículos de grande disseminação intelectual, pois germinavam nas mentes gaúchas e brasileiras a vontade de obtenção do conhecimento no que concerne as mais diferentes gamas do saber. O autor explana:

Nas últimas décadas do século passado, os almanaques publicados no Rio Grande tiveram grande voga e prestígio. Eram o melhor veículo da poesia, do conto e do estudo histórico. Algumas dessas publicações chegaram a exercer influência na vida mental, pois que se constituíram em repositório de pesquisas e ensaios de maior importância. Desde o modesto Manuel Antonio de Magalhães, precursor do gênero, em 1808, até o advento da imprensa, copiosas informações ter-se-iam perdido por falta de periódicos dessa natureza.

César¹² enfatiza em sua listagem de almanaques que circulavam no período o *Almanaque* de Rodrigues, afirmando que “Ferreira Rodrigues lhe deu feição eminentemente histórica, publicando em suas páginas a maior parte da obra de revisão que empreendeu no concernente aos farrapos”.

Em vista do que foi mencionado podemos constatar a real valorização das edições do *Almanaque*, já que este pode ser inserido tanto na ciência histórica, por abarcar importantes acontecimentos do período, como na ciência literária, visto que sua Parte Literária pode ser considerada no estudo das letras rio-grandenses. E, o mais significativo, é que podemos afirmar que esta obra está incutida no imaginário intelectual sulino, desde seu aparecimento em 1889, tanto que hoje ela está sendo utilizada como fonte de pesquisa da história, literatura e imprensa do século XIX. Nossa missão com esta dissertação de Mestrado é pôr novamente esta obra em debate, analisando a sua contribuição aos intelectuais e ao público em geral.

1.3 Contexto histórico-literário

1.3.1 A intersecção história, literatura e imprensa

¹¹ CÉSAR, Guilhermino. *História da Literatura do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1971. p.370

¹² Idem p. 370.

A partir da década de 1830 a imprensa se fez presente em quase todos os recantos da Província, propagando ideologias, idéias e cultura, que faziam parte da atmosfera de então. Se, nos dias atuais, concorrendo entre tantos meios de comunicação, a imprensa tem papel fundamental na disseminação da cultura, naqueles tempos a imprensa era o único – verdadeiramente único – meio de propagação de idéias e de artes, reflexo das novas tecnologias de produção gráfica e cultura de novas mentalidades, oriundas de intelectuais bem-informados e com uma nova visão de mundo. A partir de Gutenberg e sua invenção a humanidade tornou-se cada vez mais crítica e dotada de saberes múltiplos, saberes estes que eram e são divulgados pela imprensa. A imprensa jornalística era geralmente dividida na imprensa de periodicidade diária, “séria” e voltada à notícia, à opinião e aos assuntos comerciais, e pequena imprensa, em semanários satíricos e jocosos, eminentemente dedicados à crítica política. Essa classificação baseia-se na circulação desses jornais. Na cidade do Rio Grande, podemos destacar alguns jornais que circularam por mais tempo, contemporâneos às publicações do *Almanaque*, que foram *O Noticiador* de 1832 a 1836, o *Liberal Rio-grandense* de 1835 a 1836, o *Diabrete* de 1875 a 1881, *A Imprensa*, 1851 a 1855. O *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* é um exemplo de periódico cultural e informativo que atendia às necessidades dos leitores da época, pois abraçava um manancial histórico e literário que era muito apreciado. O *Almanaque* promoveu a divulgação de muitas obras literárias e muitos autores, que não se restringiam à região sulina, mas a todo o Brasil.

No que diz respeito à imprensa do sul propriamente dita, um fator que repercussão e se tornou referencial foi a Revolução Farroupilha, que consolidou o sentimento nativista gaúcho e, com ele, a imprensa gaúcha. Isso não se refletiu apenas na imprensa diária, mas também nos anuários, e o *Almanaque* de Ferreira Rodrigues é um exemplo dessa afirmativa. O autor foi um grande incentivador e propagador do culto aos ideais farroupilhas e aos seus pró-homens, e fez de Bento Gonçalves um ícone a ser sempre lembrado e celebrado. Os farrapos não obtiveram a tão almejada separação e independência da Província, mas conseguiram transmitir sua indignação e coragem a alguns rio-grandenses. Ferreira Rodrigues contribuiu para a sacralização mítica do centauro dos pampas, do monarca das coxilhas, através

da literatura e de textos historiográficos, mitos esses que buscam legitimar por atos e fatos dos farroupilhas. Não podemos esquecer que outros fatos históricos estão refletidos no *Almanaque*, como a Abolição da Escravatura, em 1888, e a Proclamação da República, no ano seguinte, bem como a morte de D. Pedro de Alcântara, entre outros.

É importante salientar que o *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* surge como um dos seguidores do modelo de periódico difundido pelo pioneiro *O Guaíba*, de 1856, publicação porto-alegrense, e pelo rio-grandino *Arcádia*, de 1867¹³, no que diz respeito à valorização da literatura.

Muitas outras publicações de cunho literário obtiveram êxito no decorrer do século XIX, contudo a que mais teve destaque foi a *Revista Mensal*, publicada pela Sociedade Partenon Literário, que por sua relevante contribuição não pode deixar de ser mencionada. Fundada em 1868, a Sociedade Partenon Literário foi a propagadora do amadurecimento intelectual dos rio-grandenses, pois promovia intenso intercâmbio cultural no âmbito da província¹⁴. A Sociedade divulgava textos literários, filosóficos e históricos, não só pela revista, mas também por meio de cursos noturnos, de uma biblioteca e um museu. Todavia, sem dúvida, o veículo de maior alcance do Partenon era a *Revista Mensal*, pois esta estava fortemente ligada à imprensa e reservava grande espaço para as letras da província¹⁵. A Sociedade alavancou a produção literária gaúcha, e a troca de material entre os intelectuais foi uma constante, prática que também foi adotada pelos leitores e colaboradores do *Almanaque*.

Os almanaques publicados no Rio Grande do Sul tiveram grande voga e prestígio, sendo o melhor veículo da poesia, do conto e do estudo histórico¹⁶. Nesse contexto, *O Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* contribuiu para o crescimento da produção literária sul-rio-grandense, em um período de grande ebulição da intelectualidade.

¹³ Cf.: ALVES, Francisco das Neves. *A pequena imprensa rio-grandina no século XIX*. Rio Grande: FURG, 1999.p.143

¹⁴ Cf. ZILBERMAN, Regina. *A literatura no Rio Grande do Sul*. 3. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992. p. 13.

¹⁵ PIVA, Mairim Linck. A Sociedade Partenon Literário e sua revista. In: MOREIRA, Maria Eunice (Coord.). *Narradores do Partenon Literário*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 2002. p. 22.

¹⁶ Idem nota 11.

Rodrigues conseguiu mesclar nas páginas do *Almanaque* literatura, história, geografia, estatística, que tornaram sua obra referencial para o estudo das ciências e da imprensa no século XIX. Sua leitura possibilita mergulhar no cotidiano dos rio-grandenses do período, e sua re colocação no cenário intelectual é nosso mister com esta dissertação de Mestrado.

1.3.2 A literatura no Brasil do século XIX

O *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* veiculou produções poéticas ligadas a diversas linhas literárias, que vão desde o Romantismo até a escola simbolista. Por isso, resolvemos explanar sobre as diferentes fases literárias brasileiras, a fim de situar o *Almanaque* no tempo e no espaço históricos e literários.

Devido à transferência da corte portuguesa para o Rio de Janeiro, a capital vivenciou um processo de intensa urbanização, tornando-se, então, um campo propício à divulgação das novas tendências do velho continente. O Brasil, colônia de Portugal, caminhava rumo à sua independência. Nesse contexto, no ano de 1822, aflora no Brasil independente o sentimento de nacionalismo, busca-se o passado histórico, exaltam-se as nossas belezas naturais. Todavia, é importante salientar que estas são características já exploradas nas artes em solo europeu, e que se encaixaram perfeitamente à necessidade brasileira de desviar a atenção da profunda crise social e econômica. De 1823 a 1831, o Brasil viveu uma fase de ebulição política, como reflexo do autoritarismo, centrado na figura de Pedro I: a dissolução da Assembléia Constituinte; a Constituição outorgada; a Confederação do Equador; a luta pelo trono português contra seu irmão D. Miguel; a acusação de ter mandado assassinar Líbero Badaró e, por fim, o debate em torno da abolição da escravatura. Seguem-se o período regencial e a maioria prematura de Pedro II. É nesse meio confuso que surge o Romantismo brasileiro, carregado de nacionalismo. Bosi¹⁷ afirma que o fulcro da visão

¹⁷ BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix.2000. p. 93.

romântica do mundo está no sujeito: “o eu romântico, incapaz de resolver os seus conflitos com a sociedade, lança-se à evasão no tempo e espaço”. Os poetas dessa geração voltaram-se a temas relacionados a esse novo momento político. Para Cândido¹⁸, “graças ao Romantismo a nossa literatura pôde se adequar ao presente”.

No entanto, no final do Romantismo brasileiro, a partir de 1860, as transformações econômicas, políticas e sociais culminam com uma literatura mais próxima da realidade; a poesia reflete as grandes agitações, como a luta abolicionista, a Guerra do Paraguai, o ideal republicano. É o declínio da monarquia e o aparecimento da poesia social refletida em Castro Alves, que resulta na transição para o Realismo. A escola realista surge em 1870, com a Escola de Recife, aproximando-se das correntes européias ligadas ao positivismo, ao evolucionismo e, principalmente, à filosofia. Segundo Bosi¹⁹ “o tema da abolição e, em segundo tempo, o da república serão o fulcro das opções ideológicas do homem culto brasileiro a partir de 1870”. Foram os ideais do Realismo que encontraram solo fértil no conturbado momento histórico vivido pelo Brasil, no abolicionismo, nos republicanos e na crise da monarquia. No Brasil, considera-se 1881 como o ano inaugural do Realismo, com a publicação de *O mulato*, de Aluísio Azevedo, considerado naturalista, e de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, considerado realista.

O Realismo reflete as transformações econômicas, políticas e sociais, bem como culturais da segunda metade do século XIX. A Revolução Industrial pré-século XIX entra em um novo período, caracterizado pelo uso do aço, do petróleo e da eletricidade; paralelamente, a ciência avança grandemente nas áreas da física e da química. Assim, o capitalismo se estrutura em novos padrões, com o surgimento de grandes complexos industriais, aumentando a massa proletária, e formando uma população marginalizada, que não partilha dos benefícios do progresso industrial, mas, pelo contrário, é explorada e expropriada. Nosso país também passa por mudanças significativas tanto no campo econômico quanto no político-social, no período compreendido entre

¹⁸ CÂNDIDO, Antônio. *Formação da literatura brasileira*. Belo horizonte: Itatiaia, 2000. v. 2. p. 11.

¹⁹ BOSI. Op. cit. p. 164.

1850 e 1900. A campanha abolicionista intensifica-se a partir de 1850; a Guerra do Paraguai tem como uma de suas conseqüências eminentes a disseminação do pensamento republicano, surgido no ano em que essa guerra terminou; a Monarquia está em decadência. Embora a Lei Áurea, de 1888, não tenha resolvido o problema dos negros, criou uma nova realidade: o fim da mão-de-obra escrava e sua substituição pelo trabalho assalariado, entregue a imensas levadas de imigrantes europeus que vinham trabalhar principalmente na lavoura cafeeira e na nascente indústria nacional.

Ao longo do século XIX e no início do XX havia três tendências que trilham caminhos paralelos: Realismo-Naturalismo, Parnasianismo e Simbolismo, com o aparecimento de alguns autores preocupados em denunciar a realidade brasileira. O Simbolismo, em termos gerais, reflete um momento histórico complexo, que marcaria a transição para o século XX e a definição de um novo mundo, tendo como marco a segunda década desse século. As últimas manifestações simbolistas e as primeiras produções modernistas são contemporâneas da Primeira Guerra Mundial e da Revolução Russa. Assim, o momento é marcado por frustrações, angústias, falta de perspectivas, rejeitando o fato e privilegiando o sujeito. E isso é relevante, pois a principal característica desse estilo de época foi justamente a negação do Realismo e suas manifestações. A nova estética nega o cientificismo, o materialismo e o racionalismo, e valoriza as manifestações metafísicas e espirituais, ou seja, o extremo oposto do Naturalismo e Parnasianismo. Afirma Bosi²⁰:

Visto à luz da cultura européia, o Simbolismo reage às correntes analíticas dos meados do século, assim como o Romantismo reagira à Ilustração triunfante em 89. Ambos os movimentos exprimem o desgosto das soluções racionalistas e mecânicas (...), ambos recusam-se a limitar a arte ao objeto (...), ambos, enfim, esperam ir além do empírico.

Ao longo das páginas do *Almanaque*, constata-se a presença de características poéticas concernentes a essas linhas estéticas, e a análise dessa produção lírica é o nosso objetivo com este trabalho.

²⁰ Idem. p. 263.

2 A produção literária: a poesia

Neste trabalho serão analisados os poemas que melhor exemplificam e justificam esta dissertação, ou seja, que tratam dos eixos temáticos anteriormente mencionados. Nesse sentido, os textos foram agrupados de acordo com essas temáticas, no que diz respeito à ligação com a mulher, à religiosidade, à morte, à infância e à pátria, além de uma seção específica que analisará os poemas de autoria de Alfredo ferreira Rodrigues. A seleção dos textos e seu aparecimento ao longo do trabalho obedecem à ordem das edições do *Almanaque*.

2.1 A mulher

A mulher é um tema característico na literatura brasileira. A mulher idealizada, pura, casta sempre apareceu, tanto em opúsculos ou jornais despretensiosos quanto nas obras de grande fôlego daquele período. O *Almanaque Literário Estatístico do Rio Grande do Sul* também contempla essa visão do feminino, e vai ao encontro de outras visões do tema. A temática feminina é trabalhada ao longo das edições, muitas vezes em poemas que revelam uma atmosfera de religiosidade, em que a mulher santa reflete um sentimento de encontro com o divino; sob o prisma da morte, o eu-lírico lamenta a perda da mulher amada, da filha querida. Na temática da infância, predomina a adoração aos filhos, o orgulho exacerbado dos pais. A pátria é representada pelo sentimento nacionalista que permeia o discurso, muitas vezes de autoria feminina.

2.1.1 Nomes femininos

O *Almanaque* privilegia várias visões do feminino, e a poesia é muitas vezes dedicada aos nomes próprios das mulheres. Muitos ofereciam seus poemas como forma de cortejar uma moça, de expressar a saudade da amada ou mesmo homenageavam as mulheres que recebiam o “dom divino” da maternidade.

O primeiro poema analisado é “Alice”²¹, de Eduardo Fontes²², no qual o eu-lírico exclama com fervor o nome de sua amada, através das oito quadras. É interessante notarmos que ele busca saciar o sentimento de solidão até então sentido. O tempo cronológico é dado através da expressão “nest’hora”, que situa o sentimento no tempo e espaço:

E eu só nest’hora abatido,
Eu só sem risos, sem paz,
Tristonho padeço e choro...
Alice! Alice! Onde estás?

Os versos evidenciam um sentimento exacerbado, que permeia todo o poema, culminando com a santificação da amada, na última estrofe. Durante o século XIX era comum a divinização da amada na poesia. Há uma referência à religiosidade com o uso do substantivo Deus. Ao chamá-la Vésper, o eu-lírico a compara a uma das mais brilhantes estrelas do firmamento, que corresponde ao planeta Vênus. O sujeito poético remete à deusa grega do amor Afrodite, que para os latinos é denominada Vênus. Esse poema filia-se claramente ao Romantismo, ao idealizar e santificar a amada:

Entre as milhares de estrelas,
Bem junto ao trono de Deus,
Ó doce e amorosa Vésper,
Tu irás brilhar nos céus.

²¹ FONTES, Eduardo. Alice. *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, 1889. Parte Literária, p. 4.

²² Quando possível, serão fornecidos dados biográficos dos autores. Em geral, entretanto, na maioria dos casos, não foram encontrados dados referentes aos poetas publicados pelo *Almanaque*, como no caso de Eduardo Fontes.

Nos versos do soneto “Recordações”²³, de José Augusto²⁴, Marília é o nome da mulher que condena o amado a desfalecer de amor, e o faz sentir saudades da infância passada com ela, e o tempo narrado pelo poema é o da infância. O espaço físico é constituído pelos campos rio-grandenses, a típica paisagem gaúcha. É possível fazermos uma leitura deste soneto usando como comparativo os versos do árcade Tomás Antônio Gonzaga dedicados à musa Marília. Como em *Marília de Dirceu* o poeta usa a expressão “Marília bela” ao longo das estrofes, através da figura estereotipada da mulher ideal, sem esquecer do convívio com a natureza, numa atmosfera pastoril ressaltando um certo bucolismo, como na passagem “aqueles prados”. Assim, é plausível relacionar-se esse poema ao Arcadismo, escola distante aproximadamente um século da data de sua produção.

Segundo Bosi²⁵, “ao árcade basta para cumprir sua missão literária a feitura de um quadro onde as linhas da natureza ora contrastem ora emoldurem uma tênue história sentimental”:

Não vês, Marília bela, aqueles prados,
Onde juntos passamos venturosos
Nossa infância querida, e descuidosa.
Destes dias de agora amargurados?
(...)
Agora tenho n’alma uns vãoos temores,
E, afastado de ti longos instantes,
Morro, morro de amor e mais amores!

Já “Moema”²⁶, de José Rodrigues de Carvalho²⁷, é a mulher que ao mesmo tempo se mostra casta e amante, ou seja, é idealizada, mas pode também ser tocada. O eu-lírico mostra que ela não recusa as investidas do pretendente. O poema faz referência à obra *Caramuru*, de Santa Rita Durão, quando fala de Moema e sua inclinação aos prazeres carnais. Sabemos que Moema era irmã de Paraguaçu, e ambas mantinham um romance com o jovem

²³ AUGUSTO, José. Recordações. *Almanaque*, 1890, p. 58.

²⁴ Idem nota 22.

²⁵ BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. Cultrix. 1994. São Paulo: p. 72.

²⁶ CARVALHO, José Rodrigues de. *Moema*. *Almanaque*, 1892, p. 107.

²⁷ Idem nota 22.

português. Somente Paraguaçu consegue ir embora com o amado, e Moema fica largada a própria sorte, como acontece também neste poema:

Não teme, não recua a cada vaga.
Que, louca vem beijar-lhe o casto seio.
(...)
E vai-se como ela delirante
Te lanças a seguir o terno amante
Moema arrojada ao mar da escura sorte.

A desventura também é tema dos colaboradores do *Almanaque*. Maria²⁸, de S. Lima²⁹, é o ser que sofre, mas encontra ajuda em alguém para conter o pranto. A desventura de ter dado um mau passo na vida amargura-lhe, não ao homem, o sujeito poético, que consegue por sua vez encontrar alguém que a acolha e lhe dê esperanças de melhorar sua existência:

Maria, se a desventura.
A vida despedaçou-te
E se implacável a noite da sorte
Mais te amargura
(...)
Encosta a fronte em meu seio
Repousa de tanto anseio
De tanta mágoa sofrida.

Com outro tema, a Margarida do poema “Trovas”³⁰, de G.³¹, personifica a virgem que seduz com suas qualidades próprias da juventude. O eu-lírico aponta a inocência como virtude, o que era comum na literatura no século XIX. A virgindade está associada à pureza e é motivo de fascínio para o sujeito poético. Devemos perceber que o amor romântico transcende a barreira da virgindade, personificando o objeto de desejo, que é a moça, num misto de sedução e inocência:

Margarida é flor mimosa
Que me fascina e seduz;
Teu sorrir, virgem formosa.

²⁸ LIMA, S. de. Maria. *Almanaque* 1892, p. 115.

²⁹ Idem nota 22.

³⁰ G. Trovas. *Almanaque* 1892, p. 153.

³¹ Idem nota 22.

Quanta inocência traduz

Também relacionado com a virtude, o poema “Esmeralda”³², de Pinto da Rocha³³, o eu-lírico declara suas esperanças, pois a cor da pedra é o verde, símbolo de otimismo e perseverança. O futuro da moça se projeta através do poema. Os versos evidenciam um sentimento de otimismo, e a natureza se mostra através da comparação da menina às flores. A palavra “azul” remete a céu de bom tempo e nos passa a idéia de que o eu-lírico deseja uma existência harmoniosa para a moça. Novamente, é trabalhada a questão da pureza, da castidade, que impregna o discurso de muitos poemas, num retorno ao romantismo:

Engastei sobre o azul do teu futuro
A Esmeralda das minhas esperanças
E pousei-a depois nas longas tranças
Do teu louro cabelo ingênuo e puro.

Outro poema que trata da inocência é “Alice”³⁴, de Carlos Teixeira³⁵, em que uma menina interessante, mesmo com pouca idade, já desperta os sentimentos masculinos. O eu-lírico fala de inocência e saúde, próprias da infância. A moça foge do pretendente, mas este deixa claro que esta moça pinta os lábios com carmim. Pode ser que tenha boca vermelha, - evocando juventude e boa saúde - sem maquiagem e fazendo referência a uma certa ousadia da mesma. Assim, percebemos um misto de recato e sensualidade:

Alice, linda criança,
Vem cá, não fujas de mim;
Eu quero desses teus lábios
Roubar-te o carmim.

³² ROCHA, Pinto da. Esmeralda. *Almanaque* 1892. p. 181.

³³ Artur Pinto da Rocha foi poeta, cronista, teatrólogo, historiador, ensaísta, jornalista, diplomado em direito, membro da Academia RS de Letras nasceu em Rio Grande em 1862 e faleceu em 1930 no Rio de Janeiro. Escreveu muitas obras de 1873 a 1908 como *A Estátua*, *A Farsa*, *A Padeira de Aljubarrota*, *Ave Maria*, *Contrastes*, *Entre dois berços*, *o Dilema*, *O Dote da enjeitada*, *O Esqueleto*, *Serenata das flores*, *Talita*, *Talita – Resposta a crítica indígena*, *Testamento do passado*, *Vanissa* e *Visão de Colombo*. Cfe COUTINHO, Afrânio; SOUSA, J. Galante de. *Enciclopédia de literatura brasileira*. São Paulo: Global; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Academia Brasileira de Letras, 2001: 2v.

³⁴ TEIXEIRA, Carlos. A interessante menina Alice. *Almanaque* 1892. p. 227.

³⁵ Idem nota 22.

Já no poema “Eme”³⁶, de Irineu Seabra³⁷, *uma* formosa mulher apaixonou o poeta com toda sua graça e êxtase. O eu-lírico compara a beleza da personagem com a de um anjo, recorrendo ao tema religioso para justificar a pureza. Assim, como vimos anteriormente, constatamos que para serem desejadas as moças deveriam ter um misto de beleza e inocência. Contudo, esta moça se mostra passível de ser tocada, como fica evidenciado nos dois últimos versos do poema. O gozo e o êxtase caminham juntos, se completam, e a alusão à castidade é apenas um referencial à conduta social da moça:

A tua formosura
Meus olhos envelou
Minh'alma apaixonou
A tua trança escura.
(...)
Ó anjo idolatrado
Me faz de eterno gozo
Ficar extasiado.

No soneto “Esperanças”³⁸, de Abdon de Macedo³⁹, Cecina é a mulher cujo olhar fascina e traz ao sujeito poético esperanças de obter seus favores. A esperança neste poema não é simbolizada pela cor verde como no poema “Esmeralda”, mas agora é “doce”. O otimismo, a perseverança ganham a conotação de doçura, de felicidade, de sabor. O poema não é apenas visual, mas passível de degustação:

Cecina, quando me lanças
O teu olhar fascinante
Meu coração palpitante
Nutre doces esperanças.

O último poema selecionado que faz uso de nomes próprios femininos é encontrado no *Almanaque* de 1900, sob o título “Graziella”⁴⁰, de Francisco

³⁶ SEABRA, Irineu. Eme. *Almanaque* 1892. p. 228.

³⁷ Idem nota 22.

³⁸ MACEDO, Abdon de. *Esperanças*. *Almanaque* 1897. p. 213.

³⁹ Idem nota 22.

⁴⁰ MACIEL JUNIOR, Francisco. *Graziela*. *Almanaque* 1900.p. 226.

Maciel Júnior⁴¹, referindo-se a uma moça que perde a vida na flor da idade. No século XIX, muitas epidemias ceifaram vidas, e a morte na juventude era uma constante. Nesse sentido, o eu-lírico passa todo um sentimento de perda e frustração, comparando-a com uma rosa que não sobrevive à ventania:

Tal qual de rosa túrgido botão
Que o vento açoita e ceifa sem piedade
Expiraste nos braços da saudade,
Num calvário de amor e ilusão.

2.1.2 O corpo feminino

Em contrapartida às donzelas virtuosas anteriormente citadas, temos a seguir um novo enfoque sobre o feminino: seu corpo também é tema das páginas do *Almanaque*. A mulher amante, que cede aos instintos masculinos e aos seus também se faz presente tanto quanto as puras e invioláveis. A mulher possível era objeto de veneração dos homens, tanto quanto as impossíveis. Exemplos dessa afirmativa vêm a seguir.

O soneto “Recuerdo”⁴², de Franco César⁴³, fala de amor, o amor carnal, o desejo que é traduzido no corpo da amada. O eu-lírico descreve as curvas da mulher, comparando-a à beleza da escultura em mármore. Aqui a mulher toma forma; não é mais intocada, é uma mulher em cujas características já transparece a estética realista. A sensualidade é vista de forma natural, através da comparação do colo feminino a um ninho, referência à natureza. *Recuerdo*, do espanhol, significa recordação. Daí então se percebe que o sujeito poético lembra de seus momentos junto à amada, como fica evidenciado no começo do poema:

⁴¹ Idem nota 22.

⁴² FRANCO, César. *Recuerdo*. *Almanaque* 1889. p. 10.

⁴³ Idem nota 22.

Lembra o teu corpo sensual, nervoso,
Teu meigo colo, um ninho gracioso,
Talhado em vivo mármore brilhante

Já o poema “Beijos do céu”⁴⁴, de Raimundo Corrêa⁴⁵, mostra uma amante tão sedutora que nem Deus escaparia aos seus encantos. O profano se mistura com o sagrado, e assim o eu-lírico legitima o pecado de desejar e de possuir a mulher amada. O poema choca, mas vai além do desrespeito aos dogmas cristãos, projeta o sentimento do amor carnal além do que possamos compreender:

Santos e anjos beijavam-na... E eu bem via!
Beijavam todos os seus lábios ardentes
E até mesmo, beijando-a, o Onipotente,
O próprio Deus, nos braços a cingia.

A mulher amante aparece no poema “Horas de saudade”⁴⁶, de C. Marques⁴⁷, que cita a ausência dela, sentida pelo sujeito. O eu-lírico menciona o tempo cronológico, argumento típico usado após a Revolução Industrial. A amante traz luz à vida do sujeito poético, e sua lembrança é um tormento para aquele que está longe dela:

Quantas horas passei! Ai! Tu nem sabes
Que martírio infernal

⁴⁴ CORRÊA, Raimundo. Beijos do céu. *Almanaque* 1889. p. 17.

⁴⁵ Raimundo da Motta de Azevedo Corrêa nasceu no Maranhão, em 13 de maio de 1859, e faleceu em Paris, a 13 de setembro de 1911. Foi poeta e juiz, iniciando sua carreira nas letras com a obra “Primeiros sonhos”, onde revelou forte influência de poetas românticos como Fagundes Varela, Casimiro de Abreu e Castro Alves. No ano de 1883, com o livro “Sinfonias”, assume o Parnasianismo e passa a integrar, ao lado de Alberto de Oliveira e Olavo Bilac, a chamada “Tríade Parnasiana”. Os temas adotados por Raimundo Corrêa giram em torno da perfeição formal dos objetos. Contudo, ele se diferencia um pouco dos demais parnasianos, porque sua poesia é marcada por um forte pessimismo, chegando até a ser sombria. Quando analisamos sua obra, percebemos que há nela uma evolução, pois ele iniciou sua carreira como romântico, depois adotou o Parnasianismo, e, em alguns poemas aproximou-se do simbolismo. Sua obra resume-se pelas primeiramente citadas e *Versos e Versões* e *Aleluias e Poesias*. Cfe COUTINHO, Afrânio; SOUSA, J. Galante de. *Enciclopédia de literatura brasileira*. São Paulo: Global; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Academia Brasileira de Letras, 2001: 2v.

⁴⁶ MARQUES, C. Horas de saudade. *Almanaque* 1889. p. 60.

⁴⁷ Idem nota 22.

É amar e viver longe d'amante,
Lembrando-a sempre, a todo instante,
Dela fazendo um lúcido fanal!

O poema “Esfinge”⁴⁸, de M. Fonseca⁴⁹, refere-se a uma mulher que mantém suas formas escondidas atrás do luto, mas que aguça os sentimentos do sexo oposto, sendo comparada a uma deusa. O uso do traje de luto era uma prática comum, que perdurou até a metade do século XX – não só pelas viúvas, mas por todos os familiares próximos. O eu-lírico passa uma idéia de transcendência, já que a morte possui vida através da viúva:

Em crepe as formas sempre tens envoltas
E as tranças louras pela espádua soltas
Como as deusas dos velhos madrigais.

No poema “O teu riso”⁵⁰, de Cyridido Durval⁵¹, há uma comparação dos momentos prazerosos com a amada aos elementos naturais. Novamente a natureza está presente, e o tempo cronológico é a madrugada. O eu-lírico nos remete a um universo de sensações, que aguçam os cinco sentidos. O amanhecer inspira alegria, e principia uma renovação dos sentimentos:

Expira a madrugada: o céu me cante
Desata um riso extenso de alegria,
A natureza acorda, e principia.
Um concerto de amor febricitante.
(...)
A rosa entorna o cálix perfumoso
A planta cresce o pássaro mimoso.
Destila o doce mel dos cantos teus.

O corpo feminino fica evidenciado no soneto “Confissão”⁵², de Eudoro Filgueiras⁵³, em que o sujeito descreve com esmero a silhueta da amada, fazendo um certo rodeio até chegar ao ponto que deseja. Embora distantes dos

⁴⁸ FONSECA, M. Ribeiro da. Esfinge. *Almanaque* 1890. p. 121.

⁴⁹ Idem nota 22.

⁵⁰ DURVAL, Cyridido. O teu riso. *Almanaque* 1890. p. 121.

⁵¹ Idem nota 22.

⁵² FILGUEIRAS, Eudoro. Confissão. *Almanaque* 1891. p. 70.

⁵³ Idem nota 22.

seios “deslumbrantes” da amada, seus pés merecem ser contemplados. Todo o ardor dos sentimentos do eu-lírico está refletido em “fervor” e “febrilmente”, termos que se referem à sensação de contemplar as curvas da amada:

Adoro com fervor a intensidade
Desse olhar poderoso que fascina
...
Adoro febrilmente o pé subtil
Complemento devido ao teu perfil;
Mas confesso, sou franco, sem rodeios
Esmerou-se a natura caprichosa
Nas curvas deslumbrantes de teus seios.

As “Quadras a Lúcia”⁵⁴, de Affonso Guimarães⁵⁵, retratam a sensualidade da mulher amada, desejada, através da descrição das sensações do eu-lírico, que explora carinhosamente o corpo feminino. A ventura e o prazer de possuir a amada são comparados à doçura, ao que proporciona bem-estar e felicidade:

Vejo o amor, o sensualismo.
No clarão dos olhos teus
(...)
Em tuas faces vermelhas
Pairam meus beijos, ó déa
Como um enxame de abelhas
(...)
Ah! Quando te beijo a boca
Minh'alma beija-te os pés!
(...)
É tão doce a ventura,
É tão doce o prazer!

⁵⁴ GUIMARÃES, Affonso. Quadras a Lucia. *Almanaque* 1891. p. 134.

⁵⁵ Afonso Henrique da Costa Guimarães nasceu em Ouro Preto (Minas Gerais) a 24 de julho de 1870 e morreu em Mariana (no mesmo Estado) a 15 de agosto de 1921. Adotou as letras como seu passatempo intelectual favorito. Tomou-se famoso como poeta simbolista, usando o pseudônimo Alphonsus de Guimaraens. Dedicou-se também ao jornalismo, deixando esparsos pela imprensa muitos dos seus trabalhos. Publicou os seguintes livros: *Dona Mística*, *Setenário das Dores de Nossa Senhora*, *Pastoral aos Crentes do Amor e da Morte* e o poema *Kíriale*. cfe COUTINHO, Afrânio; SOUSA, J. Galante de. *Enciclopédia de literatura brasileira*. São Paulo: Global; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Academia Brasileira de Letras, 2001: 2v.

Novamente, o corpo feminino está evidenciado no poema “No banho”⁵⁶, de Damasceno Vieira⁵⁷, que descreve a nudez feminina, com riqueza de detalhes, no momento em que a moça toma um banho de rio, santificando a sua beleza. O eu-lírico a observa encantado, dividido entre a concupiscência e a espiritualidade. A virtude, mesmo estando nua a personagem, sobrepõe-se à sua sensualidade:

Tomba-lhe aos pés a túnica de neve,
E, na plena nudez mais provocante,
Aproxima-se da água murmurante,
Quer ao rio lançar-se e não se atreve!
(...)
Após breve momento, ei-la! Aparece
Tão cheia de esplendores, que parece
A imagem duma santa, nua e casta.

“Luz plena”⁵⁸, de José Augusto⁵⁹, mostra a grande paixão com que é tratada a mulher, que proporciona prazer ao amado. É importante notarmos que o sexo muitas vezes está relacionado com a espiritualidade, como é o caso da primeira estrofe do poema, que associa a voz da amada à voz dos anjos:

Gozar doces eflúvios que se coam
Da voz angelical com que me falas
(...)
Beijar a tua face rosada
Comprimir o teu colo primoroso
(...)
Tudo isto...
É do céu o prazer mais venturoso!

⁵⁶ VIEIRA, Damasceno. No banho. *Almanaque* 1892. p. 181.

⁵⁷ O poeta, jornalista, dramaturgo, historiador e membro do Partenon Literário e da Sociedade Ensaio Literários João Damasceno Vieira Fernandes nasceu em Porto Alegre, em 6 de maio de 1850, e faleceu na Bahia, em 6 de março de 1910. Foi membro do Grêmio Literário e a Nova Cruzada, em território baiano. Como poeta, ligou-se ao positivismo comtiano e, ao publicar *Musa Moderna*, em 1885, iniciou a poesia científica no Rio Grande do Sul. cfe COUTINHO, Afrânio; SOUSA, J. Galante de. *Enciclopédia de literatura brasileira*. São Paulo: Global; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Academia Brasileira de Letras, 2001: 2v.

⁵⁸ AUGUSTO, José. Luz plena. *Almanaque* 1892. p. 221.

⁵⁹ Idem nota 22.

A ausência da amada é descrita no poema “Fome e sede”⁶⁰, de Natividade Lima⁶¹, em que os desejos sexuais masculinos são comparados a necessidades físicas primárias. O eu-lírico fala de desejos que só podem ser supridos através do amor. A natureza é representada através da alusão as pombas, animais que simbolicamente remetem à paz, domesticidade e ternura:

Pomba! Regressas aos teus antigos ninhos!
Minha boca tem fome de teus beijos,
Tem meu afeto sede de carinhos!

“Deslumbramento”⁶², de Febrônio Brito⁶³, é um poema francamente lascivo, que mostra a veemência do impulso erótico. O eu-lírico descreve sensações e a ordem a amada se despe. Podemos ver que o tempo do poema é o noturno, na última estrofe. O ato sexual estava se iniciando, e as emoções, à flor da pele:

E tu soltando a trança, a branca saia
Desprende-te do corpo acetinado
(...)
Ia a noite crescendo, minha amante!
Pela alcova os arquejos languesceram,
Começaram febris naquele instante.

O poema “Corpo”⁶⁴, de Cruz e Sousa⁶⁵, revela a silhueta feminina, que mesmo falecida ainda traz evocações carnais no imaginário do poeta. O eu-

⁶⁰ LIMA, Natividade. Fome e sede. *Almanaque* 1896. p. 8

⁶¹ Idem nota 22.

⁶² BRITO, Febrônio. Deslumbramento. *Almanaque* 1896. p. 169.

⁶³ Idem nota 22.

⁶⁴ SOUSA, Cruz e. Corpo. *Almanaque* 1898. p. 176.

⁶⁵ João da Cruz e Sousa nasceu em 1861 e faleceu em 1898 na cidade de Desterro, atual Florianópolis. Filho de escravos alforriados foi acolhido pelo marechal Guilherme Xavier de Sousa e sua esposa, como filho. Foi educado na melhor escola secundária da região, mas com a morte dos protetores foi obrigado a largar os estudos e trabalhar. Sofreu uma série de perseguições raciais, que culminam com a proibição de assumir o cargo de promotor público em Laguna, por ser negro. Em 1890 vai para o Rio de Janeiro, onde entra em contato com a poesia simbolista francesa e seus admiradores cariocas. Colabora em alguns jornais e, mesmo já bastante conhecido após a publicação de *Missal e Broqueis* em 1893, só consegue emprego na estrada de ferro central. Casou-se com Gavita, negra como ele, com quem teve quatro filhos, sendo que dois faleceram cedo. Sua esposa então enlouquece, e passa vários períodos em hospitais psiquiátricos. Cruz e Sousa contrai tuberculose e vai para a cidade mineira de Sítio, a fim de se tratar. Contudo, falece aos 36 anos de idade, vítima da tuberculose, da pobreza e da discriminação racial. Cfe COUTINHO, Afrânio; SOUSA, J. Galante de.

lírico compara a mulher com as formas clássicas da beleza grega. A anatomia feminina é descrita com esmero. É importante notarmos que o poema é de autoria de Cruz e Sousa, grande ícone da literatura brasileira, um dos precursores do Simbolismo:

As formas imortais, claras e ufanas.
Da graça grega, das belezas puras.
Resplendem na arcangélica brancura
Desse teu corpo de emoções profanas.

2.1.3 Mulher: melodia, música e dança

A música e a dança são manifestações artísticas características encontradas na lírica presente no *Almanaque*. Há poemas que falam da voz feminina, das danças da moda e também do canto. Exemplos dessa afirmativa estão no poema “Ao toque de uma valsa”⁶⁶, de Bernardo Taveira Júnior⁶⁷. Eram comuns os bailes e saraus poéticos, onde as pessoas da sociedade dançavam e declamavam:

Ao toque de uma valsa bem ligeira,
Um belo par na sala deslizava,
Ela, às vezes dizia e não sonhava:
– Quem me dera valsar a noite inteira!

Outra dança característica é a “palomita”, que aparece no poema “Confissão”⁶⁸, de Alfredo Polly⁶⁹. A palomita, dança tipicamente açoriana, era muito comum nesta região. O eu-lírico mostra que o par masculino conduz à dança, mas não quer largar sua companheira. Conforme a regra, os pares são trocados durante a música. As rimas dão ênfase e esse idílio:

Enciclopédia de literatura brasileira. São Paulo: Global; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Academia Brasileira de Letras, 2001: 2v.

⁶⁶ TAVEIRA JÚNIOR, Bernardo. Ao toque de uma valsa. *Almanaque* 1889. p. 17.

⁶⁷ Bernardo Taveira Júnior nasceu em Rio grande, em 5 de junho de 1836, e faleceu em Pelotas, em 19 de setembro de 1892. Foi autor de teatro e poesias, e suas obras de mais conhecidas são *Americanas* (1869); *Provincianas* (1886) e *Poesias alemãs* (traduções, 1875). Publicou um poemeto a memória de Alexandre Herculano. Colaborou na revista do Partenon e em diversos jornais: *Progresso Literário* (Pelotas), *A Ventarola* (Pelotas) e *O Tempo* (Rio Grande). cfe *Almanaque* 1895. p.3.

⁶⁸ POLLY, Alfredo. Confissão. *Almanaque* 1889. p. 43

⁶⁹ Idem nota 22.

Disseram-me, sinhá, que eu não sabia
Dançar como convém a Palomita,
Pois que, de vez em quando, o par devia
Largar, para seguir regra prescrita...

Comparando a voz feminina à melodia, temos o poema “Teus olhos”⁷⁰, de Carlos Miller⁷¹. A anatomia feminina é mostrada através do olhar, que o eu-lírico compara ao fogo, um elemento da natureza. A voz possui doce melodia e, simultaneamente, pode matar e fascinar quem a ouve:

Se tens na voz a doce melodia,
A melodia que fascina e mata,
Oh! Tens no olhar o fogo que irradia,
E d’alma nosso amor retrata.

Os bailes da época são mostrados de forma romântica nas poesias, como em “Depois do baile”⁷², de Demóstenes de Olinda⁷³. O amor romântico predomina na lírica do *Almanaque*, e o eu-lírico nos descreve a sensação da música, o som e descreve o braço feminino como olímpico, ou seja, mais uma alusão à Grécia antiga:

Nada me prende. Solto a olhar em torno,
Não me comove a música sonora
Nem de seu braço o olímpico contorno.

⁷⁰ MILLER, Carlos A. Teus olhos. *Almanaque* 1893. p. 167.

⁷¹ Carlos Alberto Miller nasceu em Rio Grande, em 12 de dezembro de 1855 e faleceu em 8 de maio de 1924. Atuou como poeta, historiador, jornalista e folclorista. É patrono da Academia Sul-rio-grandense de Letras, da cadeira número 13, que foi criada por seu filho, Alcides Miller. Colaborou no *Jornal do Comércio* e na *Revista dos Estudantes de Engenharia*, de Porto Alegre, e no *Riograndense*, de Rio Grande. Além de ter publicado o livro de poemas *Casuarinas* (1880), tem diversos poemas publicados no *Almanaque*. Cfe COUTINHO, Afrânio; SOUSA, J. Galante de. *Enciclopédia de literatura brasileira*. São Paulo: Global; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Academia Brasileira de Letras, 2001: 2v.

⁷² OLINDA, Demóstenes de. Depois do baile. *Almanaque* 1894. p. 95.

⁷³ Demóstenes de Olinda Almeida Cavalcanti nasceu em Vitória do Santo Antão, PE em 1873. Morreu no ano de 1900 e teve como grande obra o livro de poesia *Ortivos* de 1894. cfe COUTINHO, Afrânio; SOUSA, J. Galante de. *Enciclopédia de literatura brasileira*. São Paulo: Global; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Academia Brasileira de Letras, 2001: 2v.

O soneto “Divina voz”⁷⁴, de Teotônio Freire⁷⁵, compara a dicção feminina a instrumentos musicais, como vemos a seguir. O eu-lírico compara os lábios (metonímia para “voz”) dela a um violino, e os sentidos são aguçados pelos verbos gemer e soluçar, que fazem referência a sonoridade e dão uma certa amplitude ao poema, como as notas musicais:

Teus lábios são um violino: canta!
Geme, anseia, soluça e freme... Deixa
Desatar-se esta voz que me quebranta.

“A voz de um anjo”⁷⁶, de Reinaldo Casimiro⁷⁷, faz a mesma comparação do poema anterior, com um aspecto religioso, pois o anjo é divino. O eu-lírico menciona o encantamento do som da flauta. A magia e o fascínio exercidos pelas notas musicais nos transmitem uma atmosfera de paz e fé:

Tua voz é suave melodia,
É conjunto de encantos e magia
(...)
Ela é doce quais sons que, aprimorado
Tira da flauta menestrel magoado.

O canto feminino é elogiado no poema “A uma jovem cantora”⁷⁸, de Benevides L. Barbos⁷⁹. O eu-lírico diz que a melodia é celestial, incorporando novamente o aspecto religioso. A música proporciona um prazer incomensurável, e a harmonia de sua letra tem conotação espiritual:

Canta, canta, que o teu canto,
Como celeste harmonia, seduz, encanta,
Arrebata!
Canta! Teu canto extasia!

⁷⁴ FREIRE, Teotônio. Divina voz. *Almanaque* 1894. p. 119.

⁷⁵ Teotônio Freire nasceu em Recife (1863-1917). É autor do romance *Passionário* de 1897 onde descreve em suas páginas cenas e costumes do carnaval do Recife no século XIX. Cfe COUTINHO, Afrânio; SOUSA, J. Galante de. *Enciclopédia de literatura brasileira*. São Paulo: Global; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Academia Brasileira de Letras, 2001: 2v.

⁷⁶ CASIMIRO, Reinaldo. A voz de um anjo. *Almanaque* 1895. p. 12.

⁷⁷ Idem nota 22.

⁷⁸ BARBOS, Benevides L. A uma jovem cantora. *Almanaque* 1895. p. 152.

⁷⁹ Idem nota 22.

A poesia “Gitana”⁸⁰, de Teotônio Freire⁸¹, nos remete aos movimentos sensuais de uma dançarina cigana. O eu-lírico trata do corpo feminino, dos movimentos e diz que a moça possui certa ousadia. A saia da cigana, rodada, durante a dança deixa à mostra suas pernas, enquanto seu corpo acompanha a música:

E a saia panda, em rápido volteio,
Curta, mostrando a perna modelada,
Roda no espaço, e o pé de curva ousada
Voa, imprimindo ao corpo bamboleio.

2.1.4 A mulher mãe

A figura materna recebeu destaque nas páginas do *Almanaque*. As mães eram homenageadas por vários motivos. O poema “Onze de outubro”⁸², de D. Francisca Sá V. Montenegro⁸³, celebra o aniversário da mãe:

Hoje que colheis mais uma rosa
No precioso jardim da vossa vida,
Mais uma linda aurora de esperanças
Desponta para mim, ó mãe querida!

Já o poema “Minha mãe”⁸⁴, de A. J. Ferreira de Campos⁸⁵, trata da saudade sentida pelo filho, da distância que os separa. Depois da mulher amada, as mães são as mais retratadas no *Almanaque*:

Minha mãe! Minha mãe! Esta distância
Que nos separa, me definha e mata!
Quanto a sorte me foi avara e ingrata
Na minha doce e divinal infância!

⁸⁰ FREIRE, Teotônio. Gitana. *Almanaque* 1898. p. 176.

⁸¹ Idem nota 75.

⁸² MONTENEGRO, D. Francisca Sá V. Onze de outubro. *Almanaque* 1891. p. 198.

⁸³ Idem nota 22.

⁸⁴ CAMPOS, A. J. Ferreira de. Minha mãe. *Almanaque* 1892. p. 221.

⁸⁵ Idem nota 22.

O amor materno é exaltado no poema “Amor”⁸⁶, de Abílio Freitas⁸⁷, em que o sujeito diz que toda mãe é santa, pura. As mães quase sempre receberam na literatura o papel de puras, castas, santas, numa alusão ao divino. As mães são consideradas anjos que dão a vida aos filhos, e por isso merecem o céu:

Mas a quem eu mais adoro
Na quadra alegre da vida
É um anjo de candura
Minha mãe... Ó mãe querida!

A lembrança das mães merece destaque ao longo das edições do *Almanaque*, como no poema “Saudade”⁸⁸, de D. Carlota do Amaral Lisboa⁸⁹ que expressa a dor da morte da mãe, ou mesmo da hipótese dessa perda:

Viver sem ti ó mãe, se algumas vezes
Essa idéia tão triste, negra, horrível,
A mente me assaltava,
Ao contemplar teu rosto tão bondoso,
Eu dizia comigo: é impossível!
E triste suspirava.

“Ser mãe”⁹⁰, de Cândida Abreu Soares⁹¹, expressa a felicidade do nascimento de um filho e, em antítese, a terrível desventura de perdê-lo:

Ser mãe é sentir no peito
Um ninho cheio de amor:
(...)
O mais agudo punhal.
(...)
É qual átomo viver,
Se viu seu filho morrer.

⁸⁶ FREITAS, Abílio. Amor. *Almanaque* 1893. p. 109.

⁸⁷ Idem nota 22.

⁸⁸ LISBOA, D. Carlota do Amaral. Saudade. *Almanaque* 1893. p. 117.

⁸⁹ Idem nota 22.

⁹⁰ SOARES. Cândida Abreu. Ser mãe. *Almanaque* 1895.p. 215.

⁹¹ Idem nota 22.

O poema “Página íntima”⁹², de Deoclécio Silva⁹³, faz uma homenagem de gratidão à mãe. O aprendizado do amor materno é comparado ao livro sagrado. O amor de mãe é exaltado, comparado à luz que irradia sobre a vida do filho:

Na bíblia deste amor, que me ensinaste tanto
Ao despontar da vida,
Acho a todo momento a luz em cada canto
Ó minha mãe querida!

O soneto “Olhar de Mãe”⁹⁴, de Brito Mendes⁹⁵, compara a maternidade a uma estrela; o eu-lírico revela que a luz que irradia da vida do filho vem de sua mãe, como no poema anterior. Novamente, o espaço natural se mostra, na alusão feita aos pássaros e na citação do inverno. O sentimento de solidão permeia o discurso, e nos revela a falta sentida pelo sujeito poético:

Como um pássaro perdido, sem ninho
que foge à rispidez da tempestade,
Sem uma fronde achar, sem um carinho
Que suavize a triste soledade,
Assim sou eu. Sem rumo, sem caminho
fujo ao inverno algente que me invade.

O poema “Minha mãe”⁹⁶, de J. Façanaro⁹⁷, retoma a idéia de sacralização materna, fazendo uso de adjetivos como “bendita”, “querida”, “sagrada” e “amada”. O eu-lírico mostra que a mãe conduz o filho pelos

⁹² SILVA, Deoclécio. *Página íntima*. *Almanaque* 1897. p. 170.

⁹³ Idem nota 22.

⁹⁴ MENDES, Brito. *Olhar de mãe*. *Almanaque* 1898. p. 140.

⁹⁵ José de Brito Mendes Guimarães, cujo pseudônimo é Brito Mendes nasceu em Portugal no ano de 1874. Foi Poeta, teatrólogo, jornalista, professor. Fundador de “*A Arcádia*” (1895), “*O Teatro*” com M. Piedade e Artur Azevedo. Publicou uma série de obras como *A Verdade*, *O Cancioneiro Brasileiro*, *Canções Populares do Brasil*, *Casa ou não casa*, *Chico bumba*, *Lendo Antonio Correia de Oliveira*, *Lusas naus gloriosas*, *Maldição*, *O Campeão de dança*, *O detetive número um*, *O misterioso Casimiro*, *O testamento da prima*, *Orvalhos*, *Os sobrinhos do tio Antão*, *Páginas humanas*, *República e Versos*. Muitas destas obras eram teatrais. O autor faleceu em 1945. cfe COUTINHO, Afrânio; SOUSA, J. Galante de. *Enciclopédia de literatura brasileira*. São Paulo: Global; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Academia Brasileira de Letras, 2001: 2v.

⁹⁶ FAÇANARO, J. *Minha mãe*. *Almanaque* 1899. p. 140.

⁹⁷ Idem nota 22.

caminhos da vida, e a natureza se mostra através das comparações entre as rosas e os lírios:

Minha mãe, minha mãe, prece bendita,
Perolada do amor e de venturas,
De meus lábios nas horas de amarguras...
Minha mãe, minha mãe, luz infinita.

O último poema selecionado que usa o tema maternidade é o soneto “Mãe”⁹⁸, de Moreira Cavalcanti⁹⁹. Também neste, expressões como “mãos postas”, “sagradas” e imaculadas” trazem sugestões de religiosidade. A saudade da mãe se torna mais dolorosa porque ela está distante:

No coração – o vasto relicário
Vejo-te, ó mãe, velhinha imaculada
E, de mãos postas, julgo me abençoas!

2.1.5 Mulher e casamento

Outro aspecto que encontramos no *Almanaque* são os poemas relacionados ao casamento. O matrimônio era o ideal de vida almejado pela sociedade, por todas as razões morais e materiais que o compreendiam. Do ponto de vista dos jovens, significava a oportunidade de concretizar seus desejos de intimidade erótica. Como primeiro exemplo, apresentamos o poema “Alianças”¹⁰⁰, de C. Marques¹⁰¹, em que o compromisso do casamento é mostrado pelo eu-lírico como indissolúvel, pois nem mesmo a morte poderá retirar a aliança do dedo, nem levar consigo o amor então jurado:

Uma aliança significa um laço,
De amor jurado, sedutor laurel;
(...)
Na morte levarei comigo ,

⁹⁸ CAVALCANTI, Moreira. Mãe. *Almanaque* 1899. p. 153.

⁹⁹ Idem nota 22.

¹⁰⁰ MARQUES, C. Aliança. *Almanaque* 1889. p. 28.

¹⁰¹ Idem nota 22.

Preso no dedo teu divino anel.

O poema “Coroa”¹⁰², de Afonso Guimarães¹⁰³, fala da cerimônia de casamento, e a religiosidade do momento não é esquecida. Os desejos já não serão mais reprimidos, pois agora estarão sob a benção nupcial. Passagens bíblicas são sugeridas, como a referência a Maria Madalena, a raça hebréia e as filhas da Judéia. Cristo é descrito como rabino, numa alusão à fé judaica. As rimas sugerem musicalidade, e a moça passa de imaculada a amante:

Farás uma coroa, minha amada,
Da tua loura cabeleira espessa,
Que num fulgor de luz imaculada,
Aureola-te a cabeça...

(...)

Não teme mais o fogo de teus beijos
O meu amante, ó flor da raça hebréia

(...)

De meus cabelos a coroa feita
Eu te ofereço, ó íris de esperança,
Pois Madalena em lágrimas desfeita,
Não teve essa lembrança!

Em “Um voto”¹⁰⁴, de João Capistrano Nonato de Souza¹⁰⁵, o sacramento do matrimônio é mostrado como um grande passo na vida da mulher, já que esta deixa para trás a infância e a virgindade para então assumir o papel de esposa, de senhora. O eu-lírico compara-a a um anjo, e diz que a virtude deve estar sempre com ela. A natureza é representada pelos astros que assistem ao casamento, ressaltando assim a importância do enlace:

Neste instante cor de rosa
Em que deixas sem vertigem
Tua grinalda de virgem
Em troca do véu de esposa

(...)

De flores se veste o prado,

¹⁰² GUIMARÃES, Afonso. *Coroa*. *Almanaque* 1891. p. 207.

¹⁰³ Idem ao 56.

¹⁰⁴ SOUZA, João Capistrano Nonato de. *Um voto*. *Almanaque* 1894. p. 112.

¹⁰⁵ Idem nota 22.

Estrelas o céu exornam:
São os astros que se adornam
Pra assistir ao teu noivado.

O soneto “Noiva”¹⁰⁶, de Vicente Lucas de Lima¹⁰⁷, mostra a insegurança da moça em relação ao matrimônio. O eu-lírico argumenta que no lar nupcial a moça terá a segurança de que necessita, pois um lar a todos enobrece:

Se são penas de amor, não entristeças tanto
Da firmeza o cultivo a confiança enriquece
Aumenta nosso afeto e suaviza o pranto
A meiguice do amor nossa alma fortalece
A constância compõe um amorável canto
Terás o bem no lar que a todos enobrece.

Outro poema intitulado “Noiva”¹⁰⁸ de Hermeto Lima¹⁰⁹ fala da mulher que casa a contragosto, por conveniência ou por imposição. A personagem desse soneto fora cortejada inúmeras vezes, entretanto acabou se casando com quem não desejava. A moça tenta deter o pranto, para esconder seu descontentamento. A natureza se reflete nos pássaros e nas estrelas:

Essa que eu vi outrora cortejada
Entre roupas alvíssimas de espuma
Vai desprender-se as folhas uma a uma
Da capela que traz imaculada
(...)
As aves cantam dos jardins e ao vê-las
Modulam, sinto fúlgidas estrelas
(...)
Eu fico pasmo e perturbado a um canto
Vendo-a tristonha reprimindo o pranto
Passar nos braços de um Marquês austero.

¹⁰⁶ LIMA, Vicente Lucas de. Noiva. *Almanaque* 1898. p. 105.

¹⁰⁷ Embora tenham sido consultadas várias fontes referentes à biografia e pseudônimo de autores, não foram encontrados dados referentes a este autor.

¹⁰⁸ LIMA, Hermeto. Noiva. *Almanaque* 1900. p. 123.

¹⁰⁹ Hermeto Lima nasceu em 1872 em Belém-do-Pará. Poeta, jornalista, historiador e membro da Academia Carioca de Letras. Publicou *Estalagmites* em 1898 e *Íris* em 1906, ambas obras em verso. Faleceu no Rio de Janeiro em 1947. cfe COUTINHO, Afrânio; SOUSA, J. Galante de. *Enciclopédia de literatura brasileira*. São Paulo: Global; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Academia Brasileira de Letras, 2001: 2v.

Um terceiro poema de título idêntico¹¹⁰, de Gonçalves Crespo¹¹¹, coroa o universo matrimonial com uma nubente que se sente feliz ao receber a bênção. O desejo do casamento e o medo que ela sente de ficar junto intimamente será finalmente concretizado. O ápice do poema pode ser configurado nas palavras “sim” e “enfim”, nos últimos versos das estrofes 3 e 4:

Ante o altar se inclina
A noiva a purpurina
Murmura a medo: – sim!

Agora é noite; a lua
No céu azul flutua
E o noivo diz: – enfim!

2.1.6 A mulher: “outros olhares”

As páginas do *Almanaque* não traziam apenas elogios às mulheres. A mulher que perdeu a virgindade, velha, feia, amarga, traidora e/ou lasciva também aparece com frequência ao longo dos poemas. Estes são os aspectos que abordaremos a seguir.

Nos versos de “Mulher cadáver”¹¹², de César Franco¹¹³, o eu-lírico fala de uma mulher que não mais possui os encantos da juventude, bem como seu bem mais precioso, a castidade. Os homens já não a desejam, e o sentimento de remorso a persegue, desde o seu mau passo. A natureza aparece na forma de comparação, em que a juventude é representada pela crisálida:

Rolam do tempo, em tua face pálida,
As caprichosas rugas salientes,
E há muito que, mulher, caveira esquálida
Por ti não pulsam corações ardentes
De tua virgindade, outrora cálida
Ri-se o burguês e tu remorsos sentes

¹¹⁰ CRESPO, Gonçalves. Noiva. *Almanaque* 1900. p. 226.

¹¹¹ Antônio Cândido Gonçalves Crespo nasceu em 1846 no estado do Rio de Janeiro e faleceu em 1883 em Lisboa. Político e poeta, estudou na Universidade de Coimbra. Suas obras são *A Folha 1869*, *Contos para nossos filhos*, 1886, *Extravagâncias extraordinárias ou as fantasias da bandarra*, *Miniaturas*, *Noturnos*, *Obras completas e Poesias*. cfe COUTINHO, Afrânio; SOUSA, J. Galante de. *Enciclopédia de literatura brasileira*. São Paulo: Global; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Academia Brasileira de Letras, 2001: 2v.

¹¹² FRANCO, César. Mulher cadáver. *Almanaque* 1889. p. 38.

¹¹³ Idem nota 22.

A louca borboleta, que crisálida
Um dia foi, as asas transparentes.

O poema “Insulto”¹¹⁴, de E. Silva¹¹⁵, fala de uma mulher que deprezava os homens, não se mostrando receptiva a galanteios. O eu-lírico declara que essa mulher usava as palavras de forma irônica, e o seu olhar fulminava os pretendentes. Contudo, por ser assim, estava condenada à solidão e às mazelas da velhice, como vemos nos últimos versos do poema:

Contou-me alguém o motivo
Dessa raiva tão mordente...
Teu primo disse-te ao vivo,
Este insulto impertinente:
Tu hás de ficar um dia
(triste presságio, bem vês)
Velha, feia, doentia,
E reumática talvez.

“*Memento quia*”¹¹⁶, de Afonso Guimarães¹¹⁷, fala de uma mulher que despreza as pessoas ao seu redor, e que tenta de todas as maneiras se esquivar da inevitável velhice. Esta mulher é cheia de orgulho e empáfia, o que a torna amarga. O eu-lírico afirma que depois da morte todos somos iguais, comparados a uma carcaça canina. A forma da poesia é o soneto:

Eu bem vejo, mulher! Tu és ditosa
E julgas ter a perenal couraça
Que da velhice te defende... A rosa
Cai-lhe a beleza quando o vento passa

Depois, tu sabes bem, uma carcaça
De um homem seja ou mulher formosa,
Seja de um cão, é sempre igual em massa
É sempre negra e vil, sempre asquerosa.

¹¹⁴ SILVA, E. Insulto. *Almanaque* 1889. p. 55.

¹¹⁵ Idem nota 22.

¹¹⁶ GUIMARÃES, Afonso. *Memento quia*. *Almanaque* 1890. p. 110.

¹¹⁷ Idem nota 55.

O poema “São gostos”¹¹⁸ de Pedro Antônio de Miranda¹¹⁹ faz uma crítica bem-humorada aos costumes das mulheres do período, na indumentária e no comportamento. Também se refere aos homens, debochando de sua orientação partidária:

Gosto de ver uma velha
De Poisson rebitado
Com a bochecha vermelha
Na rua de braço dado.

Gosto de ver uma moça
Com seus sapatinhos novos
Como se fosse de louça
Boneca que pisa em ovos.

Gosto de ver um rapaz
De bigodinho torcido
Falando como um cartaz
De seu moderno partido.

A mulher desprovida de beleza é alvo de desprezo em “Não percas o teu latim”¹²⁰ de Olympio Bonald¹²¹. A feiúra da personagem causa repulsa, como evidencia o eu-lírico. A sua bondade não é o suficiente para que seja selado o compromisso de amor.

Sinhá, desculpa a franqueza.
Do teu rude trovador:
És feia como a põe-mesa,
Não posso votar-te amor!

Tu me inspiras ódio eterno,
Ai, tu me causas horror!

O poema “Bem-aventuranças”¹²², de Joaquim Álvares dos Reis¹²³, explana, com certa ironia, sobre a condição feminina no século XIX. O eu-lírico

¹¹⁸ MIRANDA, Pedro Antônio de. São gostos. *Almanaque* 1891. p. 118.

¹¹⁹ Pedro Antônio de Miranda nasceu em 1835 no Rio Grande do Sul. Morreu em Pelotas em 1900. Foi autor da obra *Sinopse Gramatical*. cfe BLAKE, Augusto Vitorino Alves Sacramento. *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1902. 7 v.

¹²⁰ BONALD, Olympio. Não percas o teu latim. *Almanaque* 1892. p. 122.

¹²¹ Idem nota 22.

¹²² REIS, Joaquim Álvares dos. Bem-aventuranças. *Almanaque* 1893. p. 129.

traça um panorama da sociedade, com seus preconceitos e suas regras de conduta:

Bem-aventuradas as mães que casam as filhas antes de fugirem com os noivos...

Bem-aventurados os moços pobres que casam com moças ricas, pois nunca lhes faltará dinheiro para suas fantasias.

Bem-aventurada a moça feia porque está livre de pretendentes e a salvo da calúnia.

A mulher que trai aparece com freqüência ao longo do *Almanaque*. O poema “Traição”¹²⁴, de Alfredo Cruz¹²⁵, fala desse tema usando a comparação da mulher traidora com as juritis, aves comuns no Brasil. A juriti pula de moita em moita, mas o caçador a persegue. Nesse poema, a juriti simboliza a mulher infiel e o caçador, o marido traído. Então, nessa peleja entre caçador e caça, a caça é abatida, ou seja, o marido lava sua honra com sangue. A forma poética é o soneto:

Borda-se o céu das tintas luminosas
Da branda rubidez das madrugada
E já, nos verdes ramos debruçada
as ternas juritis gemem saudosas

(...)

Depois de um tiro a queda moribunda
Da plumosa cantora gemebunda
Quem é que não sucumbe a vil traição?

A mulher que cede aos desejos é tema do poema “Nana”¹²⁶, de Acrísio Mota¹²⁷. O eu-lírico compara a beleza dessa mulher à das santas, mas o seu jeito de amar faz o homem esquecer de Deus e da castidade. As mulheres

¹²³ Idem nota 22.

¹²⁴ CRUZ, Alfredo. Traição. *Almanaque* 1893. p. 177.

¹²⁵ Idem nota 22.

¹²⁶ MOTTA, Acrísio. Naná. *Almanaque* 1893. p. 223.

¹²⁷ Acrísio Motta nasceu em Bragança, PA, no ano de 1866. Foi poeta, contista, romancista, jornalista, membro da Academia Mina da Literatura (Belém). Faleceu em 1907, na mesma cidade. Publicou um livro de poesias denominado Coisas Profanas em 1895, e o conto Fadas e Lobisomens de 1908. cfe COUTINHO, Afrânio; SOUSA, J. Galante de. *Enciclopédia de literatura brasileira*. São Paulo: Global; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Academia Brasileira de Letras, 2001: 2v.

possíveis exercem fascínio nos homens, e o desejo sobrepõe-se aos escrúpulos:

Às vezes, quando vê-la somente
A rendada camisa de bretanha
És uma santa, singular, estranha
Nas doces vibrações enlanguescidas
Da luz do teu olhar, vão-se perdidas
A crença em Deus, na fé e na castidade.

O soneto “Messalina”¹²⁸, de Octacílio de Oliveira¹²⁹, também fala desse tema, e o eu-lírico descreve uma mulher que seduz os homens, que se submetem a seus caprichos, escravizando-os:

De olhar celeste, lúbrica e radiosa
Traz ao carro de rainha acorrentados
Tantos e tantos corações, levados
Pelo capricho de mulher formosa.

Novamente, a mulher que trai está em evidência no poema “Perdão”¹³⁰, de Alfredo Caldas¹³¹. O eu-lírico expressa a revolta e mágoa de ser traído. A natureza é inserida no poema, através das flores, e em suas quadras ficam evidenciados os sentimento da vítima da traição:

Nem mesmo quero lembrar
Se algum dia já te amei
Ah! Fui louco: o coração
A teus pés sem dó joguei!

O poema “Rameira”¹³², de D. Luiza Amélia¹³³, retrata uma prostituta, entretanto sem a recriminar, pois o eu-lírico a considera corrompida por um homem perverso. Narra sua trajetória de vida, e esclarece a condição de órfã

¹²⁸ OLIVEIRA, Octacílio de. Messalina. *Almanaque* 1895. p. 133.

¹²⁹ Idem nota 22.

¹³⁰ CALDAS, Alfredo. Perdão. *Almanaque* 1894. p. 225.

¹³¹ Idem nota 22.

¹³² AMELIA, D. Luiza. Rameira. *Almanaque* 1897. p. 139.

¹³³ Luiza Amélia de Queiróz nasceu no Piauí em 1846 e faleceu em 1898. Publicou as obras *Flores Incultas*, Parnaíba 1875 e *Georgina*, poema em cinco cantos no Maranhão 1894. cfe COUTINHO, Afrânio; SOUSA, J. Galante de. *Enciclopédia de literatura brasileira*. São Paulo: Global; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Academia Brasileira de Letras, 2001: 2v.

tornou-a indefesa e lhe trouxe as vicissitudes da vida desregrada da prostituição. É importante notarmos que este discurso é de autoria feminina:

Aquela mulher formosa,
De vestido cor-de-rosa
E flores no penteado,
É uma pobre rameira
Dos vícios levada à esteira
Por um rico desalmado.
(...)
Seu pai, honesto operário
Por um trabalho diário
Tinha o pão para a família
Mas um dia vem-lhe a morte,
Segue-lhe a triste consorte,
Fica só a pobre Emília.

“Teu bem”¹³⁴, de D. João da Câmara¹³⁵, retoma a temática da infidelidade, e o eu-lírico adverte os homens de que as mulheres podem traí-los quando menos esperam. Com certa ironia o sujeito poético trata a questão do adultério, em que a culpa é sempre das mulheres. Em contrapartida, aos homens tudo é permitido:

Nesse castelo encantado
Onde o teu bem te sorriu,
Um outro entrou disfarçado
Teu bem a porta lhe abriu.

Portanto, por meio da análise desta série de poemas conseguimos traçar um panorama da condição feminina no século XIX e verificar que alguns tabus como a virgindade ainda eram regra. O casamento ainda é valorizado, as prostitutas não são aceitas em sociedade e as mães têm a admiração dos filhos. Com isso, vemos que os anos passam, as gerações se renovam, mas certos conceitos e normas de conduta não mudam, se perpetuando através dos séculos.

¹³⁴ CAMARA, D. João da. Teu bem. *Almanaque* 1897. p. 157.

¹³⁵ Idem nota 22.

2.2 A religiosidade

O *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* abrigou em suas páginas diversas manifestações literárias de cunho religioso, como veremos a seguir. No século XIX, o Brasil e o Rio Grande do Sul passavam por uma série de mudanças no campo político e social, como já dissemos. Nesse sentido, a questão religiosa também estava em ebulição, e presente na literatura, não somente recorrendo ao mito cristão para mover críticas à Igreja, mas naquilo que há de mais puro relacionado à fé propriamente dita. Os poemas falam de Deus e de sua onipotência, de Jesus Cristo, da grande traição de Judas, de orações como o Credo e a Ave Maria, ou invocavam santos como Nossa Senhora das Dores.

Nesse sentido, podemos ver exemplos de religiosidade como no poema “Deus”¹³⁶, de Antônio Dantas Barbosa¹³⁷, que mostra toda a fé proveniente da adoração a um ser divino, que manifesta sua presença através da natureza. Deus está presente na vida do homem, e o eu-lírico reconhece Sua onipresença e onipotência em todas as esferas da vida. Mesmo a mulher amada, embora instigue as pulsões eróticas, reflete o divino. Contudo, o poema é um exemplo de fé, devoção e agradecimento, pois o nome de Deus é lido, ouvido e sentido, numa sinergia de emoções, expostas ao longo de suas estrofes, como vemos no trecho abaixo:

No fulgor da linda estrela,
Nesse encanto, nessa luz
Que fascina e que seduz
No cair da noite bela:
... das aves no meigo canto
... na mulher a quem adoro
... em tudo que eu ouço
Leio só teu nome – Deus.

O poema “Cristo e a lenda”¹³⁸, de Albino Costa¹³⁹, (onde o uso da palavra “lenda” é um pouco contraditório à fé), trata da exposição de Cristo e

¹³⁶ BARBOSA, Antônio Dantas. Deus. *Almanaque* 1890. p. 108.

¹³⁷ Idem nota 22.

¹³⁸ COSTA, Albino. Cristo e a lenda. *Almanaque* 1893. p. 203-204

sua crucificação, que ocorreu sem o mesmo ter praticado nenhum mal a ninguém, como afirma o sujeito poético. O mito da crucificação do filho de Deus é trabalhado ao longo do poema, expressando a revolta de alguém que não compreende a razão de tamanha monstruosidade. O eu-lírico fala de sua perplexidade e indignação, e ao longo do poema se pergunta o porquê de tanta maldade. Recorda as orações em família, dos risos infantis e a bênção materna. O eu-lírico se remete ao seu universo no tempo da infância, a atenção e o afeto de sua mãe. “Nazareno” é um dos sinônimos do nome de Jesus segundo a fé judaico-cristã:

Que mal fazias tu, ó doce Nazareno.
Sarça ardente de fé, ó pálido Jesus
Nessa augusta mudez, fechado, o olhar sereno
E o corpo, onde passou a esponja do veneno
Pregado numa cruz.

(...)

Em outros tempos, quando eu era pequenino
Entre os risos da infância e a bênção maternal
Ouvindo as orações do ritual divino
Sentia um quer que fosse, imenso, peregrino, e execrava
o mal.

A paixão de Cristo é narrada no poema “No calvário”¹⁴⁰, de João Clímaco de Faria¹⁴¹, em que o eu-lírico fala da agonia de Jesus. O filho de Deus dá por cumprida a sua missão entre os judeus, e também é comentado algo sobre o traidor Judas:

Do calvário em meio do suplício
Disse Jesus, erguendo os olhos seus:
“Pai, já está completo o sacrifício
De pregar teu nome entre os judeus”.

¹³⁹ Albino Costa nasceu em Severo de Vouga, Portugal em 1857. Foi poeta, economista e jornalista. Suas principais obras foram *Cristo e a Lenda* de 1893, *A epopéia do azul* de 1922 e *Epopéia da raça*, ambos de 1922. cfe COUTINHO, Afrânio; SOUSA, J. Galante de. Enciclopédia de literatura brasileira. São Paulo: Global; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Academia Brasileira de Letras, 2001: 2v.

¹⁴⁰ FÁRIA, João Clímaco de. No Calvário. *Almanaque* 1893. p. 236.

¹⁴¹ Idem nota 22.

No poema “Credo”¹⁴², de Joaquim Álvares dos Reis¹⁴³, o amor romântico, a amizade e o casamento, embora sejam relações tipicamente humanas, são associados à santidade, numa recriação parafrásica da conhecida oração cristã:

... Creio nas conseqüências santas,
na comunicação das confidências íntimas,
na remissão do passado,
na eficácia da amizade e
na felicidade do casamento. Amém

Também fazendo referência a orações, temos o poema “Ave Maria”¹⁴⁴, de Santafé¹⁴⁵. O eu-lírico faz uso da musicalidade da versão original para homenagear a Virgem Maria. A santidade e a castidade de Maria são frisadas ao longo das sete quadras do poema:

Ave Maria, amorosa
Mãe dos tristes pecadores
Dá-nos alívio nas dores
Vela por nós piedosa.
Cheia de graça e doçura
Deus é contigo, Senhora
Mais bela és que a luz da aurora
Virgem casta, Virgem pura!

O poema “A consciência de Judas”¹⁴⁶, de L. Tenório Cavalcanti¹⁴⁷, fala da traição cometida contra Jesus Cristo, e mostra como tal evento ficou arraigado na mentalidade ocidental. Judas é mostrado como insano, delinqüente, mas vem a arrepender-se:

Judas, o detestado e grande delinqüente
Possuía uma consciência austera a toda altura
Que, da sua traição expondo-lhe a negrura

¹⁴² REIS, Joaquim Álvares dos. Credo. *Almanaque* 1895. p. 122.

¹⁴³ Idem nota 22.

¹⁴⁴ SANTAFÉ. Ave Maria. *Almanaque* 1895. p. 152.

¹⁴⁵ Idem nota 22.

¹⁴⁶ CAVALCANTE, L. Tenório. A consciência de Judas. *Almanaque* 1897. p. 185.

¹⁴⁷ Idem nota 22.

A um remorso voraz o deu completamente.

O soneto “Nossa Senhora das Dores”¹⁴⁸, de Dr. Wenceslau de Queiróz¹⁴⁹, exprime a fé dedicada à santa. O eu-lírico compara-a a sua mãe e recorda a sua infância. Novamente, como vimos no item que trata da figura feminina, a mãe é considerada santa, em que o ato de dar à luz tem uma conotação divina:

Junto do teu altar. Ó mãe sagrada,
Eis-me constricto, orando como um crente
A alma num sonho místico enlevada
No teu olhar o meu olhar ardente.
Tua imagem recorda-me outra imagem
Que além se esfuma
Além, visão perdida
Longe da minha infância na miragem.

O último poema selecionado traz à tona novamente o uso das orações para a realização poética. “Ave Maria”¹⁵⁰, de Delfim de Brito Guimarães¹⁵¹, fala da adoração à Virgem, como símbolo de fé e respeitabilidade. O azul do céu alude à ligação da natureza com o divino:

Ave Maria, senhora santa
Cheia de graça e de magia
...
No azul do céu
Junto ao Senhor
Rogai por nós
Ó mãe de Deus!

Nesse sentido, constatamos que os poemas religiosos, embora não tendo uma qualidade estética como os demais, nos remetem a uma temática

¹⁴⁸ QUEIRÓZ, Dr. Wenceslau de. Nossa Senhora das Dores. *Almanaque* 1898. p.140.

¹⁴⁹ Idem nota 22.

¹⁵⁰ GUIMARÃES. Delfim de Brito. Ave Maria. *Almanaque* 1898. p. 145.

¹⁵¹ Delfim de Brito Guimarães nasceu em 1872 e faleceu em 1933. Poeta, ensaísta e bibliófilo português foi fundador da Editora Guimarães Libâneo e Cia. em 1903. Escreveu diversas obras, mas o que se destaca são as traduções de *As flores do mal* e *A dama das camélias*. Cfe COUTINHO, Afrânio; SOUSA, J. Galante de. *Enciclopédia de literatura brasileira*. São Paulo: Global; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Academia Brasileira de Letras, 2001: 2v.

poética muito utilizada no século XIX, que reflete a religiosidade do período e o desejo de encontro com o divino, exemplificados neste trabalho.

2.3 A infância

A infância foi privilegiada nas edições do *Almanaque*, onde os poemas dessa temática tiveram a missão de descrever o universo infantil do século XIX. O universo onírico dos sonhos, fantasias e das emoções remetia a um amor idealizado, puro, próprio das crianças. A infância é período de pureza, estabilidade, segurança, sendo a criança modelo de perfeição, renovação da alma e da sociedade. Muito comum é encontrarmos no *Almanaque* pais falando de seus filhos através da linguagem poética, comparando-os muitas vezes com filhotes, numa alusão à natureza. A literatura brasileira trata também da temática infantil, da saudade do tempo vivido, do orgulho da paternidade, da renovação dos ideais e da sociedade através das novas gerações. A mocidade, momento sublime, tem seu ápice na infância, onde temos mais liberdade e mais proximidade com o criador. É tema característico do Romantismo, onde o sentimento de evasão está presente nos poemas.

Como primeiro exemplo do tema infantil temos o poema *Êxtase*¹⁵², de E. Silva¹⁵³, onde o eu-lírico compara o bebezinho da poesia aos pintinhos, aninhados debaixo da galinha. Como o bebê deixa cair sua mamadeira, os pintos logo avançam para degustar o seu leite, o que faz a criança dar seu primeiro engatinhar:

Estava o bebê sentado
Junto ao berço, em desalinho
Como algum implume alado
Que se aconchega do ninho

Uma galinha da angola
Dava aos pintos, meiga e terna,
Todo o calor que se evola
Da sua asa materna

¹⁵² SILVA, E. *Êxtase*. *Almanaque* 1889. p. 72

¹⁵³ Idem nota 22.

Vendo o quadro gracioso,
Fiquei risonho, de pé,
Sem saber qual mais mimoso
Se os pintinhos, se o bebê.

No poema “O que eu amo”¹⁵⁴, de F. de Paula Pires¹⁵⁵, o eu-lírico explana a respeito de seus ideais morais e sociais, mas todo o amor devotado aos mesmos não é maior do que o sentimento pelos seus filhos:

Às leis sempre me curvo submisso,
E do bem procurando amenos trilhos
Sempre alegre me acho a seu serviço

Amo da glória os refulgentes brilhos,
Mas amo muito mais que tudo isso
A paz, o bem estar dos meus filhos.

O poema *Otacília*¹⁵⁶, de Santos Souza¹⁵⁷, é ofertado pelo pai da menina, por ocasião de seu décimo aniversário. O eu-lírico se utiliza da natureza, evocando os astros, as aves, a primavera e as flores:

Nos toscos versos meus, querida filha
Um mundo de esperanças hoje vai
E que tenhas na vida feliz trilha
Estes são os desejos de teu pai.

Saudades da infância¹⁵⁸, de Francisca Sá Montenegro¹⁵⁹, é um poema que se baseia na musicalidade de Casimiro de Abreu em “Meus oito anos”. Como o poeta, o eu-lírico utiliza o refrão “oh como tenho saudades”, em todas

¹⁵⁴ PIRES, F. De Paula. O que eu amo. *Almanaque* 1889. p. 82.

¹⁵⁵ Francisco de Paula Pires, cujos pseudônimos são Felício Peres, Júlio Silvino, Marylandico, nasceu em 1846 na cidade de Pelotas. Foi poeta, contista, cronista, jornalista e bibliotecário. Suas principais obras foram: *A Caridade; A Esperança; Charitas; De moço a velho; Dispersas; O Rio Grande do Sul; Quadros horripilantes; Radical; Rimas; Sonoras e Tribuna Literária*, todos de 1883 a 1903. cfe COUTINHO, Afrânio; SOUSA, J. Galante de. *Enciclopédia de literatura brasileira*. São Paulo: Global; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Academia Brasileira de Letras, 2001: 2v.

¹⁵⁶ SOUZA, Santos. Otacília. *Almanaque* 1889. p. 121.

¹⁵⁷ Idem nota 22.

¹⁵⁸ MONTENEGRO, D. Francisca Sá Vianna. Saudades da infância. *Almanaque* 1890. p. 63

¹⁵⁹ Idem nota 22.

as estrofes do poema. A infância é exaltada, como um tempo que não volta mais, mas que merece todo o saudosismo:

Oh! Como tenho saudades
Da minha infância querida
Das delícias já passadas
Do albor da minha vida!

O poema *Saudação*¹⁶⁰, de Fernando Jacinto Osório¹⁶¹ é ofertado ao décimo segundo aniversário de uma menina. Durante a análise do *Almanaque*, constatamos que as poesias referentes a homenagens eram uma constante, e sempre ressaltavam as qualidades da pessoa homenageada:

Que sejas por longos anos
As delícias de teus pais
Nessa senda virtuosa
Pela qual trilhando vais!

“Conselho”¹⁶², de Ernesto Machado¹⁶³, é um poema que, como o título afirma, aconselha uma criança para que não se desvie do bom caminho, e fique imune das vicissitudes mundanas. O sujeito poético está impregnado de pessimismo, como na afirmação de que a vida é ingrata, dolorida e rude, mas uma certa esperança se mostra através das brincadeiras infantis e na virtude decorrente desses tenros anos:

Da vida ingrata, no fatal caminho
Não vaciles de dor, acerba e rude
Brinca, brinca cantando, ó louro anjinho,
Entre as rosas gentis da sã virtude!

¹⁶⁰ OSÓRIO, Fernando Jacinto. Saudação. *Almanaque* 1890. p. 72.

¹⁶¹ Fernando Jacinto Osório nasceu em Santana do Livramento. Foi poeta, jornalista, diplomado em farmácia. Escreveu *A memória do Herval* e *Violetas* em 1889-91. cfe COUTINHO, Afrânio; SOUSA, J. Galante de. *Enciclopédia de literatura brasileira*. São Paulo: Global; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Academia Brasileira de Letras, 2001: 2v.

¹⁶² MACHADO, Ernesto. Conselho. *Almanaque* 1890. p. 86.

¹⁶³ Idem nota 22.

O poema “Meus filhos”¹⁶⁴, de Pedro Jacques¹⁶⁵, oferece uma estrofe a cada criança. O eu-lírico fala de suas qualidades, e de suas travessuras próprias da infância. Já no primeiro verso do poema temos a afirmação de que o menino é muito arteiro, e o pai faz uma comparação do guri ao diabo. Já Margarida é uma estrela; Sofia um anjinho e João ainda não conhece o pai, mas já dita seu futuro:

Eugênio, um diabrete o menino!
Fala pelos cotovelos
E revela muito tino
Podera! Sou pai! Desvelos...
Margarida (...) uma estrela
Sofia (...) um anjinho
João (...) o riso lhe enflorece os lábios.

Nos versos do poema “O passado”¹⁶⁶, de Carlota do Amaral Lisboa¹⁶⁷, fica evidenciada a saudade que o sujeito poético sente da infância. A natureza está presente nas flores, na fragrância exalada por elas e na luz brilhante na qual a mocidade representa. O eu-lírico afirma que não damos valor aos momentos presentes, mas que quando estes passam nosso coração se impregna de saudosismo e desejar um retorno é inevitável:

Quanto de nós mais distante
Mais belo tu nos pareces
Ó passado, luz brilhante
É flor que nunca feneces!

A menina enferma do poema “Doente”¹⁶⁸ de Fernando Jacinto Osório¹⁶⁹ consegue nos comover diante de tamanha desventura, e o eu-lírico descreve o ambiente físico no qual a criança estava. A escuridão do aposento era quebrada por um raio de luz que cortava as frestas do quartinho, e esta luz também representa a esperança de cura da menina:

¹⁶⁴ JACQUES, Pedro. Meus filhos. *Almanaque* 1890. p. 104

¹⁶⁵ Idem nota 22.

¹⁶⁶ LISBOA, D. Carlota do Amaral. O Passado. *Almanaque* 1891.p. 133.

¹⁶⁷ Idem nota 22.

¹⁶⁸ OSÓRIO, Fernando Jacinto. Doente. *Almanaque* 1892. P. 129

¹⁶⁹ Idem nota 162.

Entrei na alcova pequenina dela
Que estava assim, então semi-escura
E tremi de emoção, meu Deus, ao vê-la
Repousando um leito de amargura

Também recordando a época infantil temos o poema “Saudades da infância”¹⁷⁰, de Leodegário Varejão¹⁷¹, onde o sujeito poético narra sua trajetória, numa época em que as manhãs eram mais belas e as noites mais estreladas, o canto das aves harmônicas, os bosques mais floridos, e o eu-lírico, fala de um indiozinho guarani, de arco e flecha, que caçava preás. Toda esta nostalgia nos mostra um cenário propício ao deslumbramento, ao gozo e à felicidade:

Como me lembro saudoso
Dos meus dias de menino
Dos brincos de pequenino
Dos tempos que lá vão
Naqueles tempos de infante
Era mais grato o viver
As manhãs mais belas
As noites mais estreladas

A menina que trouxe alegria para a vida do pai está retratada no poema “Sorrindo”¹⁷², de Costa e Silva¹⁷³. O sujeito poético afirma com precisão que sua vida passou de uma fase negra para o despontar do amanhecer, quando do nascimento de sua filha. O sujeito poético não esquece da mãe da menina, que a gerou devido o seu afeto e amor imaculado. A infância é motivo de otimismo, de renovação, e a comparação da criança as flores nos mostra uma atmosfera onde a natureza está presente:

¹⁷⁰ VAREJÃO, Leodegário. Saudades da infância. *Almanaque* 1894. p. 108.

¹⁷¹ Idem nota 22.

¹⁷² SILVA, Costa e. Sorrindo. *Almanaque* 1894. p. 171.

¹⁷³ Antônio Francisco da Costa e Silva nasceu em 1885 e foi um poeta brasileiro. Começou a compor versos por volta de 1894, tendo seus primeiros poemas publicados em 1901. todavia, seu primeiro livro de poesia, “Sangue”, somente foi lançado em 1909. Exerceu função pública entre 1931 e 1945. cfe COUTINHO, Afrânio; SOUSA, J. Galante de. *Enciclopédia de literatura brasileira*. São Paulo: Global; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Academia Brasileira de Letras, 2001: 2v.

Ó minha filha, ó rutilante aurora
De minha vida, que era noite escura
Crisol divino onde minha alma agora
Se purifica em veios de ternura.

O primeiro aniversário de um menininho é narrado no poema “Roberval”¹⁷⁴, de Maia Conde¹⁷⁵, onde o bebê é descrito como um anjo, numa alusão ao divino. A inocência do menino é comparada a uma aurora, ao sol de abril. A esperança é representada pela cor azul, e a primavera enflora seu berço, numa sinergia da natureza:

Inocentinha criança,
Anjo que não sabe o mal
Risonho como a esperança
Faz um ano o Roberval.

Um poema é dedicado ao primogênito no *Almanaque* de 1896. Trata-se de “Ao meu primeiro filho”¹⁷⁶, de Lucio de Mendonça¹⁷⁷, onde o sujeito poético mostra toda sua felicidade com a paternidade. A criança trouxe luz para a vida dois pais, e é comparada as avezinhas que precisam de aconchego. Um filho necessita da proteção e sua chegada parece um sonho. Assim, é desejado que este ser seja abençoado possa desfrutar a vida com sapiência, justiça, amor e verdade:

Eras meu filho! Trêmula avezinha
Para te proteger sentia-me forte!
Chovam-te bênçãos aos milhares!

¹⁷⁴ CONDE, Maia. Roberval. *Almanaque* 1896. p. 114.

¹⁷⁵ Idem nota 22.

¹⁷⁶ MENDONÇA, Lúcio de. Ao meu primeiro filho. *Almanaque* 1896.P. 153.

¹⁷⁷ Lúcio Eugênio de Meneses e Vasconcelos Drummond Furtado tinha como pseudônimos: Lúcio de Mendonça, Gaspar da Silva, Juvenal Gavarni, Pedro Alves, Z. Marcas, Lú. Nasceu em 1854, em Piraí, RJ. Foi poeta, contista, romancista, crítico, jornalista, diplomado em direito pela Faculdade de São Paulo (1877). Depois de exercer diversos cargos públicos, foi ministro do Supremo Tribunal Federal (1895), procurador-geral da República (1901), e, aposentado em 1907, idealizador e fundador da ABL, cadeira nº11 (Fagundes Varela) e grande propagandista da República. Cfe COUTINHO, Afrânio; SOUSA, J. Galante de. *Enciclopédia de literatura brasileira*. São Paulo: Global; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Academia Brasileira de Letras, 2001: 2v.

No último poema relacionado à infância, nos deparamos novamente com a questão religiosa. Em *Cantilena*¹⁷⁸, de Mário de Artagão¹⁷⁹, o sujeito poético mostra que nem o filho de Maria possui tamanha beleza em relação a esta criança. O orgulho exacerbado dos pais fica confirmado como veremos a seguir:

Talvez não ande errado,
Se te disser, filhinho, que é custoso
Achar quem tenha aos braços
Embalado
Um filho mais formoso!

Finalizando este item, vemos que a infância exerce fascínio no sujeito poético e o retorno à mesma se dá através da adoração aos filhos, e até mesmo de uma atmosfera religiosa que legitima este período tão adorado de nossas vidas. A criança do século XIX é muito parecida com a do século XXI: brincava, cantava, mas não possuía os recursos tecnológicos de hoje, principalmente na área médica, o que causava a morte prematura, além de, sem dúvida, a morte natural. Sobre isso, trabalharemos no tópico a seguir.

2.4 A Morte

A morte é tema recorrente ao longo das páginas do *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*. Sabemos que durante o século XIX, além das mortes de causas naturais, houve muitas epidemias que ceifavam vidas, muitas dessas na flor da idade. A febre amarela, a varíola, o cólera, a

¹⁷⁸ ARTAGÃO, Mário de. *Cantilena*. *Almanaque* 1897. P. 218.

¹⁷⁹ Antônio da Costa Correia Leite Filho, tinha como pseudônimo Mário de Artagão. Nasceu em 1866 em Rio grande e faleceu em 1937 em Portugal. Foi Jornalista, poeta, teatrólogo. Suas obras são: *As infernais*, *Feras a solta*, *Hélada*, *Janina*, *Música Sacra*, *No rastro das águias*, *rimas pagãs*, *Saltério* e *Saltério na quermesse*, obras que vão de 1889 a 1936. cfe COUTINHO, Afrânio; SOUSA, J. Galante de. *Enciclopédia de literatura brasileira*. São Paulo: Global; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Academia Brasileira de Letras, 2001: 2v.

tuberculose, a sífilis e gonorréia foram as vilãs desse período. Segundo Gill¹⁸⁰, “a tuberculose (...) infectou homens, naturais da zona urbana, negros ou pardos, solteiros, que estavam em sua fase mais produtiva”. Nesse sentido, a morte se mostrava muito próxima dos indivíduos, e a poesia era uma forma de extravasar sentimentos e demonstrar todo o caos e medo desse momento histórico. A literatura tem papel fundamental para análise desse momento, pois os poemas do *Almanaque* nos remetem ao século XIX e a toda dor e fascínio que a morte exercia em todos. Por isso, trabalharemos os poemas que falam da morte propriamente dita, da morte da mulher amada, da morte infantil e da morte dos pais.

Como primeiro exemplo temos o poema “Morrer”¹⁸¹, de D. Fernandina Drumond¹⁸², que trata do sofrimento de possuir uma vida sem encantos, sem amor, onde somente o desprezo é companheiro. Na morte se projeta a felicidade que em vida não existe, e o descanso eterno trará paz para aquele que somente provou sofrimentos em sua existência. O sujeito poético fala de amargura e ressentimentos, que pretendem ser ultrapassados quando da morte:

Morrer é vida para quem não sente
A doce calma que sorrir produz
Para quem não vê num olhar ardente
As vivas chamas que um amor traduz!

A morte não escolhe cor, sexo, idade e nem classe social. Quando ela vem a pessoa costuma se apegar na religiosidade. No poema “Lenitivo”¹⁸³, de João Bastos¹⁸⁴, o sujeito poético afirma que a morte poderá ceifar a vida de um amigo ou parente, mas deixa claro que a busca de Deus irá consolá-lo:

Quando a morte, certa vibrando
Sua foice afiada no ar

¹⁸⁰ GILL, Lorena Almeida. A trajetória da tuberculose através da análise da imprensa de Pelotas (1890-1930). In. ALVES, Francisco das Neves (org). Anais do II Congresso Internacional de Estudos Históricos. Rio Grande: Furg, 2007.p. 197.

¹⁸¹ DRUMOND, D. Fernandina. Morrer. *Almanaque* 1889. p. 70

¹⁸² Idem nota 22.

¹⁸³ BASTOS, João. Lenitivo. *Almanaque* 1890. P. 81.

¹⁸⁴ Idem nota 22.

Vem o golpe fatal desfechando
Um amigo, um parente roubar
É na crença de Deus que vou buscar.

A morte da mulher amada é o tema de “Morta!”¹⁸⁵, de Alfredo Polly¹⁸⁶. O eu-lírico nos mostra que a morte da amante gera um sentimento de perda e frustração, que permeia todo o discurso do soneto. O eu-lírico descreve o féretro, e até mesmo podemos ver a forma como eram veladas as pessoas, cobertas de flores e por um tecido de cambraia. Nesse sentido, o sujeito poético demonstra toda a dor e pranto da perda:

Alva e triste cambraia lhe cobria
Como aos mortos se faz nessa cruel
Estância
Mas de flores coberta, em ondas de
Fragrância
Tranqüilo a repousar um anjo parecia

Maria morreu com apenas quinze anos de idade. No poema “Consolo”¹⁸⁷, de S. Lostada¹⁸⁸, o eu-lírico fala de sua pureza e juventude, numa comparação com as aves. Sua beleza e inocência parecem com os lírios e as açucenas. A mãe não se conforma com a falta da filha, e se põe a chorar sobre a cova da menina:

Maria que era tão pura
Tão matutina e suave
(...) morreu na simplicidade
Dos quinze anos apenas

A donzela que morre é narrada pelo eu-lírico no poema “A morte da rosa”¹⁸⁹, de Dr. Wanderley¹⁹⁰. A menina é comparada a flor, e durante seu velório a natureza é representada pelo beija-flor e as açucenas, com as

¹⁸⁵ POLLY, Alfredo. Morta! *Almanaque* 1889. P. 12.

¹⁸⁶ Idem nota 22.

¹⁸⁷ LOSTADA, S. Consolo. *Almanaque* 1892. p. 115.

¹⁸⁸ Idem nota 22.

¹⁸⁹ WANDERLEY, DR. Segundo. A morte da rosa. *Almanaque* 1899. p. 197.

¹⁹⁰ Idem nota 22.

borboletas segurando o caixão. A morte aqui é amenizada pelos elementos naturais:

Para o cortejo enfim, é a flor mais bela
Vai sepultar as pétalas
Pequeninas
No coração gentil de uma donzela.

A morte de crianças também foi trabalhada ao longo das páginas do *Almanaque*. Um dos poemas que achamos mais expressivos foi “Methodio”¹⁹¹ de Olympio Bonald¹⁹² que é dedicado a um irmãozinho falecido. No poema o eu-lírico descreve que a criança está envolta em cetim azul dentro do caixão e parece dormir durante o velório. Movidos pela perda até os coleguinhas de escola acompanhavam o enterro, numa atmosfera de constrição e tristeza. Os meninos da escola são chamados de anjos vivos, pois possuem o dom da vida em contrapartida, o menino morto é denominado anjo amortalhado pois já não faz mais parte desse mundo:

Ele morreu... seu pequenino corpo
Foi envolto em cetim azul do céu
(...) estendidinho em seu caixão
Dourado
(...) os meninos da escola
Acompanharam
– anjos vivos – o anjo
Amortalhado.

No poema “Mimosa”¹⁹³, de Santos Souza¹⁹⁴, o eu-lírico descreve num primeiro momento o quarto aniversário de uma menina, onde toda alegria está presente, e o mesmo afirma que a criança ainda não sabe dos males do mundo, por isso sorri. Porém, logo em seguida, o eu-lírico fala da profunda dor da perda da filha, e evoca a todo momento poder trazê-la de volta ao mundo. A tristeza toma conta do discurso, e nos faz sentir a real proporção da comoção deste pai:

¹⁹¹ BONALD, Olympio. Methodio. *Almanaque* 1889. p. 56

¹⁹² Idem nota 22.

¹⁹³ SOUZA, Santos. Mimosa. *Almanaque* 1889. p. 66

¹⁹⁴ Idem nota 22.

Eis teu quarto aniversário
Anjinho dos sonhos meus
Flores, risos, por fardário
Hoje tem os lábios teus!
(...)
Se um pai em risos pudesse
De um filho tornar a vida
Crê em mim qual uma prece
Ó minha filha querida
De rastro, aos céus iria
Implorando....

Uma prática comum dos poemas do *Almanaque* é narrar *a priori* a criança com saúde, viva e, *a posteriori*, narrar o infortúnio de sua morte. Como exemplo dessa afirmativa temos “Ao meu Demostinhos”¹⁹⁵, de João Araújo¹⁹⁶ onde o eu-lírico fala que o pai fatigado pelo trabalho, encontra forças de continuar na figura de seu filho, ou seja, para lhe prover o sustento. Após, o eu-lírico se mostra à frente do túmulo num sofrimento descomunal devido à perda do filho:

Quantas vezes da luta
Extenuado
Venho junto ao teu berço
Debruçar
(...) Venho pedir-te ó anjo
Idolatrado
Alentos pra poder de novo
Arcar
Com as agruras de tanto
Labutar
Para legar a ti um nome
Honrado!
(...)
Quanta aflição, em minha
Vida!
Veio a morte trazer, cruel
E fera
Roubou o meu filhinho
Ele que era
Minha doce esperança

¹⁹⁵ ARAÚJO, João de. Ao meu Demostinhos. Almanaque 1891. p. 112.

¹⁹⁶ Embora tenham sido consultadas várias fontes referentes á biografia e pseudônimo de autores, não foram encontrados dados referentes a este autor

Em rude lida!

Falando da morte de uma esposa e de seu filho recém-nascido, temos “Silvia e Silvina”¹⁹⁷, de Santos Souza¹⁹⁸, onde o eu-lírico nos mostra que a morte levou um dos filhos, mas após o pai casou novamente e outras duas filhas conseguiram amenizar o sofrimento sentido pelo mesmo. A morte durante o parto era muito comum no século XIX pois não havia recursos médicos eficientes que salvassem mãe e filho:

Sobre o funério canteiro
Que ocultava minha filha
A mão bendita de Deus
Traçou nova maravilha
Da flor murcha sem perfumes
Brotaram dos céus os lumes
Duas outras bem iguais
E, na minha soledade
Mudou-se o pranto em
Saudade
Em risos os funerais.

Outro poema que narra a passagem de uma criança é “Ante o cadáver de uma criança”¹⁹⁹, de Andradina de Oliveira²⁰⁰, onde o sujeito poético carrega toda a religiosidade buscada para suportar o fardo da perda. A morte é representada pelo tufão que impiedosamente quebra o lírio, que vem a ser a criança. Nesse sentido, o anjo idolatrado regressa à mansão divina, mas seu corpo morto provoca desespero a quem observa:

Como o lírio no vale
Perfumado
Ao tufão dobra a haste
Pequenina
E no leito da fonte
Cristalina

¹⁹⁷ SOUZA, Santos. Silvia e Silvina. Almanaque 1890. p. 80.

¹⁹⁸ Idem nota 22.

¹⁹⁹ OLIVEIRA, D. Andradina de. Ante o cadáver de uma criança. *Almanaque* 1892. p. 129.

²⁰⁰ Embora tenham sido consultadas várias fontes referentes à biografia e pseudônimo de autores, não foram encontrados dados referentes a este autor.

Adormece feliz e sossegado.

O sujeito poético de “Os dois cortejos”²⁰¹ traduzido por Bernardo Taveira Jr.²⁰², narra um episódio interessante, que é a presença na igreja de simultaneamente um velório e um batizado. A mãe do menino morto não consegue conter o pranto, e a mãe do batizado é só alegrias. Assim, podemos concluir que a morte e a vida andam juntas, e a religiosidade deste cenário está na igreja, que conforta as duas mães: uma na morte e outra na vida. É importante salientar que este soneto é uma tradução do francês “Lês deux cortéges” de Josephin Soulyary²⁰³:

Na igreja dois cortejos se
Encontravam
Um triste: morta a criança
Iam levando
(...) o outro um batizado
Balbuciavam os lábios
Infantis de quando em quando

O poema “Criança morta”²⁰⁴, de Luso Torres²⁰⁵, como os demais, nos transporta ao velório de uma menininha, onde as velas iluminam o cenário. A natureza é representada pelas açucenas e pelas outras flores que cobriam o caixão. O sujeito poético transmite o sentimento de consternação que abate quem presencia tal cena, onde o pranto é inevitável:

²⁰¹ TAVEIRA JR. Bernardo. Os dois cortejos. *Almanaque* 1893. p. 211.

²⁰² Idem 67.

²⁰³ Josephin Soulyary nasceu em 23 de fevereiro de 1815 e faleceu em 28 de março de 1891. Poeta francês, era filho de um comerciante de Lyon de origem de genovesa. Trabalhou na prefeitura de Rhonê de 1845 a 1867, e em 1868 transformou-se bibliotecário às artes do DES de Palais em sua cidade natal. Seus poemas foram coletados em três volumes (1872-1883). Seus sonetos atraíram a atenção do público, e conquistaram seus leitores pela mistura da alegria e da tragédia. Pelo legado de sua obra, obteve o título de “Bem-aventurado da rima”. Suas principais obras foram: *A travers champs*; *Lês cinq corde Du luth*; *Iês ephémères*; *Sonnets humoristiques*; *Lês figulines*; *Pendant l'invasion*; *Lês rimes ironiques* e *Jeux divins*. cfe *Enciclopédia Britânica*, 11ª edição, 1945.

²⁰⁴ TORRES, Luso. Criança morta. *Almanaque* 1900. p. 230.

²⁰⁵ José Luso Torres foi poeta, cronista, militar e fundador da Academia Maranhense de Letras. Tinha como pseudônimo General José Luso Torres. Nascido no Maranhão, em 1879, teve as suas obras publicadas a partir de 1910. Estas são: *Corrente calamo*, *Gonçalves Dias*, e *O Conde de Luxemburgo*. Cfe COUTINHO, Afrânio; SOUSA, J. Galante de. *Enciclopédia de literatura brasileira*. São Paulo: Global; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Academia Brasileira de Letras, 2001: 2v.

No caixãozinho flores
Reunidas
Vão refletindo linhas coloridas
No vestuário de nevada
Alvura
E o choro ao vê-la...

E quem não chora
Vendo um pequenino coração
Descendo para o deserto de
Uma sepultura

A morte dos pais mereceu destaque nas páginas do *Almanaque*. Era uma forma de homenagear quem já havia partido. O poema “Inocência”²⁰⁶, de Raimundo Joaquim da S. Vianna²⁰⁷, narra o velório de um pai, onde a mãe não consegue conter o pranto, mas a filha acha que ele está apenas dormindo. Contudo, a mãe esclarece a filha de que o homem está morto, e a menina projeta-se ao corpo de seu pai, afirmando que quer partir com ele. A inocência da menina fica evidente, pois não consegue compreender a dimensão da morte:

– Mamãe quero ir também
Papai acompanhando
E foi saltando ao leito onde o
Pai jazia
A pobre inocentinha estava
Gracejando
Sem ao menos pensar que o
Pai já não vivia

A mãe que morre para a vida não no coração do filho está representada no poema “Minha mãe”²⁰⁸, de Abdon de Macedo²⁰⁹, onde o eu-lírico narra a morte como uma nova etapa da vida da mãe, que deixa o mundo de dores e misérias para viver no céu, numa alusão à religiosidade. Mesmo após sua

²⁰⁶ VIANNA, Raimundo Joaquim da S. Inocência. *Almanaque* 1890. p. 40

²⁰⁷ Idem nota 22.

²⁰⁸ MACEDO, Abdon de. Minha mãe. *Almanaque* 1898. p. 223.

²⁰⁹ Idem nota 22.

partida, o vínculo que mantém com o filho não é desfeito, pois em sua memória ela sempre viverá:

Ela morreu! Morreu...
Mas para o mundo!
Não para mim que a vejo toda
Hora!
Voto-lhe ainda o mesmo
Amor profundo
Ainda ouço sua voz sonora!

Em vista do que foi pesquisado, constatamos que a temática da morte é uma constante ao longo das páginas do *Almanaque*, e analisando os poemas nos projetamos no tempo e no espaço, e na atmosfera de doenças e epidemias que dominaram o período. A morte infantil era muito comum, pois não havia recursos na medicina que conseguisse prolongar a vida das crianças. O meio físico das cidades era insalubre, o que propiciava a disseminação de doenças. A partir do século XX é que se inicia um processo de urbanização, que de certa forma concede à população um ambiente mais saudável de se viver.

2.5 A pátria

O *Almanaque* contemplou muitas visões do Brasil e os poemas trataram de questões como a Proclamação da República, a Queda da Monarquia, a Abolição da Escravatura e da saudade sentida da pátria. Um forte ufanismo permeia o discurso poético em todos poemas analisados.

O primeiro poema que fala de nossa terra é denominado “O Brasil”²¹⁰, de Marques Rodrigues²¹¹. O eu-lírico afirma com veemência que a cultura

²¹⁰ RODRIGUES, Marques. O Brasil. *Almanaque* 1893. p. 130

²¹¹ Antônio Marques Rodrigues cujos pseudônimos são: Marques Rodrigues, Rufo Salero, Sancho Falsaff, nasceu em 1860 em Avintes Portugal. Foi poeta, bacharel em Direito,

brasileira se sobrepõe até mesmo a Roma e Grécia antigas, pois não possui os templos destas civilizações, mas os bosques são majestosos e as palmeiras estão por toda parte. A riqueza natural da nação é mostrada, como os rios, a fauna e flora numa exaltação do orgulho de ser brasileiro. O Brasil tem suas virgens formosas, e o mundo antigo as Vênus e as Graças. O eu-lírico finaliza o pensamento afirmando que tudo é belo e sublime no Brasil:

Os templos soberbos da
Grécia formosa
Os arcos de Roma
De Roma orgulhosa
Não cobrem, não ornam
Meu pátrio Brasil
Estátuas não temos,
Primores das artes;
Mas temos os bosques
Por todas as partes
E as verdes palmeiras viçosas

A saudade da pátria está retratada no poema “Ausente da Pátria”²¹². De autoria do Dr. Frederico do Amaral Sarmento Menna²¹³. O sujeito poético está carregado de ufanismo e isso pode ser comprovado ao longo de suas estrofes. A alegria é um sentimento que não existe em quem vive fora de sua terra natal, nada diverte, dá prazer. Só o retorno à pátria fará o sujeito poético alcançar a felicidade, como vemos a seguir:

Meus votos são pela pátria
É dela meu coração
Só vendo a pátria ditosa
Eu terei satisfação.

Encontramos vários poemas que se referiam a Proclamação da República, que manifestavam a felicidade com a queda do Regime

professor e deputado provincial por diversas vezes. Suas obras foram: *A casca da caneleira*, 1866; *As três liras*, 1862; *Diário do Maranhão*, 1855; *Nove de Dezembro*, 1855; *O Brasil*, 1855; *O globo*; *O Livro do povo*; *O rouxinol*; *Rodolfo Toffer e Esboço Crítico-literário*, 1855.cfe BLAKE, Augusto V. A. S. *Dicionário bibliográfico brasileiro*, vol. I. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1883.

²¹² SARMENTO MENNA, Dr. Frederico do Amaral. Ausente da pátria. *Almanaque* 1893. p. 206.

²¹³ Idem nota 22.

Monárquico. A república brasileira se consolidou no 15 de novembro de 1889, sob a égide do Marechal Deodoro da Fonseca. O contentamento com o novo regime foi expresso em forma de verso nas páginas do *Almanaque*. O poema “*Queda da Monarquia*”²¹⁴, de Pedro José Soares²¹⁵ como o título diz, trata desse momento da história brasileira, afirmando que uma nova fase se inicia através da democracia, carregado de ufanismo:

Nova fase surgiu para o Brasil
Este enorme colosso
Americano
Que soberbo de si
Segue-se ufano
Para saudar a instituição civil

O eu-lírico do poema “Enfim!”²¹⁶, de Adalgisa²¹⁷, explana com fervor a felicidade da queda da Monarquia e do advento da República. O poema nos revela o sentimento de alegria e o ufanismo que permeia o discurso poético. É importante salientarmos que o poema é de autoria feminina. A liberdade é comparada ao amanhecer, que significa renovação, e agora, o Brasil esta resguardado pelo leão da república:

Enfim raiou sorridente
A aurora da liberdade
Soberana majestade
Do Brasil, leão ingente

A abolição da escravatura não foi esquecida pelos colaboradores do *Almanaque*; ao contrário, teve grande destaque. O poema “*A 13 de Maio*”²¹⁸, de Damasceno Vieira²¹⁹, fala dos negros escravos e dos escravagistas que ficaram indignados com a decisão da princesa Isabel. A lei Áurea foi recebida com alegria, e assinada, como diz o sujeito poético com pena de ouro e chuva de flores. O sujeito poético não esquece que foi uma mão feminina que assinou tal decreto, afirmando que para o Brasil foi um grande feito, uma grande vitória:

²¹⁴ SOARES, Pedro José. *Queda da Monarquia*. *Almanaque* 1895. p. 175.

²¹⁵ Idem nota 22.

²¹⁶ ADALGISA. *Enfim!*. *Almanaque* 1891. p. 53.

²¹⁷ Idem nota 22.

²¹⁸ VIEIRA, Damasceno. *A 13 de Maio*. *Almanaque* 1891. p. 61.

²¹⁹ Idem 57

O rutilo Cruzeiro nesse
Instante
Na amplidão fulgurou
Mais deslumbrante
Banhando o céu
Em puro rosicler
Ouvindo retumbar solenes
Bravos
A lei que libertou milhões de
Escravos
Lavrada pela mão
De uma mulher!

Contudo, embora manifestações laudatórias à República aparecessem com freqüência, a figura de D. Pedro de Alcântara não foi esquecida. No poema “D. Pedro II”²²⁰, de Reinaldo Casimiro²²¹, fica evidenciada toda a comoção pela morte do ex-imperador, que segundo o sujeito poético foi muito sentida pelos brasileiros, que o julgavam um grande líder. Mesmo perdendo, o governo do Brasil não deixou de ser brasileiro:

Derrama a liberdade
Largos prantos
Por aquele que amor
A dedicava
Pelo ex-imperador
Que aos seus encantos
De todo se prendera
E cativara
E que por tal motivo,
Esforços tantos
Fizera para ver a sorte
Amara
Dos parias brasileiros
Transformada
Empresa de alta glória
Coroadada!

²²⁰ CASIMIRO, Reinaldo. D. Pedro II. *Almanaque* 1893. p. 220.

²²¹ Idem nota 22.

O último poema selecionado é dedicado à Guerra de Canudos, e tem por título “Luto e glória”²²², de Damasceno Vieira²²³. O sujeito poético fala sobre as rebeliões do período regencial, que segundo ele se estendiam dos pampas aos vales amazônicos. O poema promove uma comparação entre Canudos e os farroupilhas, e o sujeito poético não esquece os mortos e feridos em combate, e da importância atribuída à República:

A pátria a mãe sublime
A alma grandiosa
Que sabe até chorar
A sorte dos vencidos
Que enxuga ajoelhada
O sangue dos vencidos
E por mortos heróis
Soluça lacrimosa

Em vista do que foi analisado constatamos que a Pátria foi exaltada, e os discursos provenientes do *Almanaque* sempre se referiram ao Brasil como grande nação. Fatos relevantes do século XIX não foram esquecidos, o que comprova a importância do estudo do *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, e comprova que este veículo estava arraigado no imaginário intelectual sulino, visto que promovia o diálogo dos leitores com os grandes acontecimentos da história do Brasil.

2.6 A poesia de Alfredo Ferreira Rodrigues

Além de historiador, cronista, jornalista e escritor, Alfredo Ferreira Rodrigues era poeta. O *Almanaque* sempre era finalizado na Parte Literária com seus poemas, sobre a infância, a mulher, o amor dos filhos, bem como a

²²² VIEIRA, Damasceno. Luto e Glória. *Almanaque* 1899. p. 95.

²²³ Idem 57.

morte. O autor também fala de sentimentos como a dor e a esperança. É interessante notarmos que a forma poética de todos os poemas selecionados é o soneto. Como afirma Goldstein²²⁴, “o soneto é o poema de forma fixa mais encontrado, e costuma conter uma reflexão sobre um tema ligado à vida humana”. Assim, Rodrigues produzia, com efeito, sonetos que retratavam o universo do período e a trajetória de muitas vidas.

Começamos com a análise de dois poemas que falam de sentimentos antagônicos: a dor e a esperança. No poema “Encontro”²²⁵, o eu-lírico fala de dor de forma alegórica, ou seja, a dor se materializa em uma figura feminina e trava um diálogo com o sujeito poético. A dor afirma que veio ao encontro do eu-lírico porque foi chamada. Contudo, apenas na última linha da estrofe final é que ela se revela:

Eis-me a teu lado!
Disse, e um passo avança,
Tu me chamaste e teu convite
Aceito

(...)

Rasgou-me o peito e o
Coração quebrou-me
Na mão convulsa

Encarquilhada e fria
“eu sou a dor”.
E se abismou na sombra.

Já em relação à esperança, o sujeito poético demonstra alegria e o poema se torna mais agradável. “Encontro”²²⁶ possui o mesmo formato do poema anterior, e a pergunta “quem és tu” é feita novamente. Todavia, o primeiro foi publicado em 1892 e este em 1894, como podemos conferir nos anexos da dissertação:

Quem és tu? Perguntei
Sonho ou verdade?
Verdade, és o esplendor de uma
Obra-prima

²²⁴ GODSTEIN, Norma. *Versos, sons, ritmos*. São Paulo: Ática, 1991. p. 57.

²²⁵ RODRIGUES, Alfredo F. Encontro. *Almanaque* 1892. p. 232.

²²⁶ RODRIGUES, Alfredo F. Encontro. *Almanaque* 1894. p. 250.

Sonho, excedes a própria
Realidade
quem és tu? Eu chamo-me
Esperança!

As mulheres foram contempladas pelos versos de Rodrigues. Em “Na hora da partida”²²⁷, o sujeito poético fala de um amor que é sonhado, almejado. A moça foge do pretendente, e este projeta em sua imaginação momentos que poderiam ser vividos com ela. O eu-lírico tem a amada ao seu lado e até escuta sua voz, tudo através de seu pensamento:

Ouço-lhe a fala, e seu olhar
Bendito
Fita-se em mim

Suavíssimo e tristonho
Me embalando num êxtase
Infinito.

No poema “Solidão”²²⁸, o eu-lírico fala da separação, saudoso da mulher que partiu e o deixou em casa triste e sozinho. O mundo de amor é desfeito e a saudade é companheira. Só resta recordar os bons momentos vividos para tornar a dor mais amena. A religiosidade está presente quando o sujeito poético evoca Deus, e confessa ao mesmo que ama a mulher e a felicidade só existe nela:

A casa hoje é deserta
O vácuo em tudo existe
Não mais falas de amor
Só soluçar e pranto

Meu Deus, se eu fui feliz
E eu amo tanto
Que para mim somente
O bem nela consiste

²²⁷ RODRIGUES, Alfredo F. Na hora da partida. *Almanaque* 1890. p. 196.

²²⁸ RODRIGUES, Alfredo F. Solidão. *Almanaque* 1891. p. 216.

O amor pelos filhos também foi abordado por Rodrigues. Encontramos dois exemplos, um que fala de afeto ao filho e o outro à filha. Em ambos o sentimento possui uma conotação divina, uma carga de religiosidade muito forte, com referência ao divino, ao imaculado, às bênçãos. Em “Luz plena”²²⁹, o sujeito poético afirma que o amor de filho é sagrado, e sua intensidade supera o amor de irmãos e até mesmo o amor pela esposa, sendo assim superior a tudo:

Amor de filho, o sacrossanto afeto
Que as mais belas ações move e convida
Amor à pobre mãe que, estremeçada
Faz em mim consistir seu bem mais completo.

No poema “Minha filha”²³⁰, encontramos características semelhantes ao primeiro, mas neste há a preocupação do sujeito poético com o bem-estar da menina, o que fica claro em “és-me a alegria de toda a vida, de toda vida me és a tortura”. A filha é uma bênção, maior que as graças divinas, é motivo de orgulho para o seu pai. O eu-lírico diz que a menina trouxe luz à sua vida, em contraposição a uma existência escura:

Filha pequena
Dita suprema
Benção que a vida
Toda ilumina

Luz que esplendores
De outras domina
Da alma ditosa íntimo poema

Rodrigues também falou da morte em seus poemas. “O último beijo”²³¹ fala da morte da mulher amada, da dor que sente o sujeito poético ao fitar sua amada no caixão, sem vida, e o que lhe resta é somente beijar os lábios frios. O eu-lírico fala de desesperanças e de milagres, em que o amor possui vida através da morte:

²²⁹ RODRIGUES, Alfredo F. Luz Plena. *Almanaque* 1896. p. 215.

²³⁰ RODRIGUES, Alfredo F. Minha filha. *Almanaque* 1899. p. 214.

²³¹ RODRIGUES, Alfredo F. O último beijo. *Almanaque* 1893. p. 240.

E um milagre de amor!
Na mágoas absorto
Que a alma lhe invade

A ele se afigura
Que ela está viva
E ele é que está morto!

Para encerrar a análise, abordamos poemas de autoria Alfredo Ferreira Rodrigues que fazem referência à morte de crianças. O poema “Depois da doença”²³², dedicado à filha do autor, Miquelina. O eu-lírico narra a trajetória de vida da criança, com os seus primeiros passos, a insegurança no caminhar e o auxílio do pai. A dor da perda é definida como insuportável, e a esperança se perde no momento em que a criança falece. O sujeito poético descreve a morte em minúcias, afirmando que a menina teve convulsões, o olhar vítreo e a boca espumando. Tal riqueza de detalhes nos transporta até esse horrível episódio:

E eu que vi-te
A esperança já perdida
Hirtos os membros
Quase extinta a vida

Convulsa, vítreo olhar
Boca espumando
E eu que não chorei
E morta! Morta!

Então julguei-te...
E um pai, tal dor suporta! Sofro
Hoje mais... e vês estou chorando.

No poema “Recém-nascida”²³³, o eu-lírico retoma a questão da morte infantil, e fala da menina que trouxe a bênção divina e a dor da morte simultaneamente. A mágoa de ter perdido um ente querido assola o sujeito poético, que projeta em todo lugar a imagem da filha morta:

Pobre filhinha, tão pequenina
Que vens sorrindo como a aurora

²³² RODRIGUES, Alfredo F. Depois da doença. *Almanaque* 1898. p. 226.

²³³ RODRIGUES, Alfredo F. A Recém-nascida. *Almanaque* 1900. p. 230.

Trazer-me a benção que a mão divina
Manda a minh'alma que o morto chora.

Nesses poemas vemos a versatilidade de Alfredo Ferreira Rodrigues, que contemplou com mérito vários campos do saber, inclusive a literatura. Sabemos que tais poemas não têm real valor estético, mas nos remetem ao cenário intelectual do período. Fatos do dia-a-dia dos poetas interferiam na sua produção lírica, o que ficou evidenciado ao longo da análise de todos os poemas deste trabalho.

3 A produção histórica

Sabemos que ao longo do século XIX muitas manifestações eram consideradas literatura. No *Almanaque* temos, como exemplo, a parte literária, com seus poemas, textos em prosa, contos, charadas, logogrifos, e também uma introdução dedicada às biografias de rio-grandenses ilustres, além da seção Estatística, Histórica e Geográfica que podem também serem abraçadas pela alçada literária. Assim, neste terceiro capítulo, abordaremos as biografias e a parte Estatística, História e Geografia, que foi incorporada ao *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* a partir de 1895.

3.1 As biografias

As biografias presentes no *Almanaque* contemplavam cidadãos rio-grandenses dos mais diversos ramos. Geralmente, estes tinham feito algo de grande expressão no período, o que lhes garantia prestígio na sociedade. É importante salientarmos que as biografias nos remetem ao cenário político e intelectual do século XIX, pois muitos dos biografados se destacavam tanto pelas ações bélicas, como Bento Gonçalves, quanto pelas letras, como Carlos Von Koseritz.

No *Almanaque* de 1889, o agraciado com uma biografia foi Félix Xavier da Cunha. A propósito, Rodrigues diz que

um dos fins deste anuário é submeter à apreciação pública traços biográficos dos nossos homens eminentes: pela variedade e pujança de seus talentos, Félix da Cunha é o primeiro busto que vem ocupar o lugar de que

lhe compete neste pequeno Partenon de glórias rio-grandenses²³⁴.

Ao longo de dez páginas, Rodrigues explana sobre a vida de Félix Xavier da Cunha, quem foram seus pais, sua formação em Direito, bem como sua vinculação com os intelectuais paulistas, sob cuja influência ele se aventurou na poesia. Rodrigues lembra que, quando da morte de Álvares de Azevedo, no ano de 1852, Félix elaborou um discurso que exaltava a memória do ilustre autor, e que só faltava a cadência rítmica para ser considerado um poema. Rodrigues também se refere a um soneto²³⁵ em homenagem ao escritor, como vemos abaixo:

Álvares de Azevedo

Não morre o gênio! Mirabeau troveja!
E ainda os tronos o seu nome aterra
O povo as portas do Partenon descerra
E o busto heróico de Rousseau corteja!

Félix da Cunha escreveu muitos poemas acerca da Independência do Brasil, eivados de ufanismo, mas também não esquecia temas ligados à religiosidade e à liberdade. A propósito do soneto “Ao dia 7 de setembro”²³⁶, diz Schüller²³⁷ que “Félix Xavier da Cunha é um poeta irregular, naufraga quando se torna retórico”.

Aos sete de setembro

Salve! Brilhante sol da liberdade
Círio eterno do templo brasileiro!
Vem dourar com teus raios o primeiro
Mais glorioso brasão da nossa idade!

Félix da Cunha foi colaborador do periódico *Guaíba*, primeiro do seu gênero no Rio Grande do Sul, no qual ocupava-se da parte literária. Quando da extinção do *Guaíba*, o poeta-jornalista comprou o jornal *Mercantil*, e também se

²³⁴ RODRIGUES, Alfredo. F. Félix Xavier da Cunha. *Almanaque* 1889. p. v.

²³⁵ CUNHA, Félix Xavier da. Álvares de Azevedo. *Almanaque* 1889. p. v.

²³⁶ Idem, p. 133.

²³⁷ SCHÜLER, Donaldo. *A poesia no Rio Grande do Sul*, p. 67.

aventurou na política. Através do periódico *A Propaganda*, ele manifestava suas convicções políticas. Contudo, o biografado de vida tão atuante já sente os primeiros reflexos da tuberculose, que o faz falecer aos trinta e dois anos.

Rodrigues²³⁸ encerra sua homenagem a Félix Xavier da Cunha afirmando:

capaz de erguer, em um livro, monumento grandioso que lhe perpetuasse o nome, honrando a província, ele deixou apagar a pira sagrada, abandonou o templo do belo e, atraído por enganosa miragem, foi levar o incenso de sua adoração a transitórios altares.

O célebre poeta morreu aos 21 de fevereiro de 1865, como afirma Damasceno Vieira²³⁹, “ao som de entusiásticos vivas à vitória de nossas armas”, quando Porto Alegre festejava a tomada de Paisandu, realizada em 2 de janeiro.

No *Almanaque* de 1890, a biografia em destaque é a do General Osório, que, segundo Rodrigues²⁴⁰, “conquistou um por um os postos do Exército, e relatar sua vida de guerreiro é escrever a história das guerras que tem sustentado o Brasil”. Rodrigues afirma que o general sempre acompanhou seu pai nas batalhas, sendo educado nos acampamentos. Aos quinze anos se alistou no Exército, e um ano depois foi promovido a alferes. Participou de campanhas no Uruguai, como em Monte Caseros, mas o que mais o projetou foi a Guerra do Paraguai.

Quando voltou à Província, Osório se aliou a Silveira Martins, líder do Partido Liberal no Rio Grande do Sul, que através da imprensa o indicara ao posto de marechal. Foi escolhido pelo regente, como Ministro de Guerra e Gabinete. O General Osório faleceu em 4 de outubro de 1879, dia que Rodrigues²⁴¹ afirma ser “de luto para o Exército, para a Província, para todo o Império”.

Carlos Von Koseritz está no *Almanaque* de 1891. Rodrigues traça sua trajetória de vida desde seu nascimento em Dessau, na Alemanha, em 1832. Desde a infância mostrou vivacidade para os estudos, mas o mar o fascinava,

²³⁸ RODRIGUES, Alfredo F. Félix Xavier da Cunha. *Almanaque* 1889. p. xiii.

²³⁹ VIEIRA, Damasceno. Félix Xavier da Cunha. *Almanaque* 1889. p. xiv.

²⁴⁰ Idem p.13.

²⁴¹ RODRIGUES, Alfredo F. General Osório. *Almanaque* 1890. p. 13.

o que fez com que se tornasse marinheiro. Rodrigues²⁴² afirma que “dessa época de sua vida quase nada sabemos, apenas em um dos seus livros, *Elissandro*, deixa perceber que embarcou em um navio de guerra”. Aos vinte anos, Koseritz se encontra no Rio Grande do Sul, agora soldado do batalhão de alemães, tendo desistido então da carreira marítima. Contudo, devido a desavenças com os superiores do batalhão, desertou, quando ficou incumbido de fazer sentinela atrás da alfândega. Passou por maus momentos até encontrar auxílio na Santa Casa de Misericórdia. Com a alta do hospital, recebeu uma doação em dinheiro e foi trabalhar no campo. Seus patrões lhe indicaram como professor de piano em uma estância vizinha, o que o projetou para a vida de jornalista. Trabalhou primeiramente no *Noticiador*, e depois fundou o *Brado do Sul*, junto com Domingos José de Almeida. Em 1862, começa a escrever para *O Povo* e para o *Eco do Sul*. Em 1864, atua no *Jornal do Comércio*, n’ *O Rio-Grandense*, no *Deutsche Zeitung*, na *Gazeta de Porto Alegre*, no *Koseritz Deutsche Zeitung* e n’ *A Reforma*.

Carlos Von Koseritz escreveu obras como *Compêndio de história universal*, *Resumo de economia nacional*, *Subsídios etnográficos*, *Roma perante o século*, *Impressões da Itália* e três romancetes - *A donzela de Veneza*, *Elissandro ou Um drama no mar* e *Laura* - e os dramas *Clara* e *Nancy*.

Em 1892, o *Almanaque* contempla a biografia de Bento Gonçalves da Silva, que começou sua vida na carreira eclesiástica, pois nessa época os pais eram muitos severos, e cada família deveria ter um padre. Contudo, voltou-se para a carreira militar, lutando contra o exército de Artigas. Rodrigues²⁴³ declara que “contra Artigas deu Bento Gonçalves provas de valor, derrotando em Corrales, Vila Nova de Córdoba, Carumbé e Olimar, forças do heróico e desventurado caudilho oriental”. Bento Gonçalves foi o líder da Revolução Farroupilha, guerra esta que está arraigada no imaginário sulino e é motivo de orgulho para muitos rio-grandenses. Rodrigues dedicou 28 páginas do *Almanaque* à exaltação de Bento Gonçalves.

Já no ano de 1893 temos a biografia de Francisco Lobo da Costa, que nasceu em 12 de julho de 1853. Aos 12 anos mostra seu gosto pela poesia, quando da publicação de um texto sobre a rendição de Uruguaiana, em um

²⁴² RODRIGUES, Alfredo F. Carlos Von Koseritz. *Almanaque* 1891. p. 9.

²⁴³ RODRIGUES, Alfredo F. Bento Gonçalves. *Almanaque* 1892. p. 4.

jornal rio-grandino. Em 1869, fundou *A Castália*, um pequeno semanário do qual foi também redator, e em 1870 foi trabalhar na redação do jornal *Commercio*. Após escreveu no *Diário de Pelotas, Eco do Sul e Investigador*. Em 1874, foi estudar Direito em São Paulo, mas voltou no ano seguinte, colaborando com o *Jornal do Comércio*, e redigindo em dois periódicos literários, a *Lanterna* e o *Trovador*. Em 1878, redigiu a *Gazeta Mercantil*. Rodrigues²⁴⁴ afirma que Lobo da Costa era um romântico, em toda a extensão da palavra, onde “a maneira de dizer de Castro Alves transparece muito em seus versos”. Suas obras consistem em poesias esparsas e três volumes de versos, que são *Lucubrações, Rosas pálidas e Mariposas*; um romance, *Espinhos d’alma*; os dramas *A bolsa vermelha, O maçom e o jesuíta, O filho das ondas, Assunção ou A morte do tirano Lopes em Aquidabam* e *Os amores de um cadete*, além de comédias e cenas dramáticas.

A biografia de 1894 é a de José Joaquim de Andrade Neves, o Barão do Triunfo. Aos 20 anos ele se engaja na vida militar, mas logo em seguida sai para ajudar o pai no sustento da família, no que permanece por oito anos. Porém, com o agravamento das lutas partidárias entre Retrógrados e Exaltados, Andrade Neves se apresentou para à luta. Foi promovido sucessivamente, chegando a major da Guarda Nacional, no posto de Comandante Superior da Guarda Nacional dos municípios de Rio Pardo e Encruzilhada. Com o fim da revolução, regressou ao lar, mas foi novamente prestar sua ajuda contra Rosas, como voluntário. Foi chamado para organizar a Quinta Brigada da Guarda Nacional, em prevenção a qualquer eventualidade da Guerra do Paraguai. Rodrigues²⁴⁵ diz que “a 19 de agosto começou a marcha para Assunção; comandava a vanguarda o Barão do Triunfo”.

No ano de 1895, Bernardo Taveira Júnior é o biografado de Alfredo Ferreira Rodrigues. O discurso é permeado de elogios e de admiração, introduzido pela frase “lutou, lutou e lutou sempre”²⁴⁶, dando ênfase à sua história de vida. Rodrigues fala da vida cotidiana passada com ele e de sua generosidade em acolher os irmãos da esposa (inclusive Alfredo), quando do falecimento do sogro. Taveira Júnior estudou em São Paulo, mas foi no Rio de

²⁴⁴ RODRIGUES, Alfredo F. Francisco Lobo da costa.. *Almanaque* 1893. p. 11.

²⁴⁵ RODRIGUES, Alfredo F. Barão do Triunfo. *Almanaque* 1894. p. 16.

²⁴⁶ RODRIGUES, Alfredo F. Bernardo Taveira Jr.. *Almanaque* 1895. p. 3.

Janeiro que começou a trabalhar. Regressou ao Sul por causa de uma enfermidade, e começou então a lecionar. Em Pelotas, ministrou aulas de Latim, Português, Inglês e História. Rodrigues segue a biografia falando de fatos e atos da vida particular de Bernardo Taveira Júnior, mas é importante destacar as suas obras, como *Poesias americanas*, *Poesias alemãs*, *As provincianas*, *O anjo da solidão*, (além da tradução da primeira parte Memórias de Garibaldi, por Alexandre Dumas) de três poemas que Rodrigues considera *primus inter pares* são: um dedicado a memória de Alexandre Herculano, *Ave poeta!*; à de Victor Hugo; e *O enterro*, pela Abolição da Escravatura. Escreveu também um drama intitulado *Paulo*; as *Poesias patrióticas* e a tradução *Guilherme Tell*, de Schiller, publicados no *Jornal do Comércio*; ainda a tradução de *A falta de uma mãe*, de Malot, esta no folhetim *A Pátria*. Taveira Júnior deixou também obras inéditas e poemas incompletos.

Em 1896, os militares retornam à cena, com a biografia de David Canabarro. Rodrigues²⁴⁷ começa a explanação descrevendo “Em 11 de setembro de 1836, à margem esquerda do Rio Jaguarão, o Coronel Antônio de Souza Neto proclamou à frente de seus companheiros de armas a Independência do Rio Grande do Sul” e Davi Canabarro assumiu o posto de comando junto com Neto, já que Bento Gonçalves fora preso no Rio de Janeiro e João Manoel de Lima e Silva estava ferido. Davi Canabarro ingressou na carreira militar com dezessete anos e foi subindo de posto, até se tornar alferes, o que não era comum acontecer com alguém de origem humilde, como ele. Chegou ao posto de tenente. Entrou na revolução num posto subalterno, mas chegou ao comando. Canabarro marcou presença na assinatura do tratado de paz do Ponche Verde, comandando o exército republicano. Também ajudou o exército brasileiro contra Oribe e Rosas, agora do lado imperial, sob a aprovação do Conde de Caxias.

A biografia do Conde de Porto Alegre foi mostrada no *Almanaque* de 1897. Rodrigues²⁴⁸ diz, a respeito de seu avô: “um dos heróis do dia, o guia da coluna que atacou os fortes mais próximos à vila, o tenente de dragões Manoel Marques de Souza, era rio-grandense de nascimento e um dos primeiros que vira a luz no recente posto militar fundado pelos portugueses em solo do Rio

²⁴⁷ RODRIGUES, Alfredo F. David Canabarro. *Almanaque* 1896. p. 3.

²⁴⁸ RODRIGUES, Alfredo F. Conde de Porto Alegre. *Almanaque* 1897. p. 5.

Grande”. Seu pai era o brigadeiro Manoel Marques de Souza, de onde conclui-se sua predisposição ao serviço militar. Segundo Rodrigues, o menino Manoel, que viria a ser o Conde de Porto Alegre, aos 12 anos se engajou na vida militar, tendo o posto de cadete. Chegou a tenente, na guerra contra a Argentina. Lutou contra os farrapos e a favor do Império. Guerreou também com o Paraguai e recebeu vários títulos do Império. Foi eleito deputado duas vezes no Rio Grande e encerrou sua carreira militar após cinco décadas de serviços prestados.

José Gomes Portinho é o biografado do *Almanaque* de 1898. Era comerciante e resolveu se aliar aos ideais farroupilhas. Foi tenente e capitão durante a Revolução Farroupilha, tendo participado de muitas batalhas. Rodrigues explana muito sobre a revolução e pouco sobre a vida de Portinho. Contudo, afirma que ele voltou ao comércio e à criação de gado, ao fim da luta. O general Andrea reconheceu seu valor como militar e o nomeou comandante do Exército em Cachoeira, Caçapava e Santa Maria. Também atingiu o posto de brigadeiro honorário. Em 1878, foi agraciado com o título de Barão de Cruz Alta. Quando da sua morte, Rodrigues²⁴⁹ afirmou: “Em 8 de agosto de 1886, sucumbiu a uma angina no peito o velho soldado farroupilha, um dos últimos sobreviventes dos oficiais superiores da República e o mais perfeito tipo daqueles homens que durante dez anos infundiram respeito e temor às legiões do império”.

O Dr. Antônio José Gonçalves Chaves é o biografado do *Almanaque* de 1899. Português de nascimento, chegou ao Rio Grande do Sul em 1805. Rodrigues²⁵⁰ afirma dele: “ativo, metódico, inteligente, empreendedor e instruído, devia Chaves ser bem-sucedido em qualquer empresa que metesse ombros”. Foi proprietário de uma das primeiras charqueadas da região, à margem do arroio Pelotas. Chaves foi o pioneiro na organização de uma estatística a respeito das importações e exportações da província, levando assim às autoridades um esboço da economia de então. O naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire esteve como hóspede na casa de Chaves. Segundo

²⁴⁹ RODRIGUES, Alfredo F. José Gomes Portinho. *Almanaque* 1898. p. 33.

²⁵⁰ RODRIGUES, Alfredo F. Antonio José Gonçalves Chaves. *Almanaque* 1899. p. 4-5.

Rodrigues²⁵¹, “Saint-Hilaire adicionou dados estatísticos a sua obra que lhe foram fornecidos pelo charqueador”.

A biografia de Antônio Vicente da Fontoura foi a contemplada no *Almanaque* de 1900. Fontoura foi num primeiro momento comerciante, mas logo se engajou na carreira militar. Também obteve destaque na política, tendo sido vereador por dois mandatos consecutivos. Segundo Rodrigues²⁵², “possuía espírito liberal e progressista”. Assumiu o cargo de Procurador Fiscal da Câmara, onde cuidava da parte administrativa da Província. Em um relatório de 1832, Fontoura intercede pelos presos recolhidos em prisões imundas, e afirma que os mesmos comiam apenas uma vez por dia. No mesmo ano foi eleito juiz ordinário, cargo do qual desistiu em seguida. Foi vereador novamente e mais tarde tornou-se capitão e major da Guarda Nacional. Lutou durante a Revolução Farroupilha.

É importante notarmos que Alfredo Ferreira Rodrigues biografou expoentes da cultura regional em dois segmentos, a literatura e a guerra. O interessante é que desde a primeira edição de 1889 até 1896 o autor foi alternando as biografias entre literatos e militares, mas a partir de 1896 até 1900 abordou a vida de militares. O *Almanaque* foi ao encontro com a Escola Positivista, em voga no século XIX, que privilegia a história dos grandes homens, dos heróis que contribuíram, de certa forma para a “ordem e o progresso”²⁵³ brasileiros. Em outras palavras, os positivistas abandonaram a busca pela explicação de fenômenos externos, como a criação do homem, por exemplo, para buscar explicar coisas mais práticas e presentes na vida do homem, como no caso das leis, das relações sociais e da ética, fatos estes representados pelos biografados.

3.2 Parte Histórica, Geográfica e Estatística

²⁵¹ Idem p.5

²⁵² RODRIGUES, Alfredo F. Antonio Vicente da Fontoura. *Almanaque* 1900. p. 6.

²⁵³ Expressão retirada da máxima do positivismo que representa "O amor por princípio, a ordem por base, o progresso por fim".

A partir do ano de 1895 foi incorporado às edições do *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* um capítulo dedicado à história, à geografia e à estatística da Província. No primeiro ensaio foi abordada, ao longo de 21 páginas, a temática “O presídio do Rio Grande”; em 1896, o tema foi “Os espanhóis no Rio Grande”, que teve 20 páginas; já em 1897, foi traçado um panorama geral do Rio Grande do Sul em “Estado do Rio Grande do Sul”, com 42 páginas; na obra de 1898, o título é “Primeiros fortes do Rio Grande”, com 16 páginas; no ano de 1899, “A pacificação do Rio Grande: Davi Canabarro e a surpresa de Porongos”, com 57 páginas, e por fim, em 1900, o ensaio “Notas para a história da imprensa no Rio Grande do Sul” com 26 páginas.

Em “O presídio do Rio Grande”, Rodrigues traça um panorama da história do Rio Grande do Sul, explanando sobre a disputa da Colônia do Sacramento por espanhóis e portugueses, passando pelo Tratado de Utrecht e a campanha de povoação do Rio Grande de São Pedro promovida por Portugal. Segundo o autor, o Brigadeiro José da Silva Paes foi incumbido de guardar a barra do Rio Grande e suas adjacências, onde construiu uma fortificação denominada Jesus, Maria, José. Rodrigues fala das dificuldades encontradas por Silva Paes para erguer o forte, que iam desde a falta de estabilidade do terreno até a falta de material para construção, da chegada de dois frades para compor o clero do lugar e da falta de roupas e sapatos para os soldados. Remete-nos também à importância da Estância Real do Bujuru, com seu rebanho de aproximadamente 20.000 cabeças, e de Cristóvão Pereira de Abreu, considerado braço direito de Silva Paes na empreitada. Rodrigues²⁵⁴ finaliza afirmando que “as raízes que o brigadeiro Paes tanto lidara por lançar às terras do Rio Grande tinham penetrado no solo e não havia mais como destruir a sua obra”. Assim, foi fundada a cidade do Rio Grande.

A tomada da cidade do Rio Grande pelos espanhóis é narrada no ensaio “Os espanhóis no Rio Grande”. Muitas famílias do Rio de Janeiro, paulistas, catarinenses e açorianos vieram povoar a região. A cidade era ponto estratégico para a coroa portuguesa nas disputas com os espanhóis pela posse das terras do sul da América. Dez anos após a fundação, o local era um

²⁵⁴RODRIGUES, Alfredo F. O presídio do Rio Grande. *Almanaque* 1895. p. 226.

próspero povoado, mas não tinha limites fixos. O Tratado de Madri, que demarcaria de vez os limites de possessões de ambas as coroas, visava a pôr fim aos conflitos. Entretanto, isso não ocorreu. Algum tempo depois, os espanhóis atacaram. Segundo Rodrigues²⁵⁵, “os espanhóis assenhorearam-se de toda artilharia, armamento, munições, e víveres que havia na vila”. Estavam sob o comando do general espanhol Ceballos. O autor faz uma descrição minuciosa do ocorrido, e afirma que só em 1776 é que os portugueses conseguem retomar o território.

Um panorama geral do Rio Grande do Sul foi contemplado no *Almanaque* de 1897. No texto, Rodrigues aborda a situação geográfica, limites, configuração, extensão, superfícies, territórios anexados, história, governo, municípios, justiça, divisão judiciária, religião, instrução, civilização, caráter e índole do povo, línguas, clima, estações, população, imigração, raças, criação de gado, agricultura e indústria. O autor traz uma série de tabelas e dados estatísticos que exemplificam os itens.

No *Almanaque* de 1898, o tema abordado é “Primeiros fortes do Rio Grande”. Novamente, fala da fundação da vila do Rio Grande por Silva Paes, o auxílio de Cristóvão Pereira de Abreu e a dificuldade em erguer tal construção.

Finalmente, em 1900, o assunto abordado é “Notas para história da imprensa no Rio Grande do Sul”. Rodrigues explana sobre os primeiros jornais do Estado, como o *Eco Porto-Alegrense*, *Correio de Anúncios*, *Nova Época*, *Telégrafo* e *Diário do Rio Grande*, abordando o formato dos jornais e sua periodicidade. Rodrigues fez um levantamento de todos os jornais do período entre 1828 e 1845 em circulação, que importaram em cinquenta nomes. A lista²⁵⁶ está a seguir:

1. *Constitucional Rio-Grandense*, 1828, Porto Alegre.
2. *Amigo do Homem e da Pátria*, 1829, Porto Alegre.
3. *Livres*, 1829, Porto Alegre.
4. *A Sentinela da Liberdade*, 1830, Porto Alegre.
5. *O Continentino*, 1831, Porto Alegre.
6. *O Compilador*, 1831, Porto Alegre.

²⁵⁵ RODRIGUES, Alfredo F. Os espanhóis no Rio Grande. *Almanaque* 1896. p. 227.

²⁵⁶ RODRIGUES, Alfredo F. Notas para a história da imprensa no Rio Grande do Sul. *Almanaque* 1900. p. 233 -257.

7. *O Vigilante*.
8. *O Noticiador*, 1832, Rio Grande.
9. *O Observador*, 1832, Rio Grande.
10. Nome não especificado.
11. *O Anunciante*, 1832, Porto Alegre.
12. *O Recopilador Liberal*, 1832, Porto Alegre.
13. *O Propagador da Indústria Rio-Grandense*, 1833, Rio Grande.
14. *A Idade do Ouro*, 1833, Porto Alegre.
15. *A Idade de Pau*, 1833, Porto Alegre.
16. *O Inflexível*, 1833, Porto Alegre.
17. *Belona*, 1833, Porto Alegre.
18. *Inexorável*, 1833, Porto Alegre.
19. *Sete de Abril*, 1833, Porto Alegre.
20. *Democrata Rio-Grandense*, 1833, Porto Alegre.
21. *Federal*, 1833, Porto Alegre.
22. *O Republicano*, 1834, Porto Alegre.
23. *O Pobre*, 1834, Porto Alegre.
24. *O Eco Porto-Alegrense*, 1834, Porto Alegre.
25. *O Correio Oficial da Província de São Pedro*, 1834.
26. *O Mestre Barbeiro*, 1835, Porto Alegre.
27. *O Continentista*, 1835, Porto Alegre.
28. *O Avisador*, 1835, Porto Alegre.
29. *O Mensageiro*, 1835, Porto Alegre.
30. *O Mercantil do Rio Grande*, 1835.
31. *O Liberal Rio-Grandense*, 1835.
32. *O Quebra Anti-Evaristo*, 1835, Porto Alegre.
33. *O Legalista*, 1836, Porto Alegre.
34. *Justiceiro*, 1836, Porto Alegre.
35. *A Gazeta Mercantil*, 1836, Porto Alegre.
36. *O Campeão da Legalidade*, 1837, Porto Alegre.
37. *O Correio de Porto Alegre*, 1837.
38. *O Artilheiro*, 1837.
39. *O Povo*, Piratini, 1838.
40. *O Imperialista*, 1839, Porto Alegre.

41. *O Comércio*, 1840, Porto Alegre.
42. *O Analista*, 1840, Porto Alegre.
43. *O Semanário Oficial*, 1840, Porto Alegre.
44. *O Conciliador*, 1840, Rio Grande.
45. *O Eco Brasileiro*, 1842, Porto Alegre.
46. *O Americano*, 1842, Alegrete.
47. *A Estrela do Sul*, 1843, Alegrete.
48. *Argos*, 1844, Porto Alegre.
49. *O Imparcial*, 1844, Porto Alegre.
50. *O Rio-Grandense*, 1845, Rio Grande.

Como podemos constatar, a relação dos jornais vai até o fim da Revolução Farroupilha. Rodrigues²⁵⁷ afirma que “a relação que apresento é (...) digna de confiança; poderá não ser completa, mas é em todo caso exata”.

Rodrigues era um escritor de múltiplos assuntos, e seu *Almanaque* contemplou muitos olhares do contexto do século XIX. Com este estudo mergulhamos neste universo, tendo por objetivo a recolocação no cenário intelectual sul-rio-grandense.

²⁵⁷ Idem p.257.

Considerações Finais

O *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* é uma fonte riquíssima de pesquisa, como demonstrado com este trabalho. A obra possui uma “Parte Literária”, que está intimamente ligada às escolas romântica, realista e simbolista, com poemas que refletem características concernentes a estas. A “Parte Histórica” reflete a escola positivista, pois trata dos grandes homens, de grandes feitos heróicos e batalhas, exaltando um passado mítico e guerreiro.

Todavia, encontramos contribuições ao *Almanaque* de grandes ícones da literatura brasileira, como Cruz e Sousa, Afonso Guimarães e de poetas rio-grandenses como Jacinto Fernando Osório, Damasceno Vieira, Bernardo Taveira Jr. e o próprio Alfredo Ferreira Rodrigues. Também ficou comprovada a participação de autores de outras regiões do país como Hermeto Lima, de Pernambuco, e Marques Rodrigues, do Maranhão, dentre outros. Assim, vemos que o *Almanaque* possuía projeção nacional, além da regional. Contudo, podemos afirmar que quando da publicação do primeiro exemplar do *Almanaque*, em 1889, a escola literária que estava em voga era a simbolista, que possui Cruz e Sousa e Afonso Guimarães como expoentes. Mas traços do romantismo ainda estavam presentes, como nos itens infância e a morte, tendo a evasão como característica principal. Quanto aos outros autores citados, estes oscilavam entre as três escolas, ora românticos, ora simbolistas, todavia sem esquecerem de ser realistas. Já Alfredo Ferreira Rodrigues costumava

usar a forma fixa do soneto, nos poemas de sua autoria analisados, característica essa concernente aos parnasianos e simbolistas.

É importante salientar que não foram encontradas referências à maioria dos autores das manifestações literárias. Contudo, fizemos um levantamento de todos os colaboradores do *Almanaque* quanto ao gênero. Não foi surpresa a constatação da maioria masculina, pois algumas mulheres do século XIX possuíam pouco espaço nas letras em relação aos homens, à exceção de pioneiras como Delfina Benigna da Cunha. Porém, havia autores não identificados quanto ao sexo, que foram classificados por Rodrigues como “não-especificados”. Vejamos a tabela a seguir:

Eixos temáticos	Contribuição feminina	Contribuição masculina	Não-especificados	Número de manifestações literárias
Mulher	5	48	4	57
Religiosidade	0	8	0	8
Infância	2	11	1	14
Morte	2	12	1	15
Pátria	1	7	0	8
Totais	10	86	6	102

Desse universo de 102 poemas analisados apenas 10 foram concebidos por mulheres, em contrapartida a 86 masculinos. Além disso, procedemos à estatística de todos colaboradores do *Almanaque* em todos os volumes analisados, visando um melhor entendimento dessa questão. A tabela a seguir demonstra a afirmação, através da estatística geral, feita abaixo, a maioria das manifestações literárias foi idealizada também pelos homens:

Edições	Contribuição feminina	Contribuição masculina	Não-especificados	Número de manifestações literárias
1889	11	116	0	127

1890	23	143	0	166
1891	25	179	0	204
1892	19	165	5	189
1893	33	177	0	210
1894	31	187	1	219
1895	25	157	1	183
1896	18	165	1	184
1897	13	150	1	164
1898	10	144	0	154
1899	9	151	4	164
1900	11	134	0	145
Totais	228	1.868	13	2.109

Na presente pesquisa, constatou-se que os poemas analisados não possuíam uma riqueza estética, porém evidenciavam o momento histórico e literário vivenciado pelo Brasil, num período de ebulição de conceitos que ultrapassavam a seara poética, mas, como vimos, ficaram refletidos nessa esfera. As manifestações literárias demonstraram desde o amor romântico, puro, ofertado à donzela pretendida até o desejo carnal, refletido na cópula entre dois amantes, passando pela questão espiritual, tratando da religiosidade e da morte, bem como o retorno ao universo infantil, sem esquecer a pátria e suas transformações políticas, econômicas e sociais. Nesta perspectiva, permeia o discurso sentimentos de alegria, saudosismo, transcendência, tristeza, fé, inquietação e esperança.

O *Almanaque* apresentou uma inovação no campo das letras, e reproduziu com êxito as correntes literárias do período. Por ser um veículo da poesia, do conto, das curiosidades, das charadas, da informação e da história num tempo em que a informação era escassa e a difusão das idéias substancial, deve ser recolocado em cena para que as novas gerações contemplem seu rico conteúdo e reafirmem sua importância tanto no passado quanto no presente. O grande legado do *Almanaque* é sem dúvida, a presença de autores conhecidos, inseridos no cânone e de autores comuns, pessoas comuns que utilizavam suas páginas para divulgar e expressar seus

sentimentos através da poesia, e a presença de autores de todo Brasil e até mesmo do mundo, como Josephin Souлары.

Com isso, vemos que o *Almanaque* possui relevância não só para o Rio Grande do Sul, mas para todo o país. Esta obra está inserida, inculida no contexto literário e histórico, e sua recolocação no cenário intelectual é nossa missão com essa dissertação de Mestrado.

Literatura e história são ciências que caminham juntas, que se completam, e suas fontes necessitam de preservação. Nesse ensejo, as manifestações literárias e históricas resgatadas nesse trabalho visam à disponibilização a outros pesquisadores e apreciadores dessas ciências, para que este acervo importante figure em um local mais acessível, e passível de contemplação.

Concluindo, deixamos aqui expresso o sentimento de satisfação ao concluir essa etapa, e esperamos que muitas pesquisas futuras utilizem o *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* como fonte de pesquisa, já que muitos mananciais históricos e literários estão à própria sorte nas bibliotecas e nos centros de pesquisa, bem como em acervos particulares. É extremamente gratificante a um profissional da História o contato com a fonte primária de pesquisa, e, principalmente, contemplar através da Literatura um novo mundo, e almejar que esse novo mundo seja contemplado por muitos ainda: duas ciências, dois olhares, dois caminhos.

REFERÊNCIAS

ALVES, Francisco das Neves. *Imagens e símbolos: a caricatura rio-grandina e o discurso político-partidário no século XIX*. Rio Grande: FURG, 1999.

_____. *A pequena imprensa rio-grandina no século XIX*. Rio Grande: Ed. da FURG, 1999.

_____. Nos limiares da civilização: a imprensa literária rio-grandina na década de 1860. In: _____ (Org.). *Por uma história multidisciplinar do Rio Grande*. Rio Grande: Ed. da FURG, 1999. p. 49-51.

_____. A imprensa literária rio-grandina na segunda metade do século XIX. *Artexto*, Rio Grande: Ed. da FURG, v. 11, p. 9-28, 2000.

_____. (Org.). *Imprensa e história no Rio Grande do Sul*. Rio Grande: FURG, 2001. Col. Pensar a História Sul-Rio-Grandense, 6.

_____. *O discurso político-partidário sul-rio-grandense sob o prisma da imprensa rio-grandina (1868-1895)*. Rio Grande: Ed. da FURG, 2002.

_____. *Imprensa gaúcha: história, historiografia & política*. Rio Grande: FURG, 2000, p.39.

ALVES, Francisco das Neves; BAUMGARTEN, Carlos Alexandre (Org.). *História e literatura no Rio Grande do Sul*. Rio Grande: FURG, 2001. Coleção Pensar a História Sul-Rio-Grandense, 12.

ASSIS, Machado de. *Instinto de nacionalidade e outros ensaios*. Porto Alegre: Mercado Aberto: Porto Alegre, 1999.

BAKTHIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Tradução de Yara Frateschi. 4. ed. Brasília: Ed. da UnB, 1999.

BARRETO, Abeillard. *Primórdios da imprensa no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Comissão Executiva do Sesquicentenário da Revolução Farroupilha. Subcomissão de Publicações e Concursos, 1986.

BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. *Literatura e crítica na imprensa do Rio Grande do Sul: 1868 a 1880*. Porto Alegre: EST; 1982.

BAUMGARTEN, Carlos Alexandre; MOREIRA, Maria Eunice. *Literatura sul-rio-grandense: ensaios*. Rio Grande: Ed. da FURG, 2001.

BAUMGARTEN, Carlos Alexandre; TORRES, Fiorina Matilde Macedo. *Província de São Pedro: índice de assuntos e colaboradores. Cadernos de Pesquisas Literárias da PUCRS*, Porto Alegre, v. 2, n. 1, maio 1996.

BERND, Zilá. *Literatura e identidade nacional*. Porto Alegre: UFRGS, 1996.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1883.

BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. 37. ed. São Paulo:

Cultrix, 2000.

_____. *O ser e o tempo da poesia*. 6. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CÂNDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.

CÉSAR, Guilhermino. *História da Literatura do Rio Grande do Sul*. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1971.

COUTINHO, Afrânio; SOUSA, J. Galante de. *Enciclopédia de literatura brasileira*. São Paulo: Global; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Academia Brasileira de Letras, 2001: 2v.

DAMASCENO, Athos. *Imprensa caricata do Rio Grande do Sul no século XIX*. Porto Alegre: Globo, 1962.

_____. *Imprensa literária de Porto Alegre no século XIX* Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1975.

DIMAS, Antonio. *Tempos eufóricos (análise da revista Kosmos: 1904-1909)*. São Paulo: Ática, 1983.

FERREIRA FILHO, Arthur. *História geral do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1974.

GOLDSTEIN, Norma. *Versos, sons, ritmos*. São Paulo: Ática, 1985.

HAUSER, Arnold. *História social da arte e da literatura*. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 2000,

HUTCHEON, Linda. *Teoria e política da ironia*. 1995. Tradução de Julio Jeha. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2000.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1994.

_____. *História: novos objetos*. As Mentalidades. UNICAMP, 1995..

LISBOA, Cátia Rejane Machado. *Alfredo Ferreira Rodrigues: o historiador e a Revolução Farroupilha*. In: ALVES, Francisco das Neves (Org.). *Historiadores rio-grandinos*. Rio Grande: FURG, 2001, p. 36. Coleção Pensar a História Sul-Rio-Grandense.

LUSTOSA, Isabel. *O nascimento da imprensa brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1978.

MINOIS, George. *História do riso e do escárnio*. Tradução de Maria Elena Assumpção. São Paulo: Ed. da UNESP, 2003.

MOREIRA, Maria Eunice (Org.). *Uma voz ao sul: os versos de Maria Clemência da Silva Sampaio*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2003.

_____. (Coord.). *Narradores do Partenon Literário*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 2002.

- NEVES, Décio Vignoli das. *Vultos do Rio grande*: Rio Grande, 1983.
- PIVA, Mairim Linck. A Sociedade Partenon Literário e sua revista. In: MOREIRA, Maria Eunice (Coord.). *Narradores do Partenon Literário*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 2002.
- PORTO ALEGRE, Aquiles. *Homens ilustres do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Erus, 1925.
- PÓVOAS, Mauro Nicola. *Murmúrios do Guaíba*: índices e antologia. *Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS*, Porto Alegre, v. 7, n. 1, maio 2001.
- REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. *Dicionário de narratologia*. 2. ed. Coimbra: Almedina, 1990.
- RODRIGUES, Alfredo Ferreira. *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*. Rio Grande: Livraria Americana, 1889.
- _____. _____. Rio Grande: Livraria Americana, 1890.
- _____. _____. Rio Grande: Livraria Americana, 1891.
- _____. _____. Rio Grande: Livraria Americana, 1892.
- _____. _____. Rio Grande: Livraria Americana, 1893.
- _____. _____. Rio Grande: Livraria Americana, 1894.
- _____. _____. Rio Grande: Livraria Americana, 1895.
- _____. _____. Rio Grande: Livraria Americana, 1896.
- _____. _____. Rio Grande: Livraria Americana, 1897.
- _____. _____. Rio Grande: Livraria Americana, 1898.
- _____. _____. Rio Grande: Livraria Americana, 1899.
- _____. _____. Rio Grande: Livraria Americana, 1900.
- RÜDIGER, Francisco. *Tendências do jornalismo*. 2. ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1998.
- SCHÜLER, Donaldo. *A poesia no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto: 1987.
- SILVA, João Pinto da. *História da literatura do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1924.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.
- TAVARES, Hênio Último da Cunha. *Teoria literária*. 4. ed. Belo Horizonte: Bernardo Álvares, 1969.
- TORRES, Luiz Henrique. O espaço da história no jornalismo literário do século XIX. In: ALVES, Francisco das Neves (Org.). *Por uma história multidisciplinar do Rio Grande*. Rio Grande: Ed. da FURG, 1999. p. 37-41.
- VILLA-BÔAS, Pedro. *Notas de bibliografia sul-rio-grandense*: autores. Porto Alegre: A Nação; IEL, 1974.

ZILBERMAN, Regina. *Literatura no Rio Grande do Sul*. 3. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.

OUTRAS FONTES DE PESQUISA

JORNAL ECHO DO SUL. Rio Grande: Janeiro a Dezembro de 1888.
ENCICLOPÉDIA BRITÂNICA. 11ª edição. Londres, 1930.

CENTROS DE PESQUISA

Biblioteca Rio-Grandense (Rio Grande – RS)
Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa (Porto Alegre – RS)
Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (Porto Alegre – RS)

SITES E PÁGINAS DA INTERNET CONSULTADOS

www.edukbr.com.br/artemanhas/lit_brasil_impres.asp

www.dla.furg.br

www.ppgletras.furg.br

www.cnpq.org.br

www.almanaquegaucho.com.br

www.alecrim.ufsc.com.br

ANEXOS

Claudia Fernanda de Barros Freitas

**ASPECTOS DA HISTÓRIA E DA LITERATURA NA PRIMEIRA DÉCADA DO
ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL
(1889-1900)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado em História da Literatura da Fundação Universidade Federal do Rio Grande, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras.

Orientador:

Prof. Dr. Francisco das Neves Alves

Rio Grande
Novembro 2007

SUMÁRIO

	Pág.
Introdução	8
1 O <i>Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul</i>	
1.1 Alfredo Ferreira Rodrigues “exemplo de intelectual de seu tempo”.....	10
1.2 O papel do <i>Almanaque</i> no imaginário sulino.	14
1.3 Contexto histórico-literário.	
1.3.1 A intersecção história, literatura e imprensa.....	17
1.3.2 A literatura no Brasil do século XIX.....	19
2 A produção literária: a poesia	
2.1 A mulher	
2.1.1 Nomes femininos	22
2.1.2 O corpo feminino	28
2.1.3 Mulher: melodia, música e dança.....	33
2.1.4 A mulher mãe	36
2.1.5 A mulher e o casamento	39
2.1.6 A mulher: “outros olhares”	42
2.2 A religiosidade	47
2.3 A infância	51
2.4 A morte	57
2.5 A pátria	65

2.6 A poesia de Alfredo Ferreira Rodrigues	69
--	----

3 A produção histórica

3.1 As biografias	73
-------------------------	----

3.2 Parte histórica, geográfica e estatística.	80
---	----

Considerações finais	84
-----------------------------------	----

Referências	88
--------------------------	----

Anexos

Textos em verso.....	95
----------------------	----

Textos históricos.....	217
------------------------	-----

2 A Produção Literária: a poesia

2.1 A mulher

2.1.1 Nomes femininos

Alice!²⁵⁸

Além já tudo repousa,
Do dia o astro fugiu,
Tudo é ledó nesta noite,
A lua além já surgiu.

E eu só nesta hora abatido,
Eu só, sem risos, sem paz,
Tristonho padeço e choro...
Alice! Alice! Onde estás?

Aqui toda a noite ouvia
Tua voz dizerte-me: Eu te amo!
Torna a sentar-te ao meu lado,
Vem minha amada, te chamo.

Meu coração inda é o mesmo,
Mas, ai! Toda a noite agora
Sentar-me neste ermo eu venho,
Sozinho e não como outrora!

A flor que murcha, bem sabes,
Renasce na primavera;
Mas tú, rosa, há mais de um ano
Me deixaste à tua espera...

Sendo tú mesma teu canto,
Diz-me: - Oculta ficarás?
Já busquei-te em toda a parte...
Ai! Alice, onde estarás?

Será mister que meus olhos
Rompam de noite estes véus;
Deverei, diz-me, buscar-te
Lá no azul puro dos céus?

Entre as milhares de estrelas,

²⁵⁸ FONTES, Eduardo. Alice!. *Almanaque* 1889. p. 4.

Bem junto ao trono de Deus,
Ó doce e amorosa Vésper,
Tú irás brilhar nos céus!

Recordações²⁵⁹

Não vês, Marília bela, aqueles prados,
Onde juntos passamos, venturosos
Nossa infância querida, e descuidosos
Destes dias de agora amargurados?

Não vês aqueles álamos copados,
Onde os ventos segredam, suspirosos,
Esses almos prazeres, esses gozos,
Em colóquio pueril então passados?

Como tudo mudou-se! As verdejantes
Colinas e os arados trovadores,
E os leques da palmeira ondulantes!

Agora, tenho na alma uns vão temores,
E, afastado de ti longos instantes,
Morro, morro de amor e mais amores!

²⁵⁹ AUGUSTO, José. Recordações. Almanaque 1890. p. 58.

Moema²⁶⁰

Na febre de um amor que a natureza
Infunde aos corações qual sol ardente,
Arroja-se ao furor de um mar fremente,
Aflita, a se esvair na profundez!

Não teme, não recua a cada vaga
Que, louca, vem beijar-lhe o casto seio;
Não teme que em seu beijo há mais anseio
Que a fúria desse mar que quase a traga.

E vai-se, tendo na alma o traidor;
Apenas se maldiz de seu amor
Que, fogo, só desfaz o véu da morte...

E vai-se... Como ela delirante,
Te lanças a seguir o terno amante,
Moema arrojada ao mar da escura sorte.

²⁶⁰ CARVALHO, José Rodrigues de. Moema. *Almanaque* 1892. p. 107.

Maria²⁶¹

Maria, se a desventura
A vida despedaçou-te,
E se, implacável, à noite
Da sorte mais te amargura;

Não chores, querida: eu dou-te
Tesouros mil de ternura;
Ama, o amor tudo depura;
Ama, tudo perdoou-te.

Encosta a fronte em meu seio,
Repousa de tanto anseio,
De tanta mágoa sofrida.

E, em paga de meu afeto,
Dá-me um bem completo:
Dá-me a alma, dá-me a vida.

²⁶¹ LIMA, S. Maria. Almanaque 1892. p. 115.

Trovas²⁶²

Margarida, és flor mimosa
Que me fascina e seduz;
Quanta inocência traduz
Teu sorrir, virgem formosa!

Quem me dera a cada instante
Contemplar-te, ai! Quem me dera!
Meu pesar eu desfizera
Com a luz do teu semblante!

Consente que eu possa um dia,
Cheio de franca alegria,
Gozar-te um riso de amor,

Muito embora a vida,
De meiga crença despida
Tenha a existência da flor!

²⁶² G. Trovas. *Almanaque* 1892. p.153.

Esmeralda²⁶³

Engastei sobre o azul do teu futuro
A esmeralda de minhas esperanças
E pousei-te depois nas longas tranças
Do teu louro cabelo ingênuo e puro.

O vento que desfez a tua coma
Também a minha jóia assim perdeu!
Quem sabe se de novo ao céu volveu,
Desfeita, como a flor, no próprio aroma?

²⁶³ ROCHA, Pinto da. Esmeralda. *Almanaque* 1892, p. 181.

A interessante menina Alice²⁶⁴

Alice, linda criança,
Vem cá, não fujas de mim;
Eu quero destes teus lábios
Roubar num beijo o carmim.

Oh! Deixa, não tenhas pejo
Pois bem vêes que te desejo
Só da amizade nasceu:
Que sentimento eu podia,
A não ser a simpatia,
Votar-te, anjinho do céu?

Amor? Não. És muito pequena
Para em amores pensar,
E quem amor não compreende
Não pode amor inspirar.

Assim, não tenhas receio,
Vem reclinar-te em meu seio,
Meu carinho satisfaz;
Vem que, enquanto da inocência
O véu cobrir-te a existência,
Um beijo mal não te faz.

²⁶⁴ TEIXEIRA, Carlos. A interessante menina Alice. Almanaque 1892. p. 227.

Eme²⁶⁵

A tua formosura
Meus olhos enlevou,
Minha alma apaixonou
A tua trança escura,

A tua voz tão pura
Tanto me cativou
Que, eu sinto, já estou
Bem perto da ventura.

O teu olhar formoso,
Teu colo amorenado
Teu belo porte airoso,

Ó anjo idolatrado,
Me faz de eterno gozo
Ficar extasiado.

²⁶⁵ SEABRA, Irineu. Eme. *Almanaque* 1892. p.228.

Esperanças ²⁶⁶

Cecina, quando me lanças
O teu olhar fascinante
Meu coração, palpitante
Nutre doces esperanças!

E, quando ás vezes te vejo
A cismar... talvez nas flores,
Crescem, crescem meus amores,
De te amar tenho desejo.

Quando acaso, anjo inocente,
Tú soltas alegremente
A tua voz maviosa,

Fico preso ao doce encanto,
Sonhando nesse amor santo
Um futuro cor de rosa!

²⁶⁶ MACEDO, Abdon. Esperanças. *Almanaque* 1897.p. 213.

Graziela ²⁶⁷

Não pudeste do amor, da soledade,
Os rigores conter no coração,
E morreste cativa, em oblação
Ao teu primeiro amor, na flor da idade.

Tal qual de rosa túrgido botão
Que o vento açoita e ceifa sem piedade,
Expiraste nos braços da saudade,
Num calvário de amor e ilusão!

Dos irmãos teus, pequenos e queridos,
Não valeram os prantos tão sentidos,
Nem teu negro cabelo atassalhado.

Tudo olvidou a crua e vil nobreza,
Para só memorar tua pobreza,
Fanando-te o amor imaculado!

²⁶⁷ MACIEL JUNIOR, Francisco. Graziela. *Almanaque* 1900. p. 226.

2.1.2 O corpo feminino

Recuerdo ²⁶⁸

Foram-se os dias de ventura. Agora
Em vez de risos, lágrimas e prantos,
Trocaram-se por dores teus encantos,
Foram-se em bando as ilusões de outrora.

Hoje, meu coração, ave que chora
Ternos afagos, merencórios cantos,
Não pulsa; em turbilhão de negros mantos
Envolto, lembra o teu amor, senhora.

Lembra os pérfidos lábios que descerras,
Deixando ver as pérolas que encerras
Nessa boquinha rubra, inebriante.

Lembra o teu corpo sensual, nervoso,
Teu meigo colo, um ninho gracioso,
Talhado em vivo mármore brilhante.

²⁶⁸ FRANCO, César. Recuerdo. *Almanaque* 1889. p. 10.

Beijos do céu ²⁶⁹

Assim sonhei com minha amante, um dia
_ Via-a no céu; e enamoradamente,
De beijos, a falange resplendente
Dos serafins todo o seu corpo ungia;

Santos e anjos beijavam-na... Eu bem via!
Beijavam todos o seu lábio ardente;
E até mesmo, beijando-a o Onipotente,
O próprio Deus nos braços a cingia!

Mas o ciúme fera que eu não domo,
Despertou-me do sonho, repentino...
Vi-a dormindo, plácida, a meu lado;

E beijei-a também, beijei-a... e ai! Como
Achei doce o seu lábio purpurino,
Tantas vezes assim no eu beijado!

²⁶⁹ CORRÊA, Raimundo. Beijos do céu. Almanaque 1889. p. 17.

Horas de saudade ²⁷⁰

Quantas horas passei, triste, cismando,
A contemplar o céu!
Quantas horas passei, mulher querida,
Sentindo quase se apagar a vida,
Sem um riso sequer do lábio teu!

Quantas horas passei! Ai! Tú nem sabes
Que martírio infernal
É amar e viver longe da amante,
Lembrando-a sempre, sempre, a todo instante,
Dela fazendo um lúcido fanal!

4m

Se tú soubestes quanta dor maldita
Sufoca o coração,
Quando se vive ausente e apaixonado,
Revedo em tudo o anjo idolatrado,
Tú havias de mim ter compaixão.

Amo-te muito, muito! Uma saudade
Viceja no meu peito!
Esta ausência é a prova decidida
De que a ti só pertence a minha vida,
Por isso a tua escravidão aceito!

Nesta hora saudosa só ú, meiga,
Me apareces a rir.
És todo o meu amor, és minha esperança,
A glória, tudo que eu sonhei criança,
A estrela tutelar de meu por vir!

Aceita, pois, a prova, nestes versos,
De saudade sem fim!
Chorando, triste, dedilhei a lira,
E, mesmo agora, ainda ela suspira,
Lembrando aquela que chorou por mim!

²⁷⁰ MARQUES,C. Horas de saudade. Almanaque 1889. p. 60.

Esfinge ²⁷¹

De balde eu tento levantar a ponta
Desse mistério que te cerca a vida;
Se vens, o livro vais fechando pronta
De triste história que jamais foi lida.

Quando em teus olhos divinais desponta
Uma expressão de alma prazer, dorida,
Tua alma em pranto julgo ver perdida
Nas grandes penas que chorando conta.

Em crepe as formas sempre tens envolta
E as tranças louras pela espádua soltas,
Como as deusas dos velhos madrigais...

E ontem, jurou-me falador astuto
Que andas assim... por que assim te assenta o luto,
E os teus ares de esfinge... prendem mais.

²⁷¹ FONSECA, M. Ribeiro da. Esfinge. Almanaque 1890.p. 121.

O teu riso ²⁷²

Expira a madrugada: o céu mi cante
Desata um riso extenso de alegria,
A natureza acorda, e principia
Um concerto de amor febricitante.

A luz, das suas azas, espaneja
O pó dourado, quente e penetrante,
E, nos gratos eflúvios desse instante,
Tudo sente calor, tudo viceja...

A rosa entorna o cálix perfumoso,
A planta cresce, o pássaro mimoso
Destila o doce mel dos cantos seus

Mas dentro de minha alma enternecida,
Só há prazer e só palpita a vida
Ao se entreabrir dos lábios teus.

²⁷² DURVAL, Ciridido. O teu riso. *Almanaque* 1890. p. 121

Confissão²⁷³

Adoro a palidez de teu semblante
Envolto em terno manto de tristeza,
A sombria expressão dessa beleza,
A que a graça não foge um só instante.

Adoro com fervor a intensidade
Desse olhar poderoso que fascina
A altivez, a elegância peregrina
Que só tú sabes ter com majestade.

Adoro febrilmente o pé sutil
Complemento, devido ao teu perfil;
Mas confesso, sou franco, sem rodeios,

Que, acima de fazer-te tão formosa,
Esmerou-se a natura caprichosa
Nas curvas deslumbrantes de teus seios.

²⁷³ FILGUEIRAS, Eudoro. Confissão. Almanaque 1891. p. 70.

Quadras a Lúcia ²⁷⁴

Vejo, amor, o sensualismo
No clarão dos olhos teus
- estrelas a brilhar no abismo,
Pássaro a cantar nos céus...

E sinto que esses teus olhos
Tem o fluido poderoso
Que aos perfumados refolhos
Da minha alma enche de gozo...

Quando os teus olhos me fitas,
Eu vejo no teu olhar
Essas regiões infinitas
Onde o amor passa a cantar...

A linguagem das estrelas
O céu me ensinou um dia,
E agora, como vou vê-las,
Sei as coisas que não sabia...

Sabem todas que eu te adoro,
Todas sabem, meu amor,
E é o mesmo pranto que choro
Que lhes dá novo esplendor!

Assim, amor sempre vejo
Um raio de luz que desce,
Esclarecendo o meu beijo
Como se fora uma prece!

Assim, nessas noites calmas,
Nessas noites de luar,
Se ouvem cantar nossas almas,
Ficam também a cantar...

Em tuas faces vermelhas
Pairam meus beijos, ó déa,
Como um enxame de abelhas
Ao redor de uma colméia...

Minha afeição acho-a pouca
Para ti, tão bela que és!

²⁷⁴ GUIMARÃES, Afonso. Quadras a Lúcia. *Almanaque* 1891.p. 134.

Ah! Quando te beijo a boca
Minha alma beija teus pés!

Abre o ninho do teu seio,
Que ajoelhado contemplo;
Que meu olhar bata em cheio
Nas colunas desse templo!

Foram teus olhos de certo,
Tão azuis, tão puros são
Que deixando o olhar aberto,
Deram o azul a amplidão...

Ah! Não tentes, flor, não tentes abrir
As fontes do pranto
Nestes meus olhos ardentes,
No olhar de quem te ama tanto!

No céu da tua alma pura
Deixa minha alma viver,
Pois é tão doce a ventura,
Pois é tão doce o prazer!

No banho ²⁷⁵

Tomba-lhe aos pés a túnica de neve,
E, na plena nudez mais provocante,
Aproxima-se da água murmurante,
Quer ao rio lançar-se, e não se atreve!

De pedra em pedra salta, airosa e leve,
Como uma ave de mimo cativante,
Expondo ao sol, que a beija a todo instante
Mil perfeições que a pena não descreve!

Entra na água afinal! Brandas ondinas
Enfeitam-na de jóias cristalinas
Dos pés a cabeleira negra e vasta.

Após breve momento, ei-la! Aparece
Tão cheia de esplendores, que parece
A imagem duma santa, nua e casta!

²⁷⁵ VIEIRA, Damasceno. No banho. *Almanaque* 1892.p. 181.

Luz plena ²⁷⁶

Gozar doces eflúvios que se coam
Da voz angelical com que me falas
Esse mórbido olhar quando te calas,
As virtudes que a alma te povoam;

Teus suspiros gozar, que ternos soam
Como as auras sutis em que te embalas,
Os aromas balsâmicos, que exalas,
Os risos que nos lábios teus revoam;

Beijar a tua face roseada,
Comprimir o teu colo primoroso,
Ora ver-te contente, ora zangada;

Tudo isto é a que chamo ser ditoso;
Tudo isto, ó meu bem, ó minha amada,
É do céu o prazer mais venturoso!

²⁷⁶ AUGUSTO, José. Luz plena. *Almanaque* 1892. p. 221.

Fome e sede ²⁷⁷

Há muito, minha flor de primavera,
Suspira e geme e desfalece e chora,
Porque distante estás de mim agora,
O que por ti contente a vida dera.

Meu coração, indominada fera
Que o teu sorriso subjugou outrora,
Sem a luz resplandecente dessa aurora
Na jaula de meu peito desespera.

Em trevas vivo; faltam-me os lampejos
Da luz do teu olhar os meus caminhos
Iluminando, ó flor aos meus desejos!

Pomba! Regressa aos teus antigos ninhos!
Minha boca tem fome de teus beijos,
Tem meu afeto sede de carinhos!

²⁷⁷ LIMA, Natividade. Fome e sede. *Almanaque* 1896.p.8

Deslumbramento ²⁷⁸

Quando achei-me em teu níveo cortinado,
Envolvido nas rendas de cambraia,
E tú, soltando a trança, a branca saia
Desprendeste do corpo acetinado,

Nem eu sei se morri! Mas, encantado
Parece que ainda em mim tudo desmaia,
A sonhar, a sonhar como na praia
Demente o rei Lear apaixonado.

Ia a noite crescendo, minha amante!
Pela alcova os arquejos languescestes
Começaram, febris, naquele instante.

Era orquestra o delírio! A tua boca
Dizia coisas tais, tão eloqüentes
Que não sei se eras gênio ou estavas louca.

²⁷⁸ BRITO, Febrônio. Deslumbramento. *Almanaque* 1896. p. 169

Corpo ²⁷⁹

Pompas e pompas, pompas soberanas,
Majestade serena da escultura,
A chama da suprema formosura,
A opulência das púrpuras romanas;

As formas imortais, claras e ufanas,
Da graça grega, da beleza pura
Resplendem na arcangélica brancura
Desse teu corpo de emoções profanas.

Cantam as infinitas nostalgias,
O mistério do amor, melancolias,
Todo o perfume das eras apagadas...

E as águias da paixão, brancas, radiantes
Voam, revoam, de asas palpitantes
No esplendor do teu corpo arrebatadas!

²⁷⁹ SOUZA, Cruz e. Corpo. *Almanaque* 1898. p. 176.

2.1.3 Mulher: melodia, música e dança

Ao toque de uma valsa²⁸⁰

Ao toque de uma valsa bem ligeira,
Um belo par na sala deslizava,
Ela, às vezes dizia e não sonhava:
Quem me dera valsar a vida inteira!

E ele, a ofegar, ardente a feiticeira
Valsando ao céu iremos, murmurava,
E ela então, como quem ao céu voava,
Ao suspirar dizia na carreira:

Minha flor, esta orquestra já é divina...
Nova terra entrevejo peregrina,
Nosso amor neste vôo mais se exalta!

Uma aurora lá surge diamantina...
É que o céu levante-se a cortina...
Entremos! Que ilusão! Findou a valsa.

²⁸⁰ TAVEIRA JR., Bernardo. Ao toque de uma valsa. *Almanaque* 1889. p. 17

Confissão ²⁸¹

Disseram-me sinhá, que eu não sabia
Dançar como convém a Palomita,
Pois que, de vez em quando, o par devia
Largar, para seguir regra prescrita...

Que engano, porém!
É que não sabem de onde o erro vem.
Se não deixo o meu par na evolução,
Quando esse par és tú meu doce bem,

E para, por mais tempo, ter unido
O teu seio querido
Ao coração.

²⁸¹ POLLY, Alfredo. Confissão. Almanaque 1889.p. 43.

Teus olhos ²⁸²

Se tens na voz a doce melodia,
A melodia que fascina e mata,
Oh! Tens no olhar o fogo que irradia,
E dalma agora o nosso amor retrata.

Ouçó-te a voz, a voz que prelúdio
A punitiva dor uma volátil
Mas esse olhar falava e traduzia
O poema desse amor que me arrebatá.

A interna lira tinha a voz dorida,
A mágica expressão duma alma em flor,
Mas esse olhar é tudo nessa vida.

E pode o sol nos dar o eterno ardor,
Pode a lira soar enterneçada,
Só esse olhar expressa o nosso amor!

²⁸² MILLER, Carlos A. Teus olhos. *Almanaque* 1893.p.167

Depois do baile ²⁸³

Esse colar de pérolas guardado,
No cofre desse colo de sultana,
Rutila como a luz que se espadana
De uma cascata de luar prateado.

Esse corpo macio e perfumado
De onde a essência de flor sempre dimana,
Faz-me lembrar da virgem sevilhana
O corpo nu no mármore talhado.

Nada me prende. Solto o olhar em torno,
Não me comove a música sonora
Nem de seu braço o olímpico contorno.

Mas fico absorto, estático, senhora,
Se lhe derramo o olhar no seio morno
Orvalhado de lágrimas da aurora.

²⁸³ OLINDA, Demóstenes de. Depois do Baile, *Almanaque* 1894.p.119

Divina voz ²⁸⁴

Se tua voz em Arias cristalina
Soltas, eu ouço um violino. As notas
Gemem, soluçam mil canções ignotas
Que saltitam febris das cordas finas.

Súbito o arco para as peregrinas
Escalas se esvaecem. Como gotas
De luz me vêm, das regiões remotas,
Nuns pizzicatos, duelas mil divinas.

Teus lábios são um violino: canta!
Geme, anseia, soluça e freme... Deixa
Desatar-se esta voz que me quebranta.

E, num desmaio vago de desejos,
Para somente esta sutil indica,
Quando eu fechar-te os lábios com meus beijos.

²⁸⁴ FREIRE, Teotônio. Divina voz. *Almanaque* 1894.p.119.

A voz de um anjo ²⁸⁵

Tua voz é suave melodia,
É conjunto de encantos e magia,
Que não posso jamais em outra achar,
Por isso, mal desprendes o teu canto,
Se apodera de mim arroubo tanto
Que bem longe da terra julgo estar!

Ela é doce, quais sons que, aprimorado,
Tira da flauta menestrel magoado
Ou quais os que a harpa eólia solta além,
É doce quanto o odor que sutilmente
Nívea canção espalha no ambiente,
Do perfume oriental que em si contém.

É doce como o canto da seriema
Que a voz tenha que as outras mais amena,
A soar pelo mundo mais traidor;
É doce, como na alvorada
Na estação que nas líras é cantada
Por tantos gênios com sublime ardor!

É doce qual o sim brando e solene
Que profere e que jura amor perene
Aquele em que se liga em face a Deus,
É doce enquanto aquilo que a doçura
Se possa imaginar que mais se apura
É mesmo a linda voz de um anjo dos céus!

²⁸⁵ CASIMIRO, Reinaldo. A voz de um anjo. *Almanaque* 1895.p.12.

A uma jovem cantora ²⁸⁶

Canta, canta, que o teu cano,
Doce harmonia do céu
Enche minha alma de vida,
Avigora o peito meu.

E ele tão mavioso
E em ti tão natural
Que te invejara Santog
Se te ouvisse. És sem rival.

Canta, canta que a vida é tão doce
Quando se tem treze anos,
Quando dela não se sabe
Das lutas e enganos.

Ai, não procures saber
Se a vida tem pranto e dores
Foge, foge dos abrolhos
E busca a senda das flores.

És bela flor, como as flores
És pura casta e louçã,
Linda rosa borrifada
Pelo orvalho da manhã.

Dias risonhos te esperam
No mais ditoso porvir
Seja feliz anjinho, segue
Que eu não te posso seguir.

Canta, canta que o teu canto,
Como celeste harmonia,
Seduz, encanta arrebatada!
Canta, teu canto extasia!

²⁸⁶ BARBOS, Benevides I. A uma jovem cantora. *Almanaque* 1895.p.152.

Gitana ²⁸⁷

E a saia panda, em rápido volteio,
Curta, mostrando a perna modelada,
Roda no espaço, e o pé de curva ousada
Voa imprimindo ao corpo bamboleio.

Sob o corpete de cetim granada,
Arfa o moreno e voluptuoso seio;
A cinta, a ventarola afla espalmada
Seguindo a jota o célere torneio.

Sobre a cabeça, uma das mãos nervosas
O pandeiro de prata ergue, rufando
Trinados altos, trinques, trincojejos.

Giram nos ares plumas, fitas, rosas...
E da outra mão os dedos vão roçando
Na boca e estalam beijos e mais beijos.

²⁸⁷ FREIRE, Teotônio. Gitana. *Almanaque* 1898.p.176.

2.1.4 A mulher mãe

Onze de outubro ²⁸⁸

Hoje que colheis mais uma rosa
No precioso jardim de vossa vida,
Mais uma linda aurora de esperanças
Desponta para mim ó mãe querida!

Os anos que colheis, tranqüila e meiga
Como eu colho de amor os vossos beijos
Que vos tragam futuras alegrias,
São estes, cara mãe, os meus desejos.

Meu terno coração hoje em transporte
Vos saúda pedindo a Deus clemente
Que o dia feliz dos vossos anos
Eu possa saudar sempre contente.

Desejava oferta-vos, nesta hora
De ternura um penhor de grande apreço,
Mas negando-me Deus essa ventura
Só um canto singelo eu ofereço.

Aceitai cara mãe, este meu canto
Inspiração de amor o mais sagrado
E o vosso aniversário natalício
Será sempre por mim rememorado.

²⁸⁸ MONTENEGRO, D. Francisca Sá. Onze de outubro. Almanaque 1891.p.198.

Minha mãe ²⁸⁹

Minha mãe! Minha mãe! Esta distância
Que nos separa me define e mata
Quanto a sorte me foi avara e ingrata
Na minha doce e divinal infância!

Meu pensamento ainda te retrata
Inda te busca com amor, com ânsia
Minha mãe! Minha mãe! Esta distância
Rouba-me a luz e a mágoa me dilata.

Amo-te ainda, minha mãe, eu te amo
E diga o mar, a flor, o fruto, o ramo
E o sol que de fulgor a terra junca.

Nada deste viver a angústia acalma!
Sinto minha alma presa na tua alma
E olho em redor, nunca te vejo, nunca!

²⁸⁹ CAMPOS, A. J. Ferreira de. Minha mãe. *Almanaque* 1892.p.221.

Amor²⁹⁰

Eu amo as flores mimosas,
Da primavera gentil;
Eu amo o raiar da aurora
Num céu risonho de anil.

Amo os ternos passarinhos
Que vem no prado cantar;
Eu adoro o mar profundo
Em noites de alvo luar.

Amo os campos desta terra
Todos cheios de verdura:
Amo tudo que há de belo
No seio da mãe natura.

Mas a quem eu mais adoro
Na quadra alegre da vida
É um anjo de candura,
Minha mãe, ó mãe querida!

²⁹⁰ FREITAS, Abílio. Amor. *Almanaque* 1893.p.109.

Saudade ²⁹¹

Viver sem ti, ó mãe, se algumas vezes
Essa idéia tão triste, negra, horrível,
A mente me assaltava,
Ao contemplar teu rosto tão bondoso,
Eu dizia comigo: é impossível!
E triste suspirava.

E, no entanto, ó mãe, há quase um ano
Que partiste daqui e me deixaste
Imersa em negra dor
Que uma agonia atroz, lenta, sofreste,
E a palma do martírio, ai! Sim, levastes
Aos pés do redentor!

E eu vivo sem ti; eis a verdade.
E eu vivo sem ti: mas isto é vida?
Será isto viver?
Não mais ouvir a tua voz chamar-me,
Não poder contemplar-te, ó mãe querida!
Oh! Sim, antes morrer!

Sim, é triste o viver, quando o presente
É despido de encantos, e esperança
Não temos no futuro;
O mundo se nos torna detestável,
A vida é tempestade sem bonança:
Ó mãe! É tudo escuro!

²⁹¹ LISBOA, D. Carlota do Amaral. Saudade. Almanaque 1893.p.117.

Ser mãe ²⁹²

Ser mãe é sentir no peito
Um ninho cheio de amor;
Sentir a alma embalada
Por um sonho encantador;

O coração palpitante
Por ventura sem igual
É divisar no horizonte
O mais risonho fanal

É fitar um céu sem nuvens
Ter a fronte aureolada
É viver entre perfumes

Pelo eterno abençoado
É viver em doce enleio
Se o filhinho une-se ao seio.

Ser mãe é sentir no peito
O mais agudo punhal
Ter a alma despedaçada
Do destino o vendaval

O coração transbordando
Da mais cruenta amargura
É viver sempre envolvido
No manto da desventura

Fitar um céu tormentoso,
Viver em pranto banhada
Olhar tudo indiferente

Pela dor petrificada
É qual átomo viver
Se viu seu filho morrer.

²⁹² SOARES, D. Cândida Abreu. Ser mãe. Almanaque 1895.p.215.

Página íntima ²⁹³

Na bíblia deste amor, que me ensinaste tanto
Ao despontar da vida
Acho a todo o momento a luz em cada canto
Ó minha mãe querida!

Ao lado do meu ser achei-te docemente!
Agora pela estrada
O braço do teu filho ajudar-te-á somente,
Ó minha mãe amada!

²⁹³ SILVA, Deoclécio. Página íntima. *Almanaque* 1897.p.170.

Olhar de mãe ²⁹⁴

Como um perdido pássaro, sem ninho,
Que foge a rispidez da tempestade,
Sem uma fronte achar, sem um carinho
Que lhe suavizasse a triste soledade,

Assim sou eu, sem rumo, sem caminho,
Fujo ao inferno argente que me invade,
Sem uma terna voz, um lar mesquinho
Que me abrigue do pranto da saudade!

Mas, no meio da noite da procela
Tenho sempre um fanal, divina estrela
Que me ilumina a estrada dessa vida!

E essa estrela que os passos me acompanham
Essa estrela que em luz minha alma banha,
É teu bendito olhar, ó mãe querida!

²⁹⁴ MENDES, Brito. Olhar de mãe. *Almanaque* 1898.p.140.

Minha mãe ²⁹⁵

Minha mãe, minha mãe, prece bendita,
Perolada do amor e de venturas,
De meus lábios nas horas de amarguras...
Minha mãe querida, minha mãe sagrada, amada, luz infinita!

²⁹⁵ FAÇANARO, J. Minha mãe. Almanaque 1899.p.140.

Mãe ²⁹⁶

Noites, mais noites, tétricas, sombrias,
Em que a visão dos sonhos me apavora,
Sinto minha alma pelo mundo afora
A devassar o azul das utopias.

Penso em alguém, e sei que esse alguém chora,
Pensando em mim talvez. Lágrimas frias,
Vertidas pelo fel das ironias,
Descem-me pela face. Oh! Nesta hora

Longe dos homens maus, de tudo vario,
Faço uma estrofe límpida e sagrada
E creio, ouvindo-a, junto a mim tú voas!

No coração, o vasto relicário,
Vejo-te ó mãe, velhinha imaculada
E de mãos postas, julgo, me abençoa!

²⁹⁶ CAVALCANTI, Moreira. Mãe . Almanaque 1899.p.153.

2.1.5 Mulher e casamento

Alianças ²⁹⁷

Uma aliança significa um laço,
De amor jurado, sedutor laurel;
Pois o amor tudo transparece,
Tudo enobrece

E nem mesmo na partida,
Hora que se esvai a vida,
Na morte, pois,
Na morte levarei comigo,
Preso no dedo teu divino anel.

²⁹⁷ MARQUES, C. Aliança. Almanaque 1889.p.28.

Coroa ²⁹⁸

Farás uma coroa, minha amada,
Da tua loura cabeleira espessa,
Que, num fulgor de luz imaculada,
Aureole a cabeça...

Depois irás, sorrindo castamente,
Da bela igreja pela estrada afora,
E chegarás ao branco altar silente,
Onde o bom Cristo mora...

Depois..depois Anjelica, de joelhos,
Os olhos no homem-de-Deus, pensando em mim,
Abrindo a flor dos lábios teus vermelhos,
Tú falarás assim:

Ó doce Cristo, ó pálido rabino,
Colhe em teu peito, vaso encantador,
Enquanto eu falo, o pranto meu divino
As estrelas do amor...

Não teme mais o fogo de teus beijos
O meu amante, ó flor da raça hebréia,
Que osculavam em trêmulos adelos
As filhas da Judéia!

De meus cabelos a coroa feita
Eu te ofereço, ó Iris da esperança,
Pois Madalena, em lágrimas desfeita,
Não teve essa lembrança!

²⁹⁸ GUIMARÃES, Afonso. Coroa. Almanaque 1891.p.207.

Um voto ²⁹⁹

Neste instante cor de rosa
Em que deixas de ser vertigem
Tua grinalda de virgem
Em troca de véu de esposa,

Em que deixas a folgança
Do teu viver de criança
Pelo dever de senhora,
Faço a Deus um voto puro
Para que envolva seu futuro
Na luz da recente aurora.

Sê feliz, cópia de Ester!
Não sei por que me constranjo,
Mas vê bem que eras um anjo
E voltas a ser mulher!

Mas que Deus feliz te faça,
Te dando por sua graça,
Uma ditosa união,
E ao por tua coroa
Continua a ser, que és boa,
Anjo pelo coração.

De amor a solicitude
Te vejas sempre cercada,
Trazendo a frente coroada
Pelo esplendor da virtude.

Segue, pois, intemerata:
Ao bem, o peito desata,
Liga a fé ao teu destino;
E, nesta vida revolta,
Possas viver sempre envolta
Em raio purpúreo

De flores se veste o prado,
Estrelas o céu exoram,
São os astros que se adornam
Para assistir o teu noivado.

Pois, se os céus te são propícios,
Te mostrando esses indícios,

²⁹⁹ SOUZA, João Capistrano Nonato de. Um voto. *Almanaque* 1894.p.112.

Terás dita perenal,
E, pois, em satisfação,
Exprime em meu coração.

Noiva³⁰⁰

Tem a fronte inclinada, o rosto entristecido
Como quem guarda na alma um segredo dileto...
No simpático olhar só transparece afeto,
Vê-se que impera amor em todo o seu sentido.

Quantas cismas sem fim, o coração dorido
Não traz ao pensamento, o cândido indiscreto?
Parece algum pesar, pelo divino aspecto,
Guardar no coração e tê-lo reprimido.

Se são penas de amor, não entristeças tanto
Da firmeza ao cultivo a confiança enriquece,
Aumenta nosso afeto e suaviza o pranto.

A meiguice do amor nossa alma fortalece,
A constância compõe um amorável canto,
Terás o bem no lar que a todos enobrece.

³⁰⁰ LIMA, Vicente Lucas de. Noiva. Almanaque 1898.p.105

Noiva ³⁰¹

Essa que vi outrora cortejada,
Entre roupas alvíssimas de espuma
Vai desprender-se as folhas uma a uma
Da capela que traz imaculada.

Cai-lhe da fronte pálida e nevada
O transparente véu feito de pluma...
Sob a coupé a multidão se apruma
Marcha o cortejo em franca desfilada.

As aves cantam dos jardins ao vê-la
Modulam, sinto fúlgidas estrelas,
Epitálamos de amor sincero.

E eu fico pasmo e perturbado a um canto
Vendo-a tristonha, reprimindo o pranto,
Passar no braço de um marquês austero.

³⁰¹ LIMA, Hermeto. Noiva. *Almanaque* 1900,p.123.

Noiva ³⁰²

A noiva passa rindo,
De rosas coroada,
como um botão surgindo,
A luz da madrugada.

Na fronte imaculada,
O véu lhe desce lindo,
E a brisa enamorada,
Lhe furta um beijo infindo.

Ante o altar se inclina
A noiva, a purpurina
Murmura a medo: sim!

Agora é noite; a lua
No céu flutua
E o noivo diz: enfim!

³⁰² CRESPO, Gonçalves. Noiva. *Almanaque* 1900.p.226.

2.1.6 A mulher: “outros olhares”

Mulher cadáver ³⁰³

Rolam do tempo, em tua face pálida,
As caprichosas rugas salientes,
E há muito que, mulher, caveira esqualida,
Por ti não pulsam corações ardentes.

De tua virgindade, outrora cálida,
Ri-se o burguês, e tú remorsos sentes.
A louca borboleta, que crisálida
Um dia foi, as asa transparentes

Do sol agora resguardar procura,
Voa na sombra, esconde-se ligeira,
Do sol, da luz, que inveja e que a tortura.

Assim, mulher criança foste um dia,
Mas hoje, numa cela, hirta caveira,
Sonhas o amor marmoramente fria.

³⁰³ FRANCO, César. Mulher cadáver. *Almanaque* 1889.p.38.

Insulto ³⁰⁴

Tinhas o peito convulso
Como um revolto oceano!
Sentias talvez o impulso
Do amor o profundo arcano.

Vinham-te frases aos lábios
De uma ironia pungente!
Eram talvez os ressaibos
De alguma traição recente.

Erguias o olhar satírico
Para um moço que te olhava...
Talvez um poeta lírico
Que os seus versos recitava.

Ao ver-te assim furiosa,
Como ferida pantera,
Eu pensei que eras a rosa,
Cujo espinho dilacera.

Contou-me alguém o motivo
Dessa raiva tão mordente,
Teu primo disse-te ao vivo
Esse insulto impertinente:

Tú hás de ficar um dia
(triste presságio bem vês)
Velha, feia, doentia,
E reumática talvez!

³⁰⁴ SILVA, E. Insulto. *Almanaque* 1889.p. 55.

Memento quia ³⁰⁵

Eu bem vejo, mulher! Tú és ditosa
E julgas ter a perenal couraça
Que da velhice te defende
A rosa, cai-lhe a beleza
Quando o vento passa!

Depois, tú bem sabes, uma carcaça,
De um homem seja de mulher formosa,
Seja de um cão, é sempre igual em massa,
É sempre negra e vil, sempre asquerosa.

Tú tens um coração de orgulho cheio,
Que em todos corações deixa o desprezo,
Rindo e cantando sempre no teu seio...

Mas, quando a morte, ó flor das multidões,
Vier, dir-te-á o seu valor e peso:
É sempre o mesmo o pó dos corações!

³⁰⁵ GUIMARÃES, Afonso. Memento quia. *Almanaque* 1890.p.110.

São gostos ³⁰⁶

Gosto de ver uma velha
De polisson rebitado,
Com a bochecha vermelha,
Na rua de braço dado.

Gosto de ver uma moça
Com seus sapatinhos novos
Como se fossem de louça
Boneca que pisa em ovos.

Gosto de ver um rapaz
De bigodinho torcido,
Falando como um cartaz
De seu moderno partido.

Gosto enfim, de ver as coisas
Pelos óculos de aumento
Em que ficam as raposas
Do tamanho de um jumento.

³⁰⁶ MIRANDA, Pedro Antonio de. São gostos. *Almanaque* 1891.p.p118.

Não percas o teu latim ³⁰⁷

Sinhá, desculpe a franqueza
Do teu rude trovador,
És feia como a põe-mesa
Não posso votar-te amor!

Tú me inspiras ódio eterno,
Ai! Tú me causas horror!
Sinhá, perdão eu te peço,
Não posso votar-te amor!

Bem sei que vou ofender-te
Com tão acerbo rigor
Mas, sinhá tenha paciência,
Não posso votar-te amor!

Sei que tens uma alma nobre
E um coração de valor
Sei tudo isso e reconheço,
Mas eu não te tenho amor.

Tudo que é teu me aborrece,
Um leque, um laço, uma flor...
É um mistério insondável
Esta indiferença de amor!

Portanto, sinhá, é tempo
Segue o caminho melhor,
Procura amor noutro peito
Pobre mendiga de amor!

³⁰⁷ BONALD, Olímpio. Não percas o teu latim. *Almanaque* 1892.p.122.

Bem-aventuranças ³⁰⁸

Bem-aventuradas as mães que casam as filhas antes
De fugirem com os noivos, por que delas é o reino
Da tranqüilidade doméstica;

Bem-aventurados os noivos pobres que casam com moças
Ricas, por que nunca lhes faltará dinheiro
Para suas fantasias.

Bem-aventuradas as meninas namoradeiras,
Por que arranjarão noivos as dúzias.

Bem-aventurado o marido a qual a mulher não
Exige luxo, por que sempre viverá em paz.

Bem-aventurada a moça feia,
Pois esta livre de pretendentes e,
A salvo da calúnia.

Bem-aventurado o homem que não é ciumento
Por que casando-se, nunca será cego.

Bem-aventurada a mulher honesta,
Por que sempre será respeitada.

Bem-aventurado o homem de juízo,
Por que nunca se casará e ficará
Livre de ter sogra!

³⁰⁸ REIS, Joaquim Álvares dos. Bem-aventuranças. *Almanaque* 1893.p.129.

Traição ³⁰⁹

Borda-se o céu das tintas luminosas
Da branda rubidez das madrugada
E já nos verdes ramos debruçadas,
As ternas juritis gemem saudosas

De moita em moita saltam descuidosas,
Sem receios de inimigas emboscadas,
E buscam pela relva as dispersas,
Sementes de que vivem sequiosas.

E, no entanto, as persegue negramente,
Seus cantos imitando fielmente,
O fero caçador de olhar vilão.

Depois um tiro a queda moribunda,
Da plumosa cantora gemebunda,
Quem é que não sucumbe a vil traição?

³⁰⁹ CRUZ, Alfredo. Traição. *Almanaque* 1893.p.177.

Naná³¹⁰

Pasmado ante a tua beleza a gente
Vive a pensar nas virgens da Alemanha,
Do céu azul, da vastidão tamanha
Da profundeza dum lago transparente

Às vezes quando vê-la somente
A rendada camisa de Bretanha,
És uma santa, singular, estranha
De carnação cheirosa e transcendente

Nas doces vibrações enlanguescidas
Da luz do teu olhar vão-se perdidas
A crença em deus e a fé na castidade

Pois, no silêncio fúnebre e gelado
Do teu infame templo conspurcado
És um monstro de vício e maldade!

³¹⁰ MOTTA, Acrísio. Naná. *Almanaque* 1893.p.223.

Messalina³¹¹

De olhar celeste, lúbrica e radiosa,
Traz ao carro de rainha acorrentados
Tantos e tantos corações , levados
Pelo capricho de mulher formosa.

Vendo-a curvam-se todos deslumbrados
E a todos olha fria e desdenhosa,
Nem a comove a lágrima piedosa
Dos lúridos amantes desprezados.

Por onde passa, turva de amargores
Em tanto a estrada é límpida e risonha
Ela de novo vai colhendo flores.

Um dia, a alma a tépida ventura,
Do amor abrindo, há de tombar tristonha
No pavoroso abismo da loucura!

³¹¹ OLIVEIRA, Octacílio de. Messalina. *Almanaque* 1895.p.133.

Perdão ³¹²

Nem mesmo quero lembrar
Se algum dia já te amei!
Ah, fui louco: o coração
Aos teus pés sem dó joguei!

Fui louco sim em te amar
E olhar os teus encantos
Mesmo em julgar verdadeiros
Aqueles teus falsos prantos

Desfolhei do meu futuro
Belas flores orvalhadas
Que jazem pobres coitadas,
Atiradas pelo chão.

E sinto mesmo do tempo
Na sucessiva voragem
Quase morto, sem coragem
O meu pobre coração.

Não pensei que fossem assim fingidos
Fossem teus cantos saudosos
E que teus lábios formosos
Soubessem assim mentir.

Ah! Fui louco, pois julguei
Encontrar-te sempre pura
A me trazer a ventura
Aureolando o porvir.

E, se algum dia o remorso
A tua mente obumbrar
Não te esqueças, eu te peço
De que eu sei perdoar!

³¹² CALDAS, Alfredo. Perdão. *Almanaque* 1894.p.225.

A rameira ³¹³

Aquela mulher formosa
De vestido cor de rosa
As flores no penteado,
É uma pobre rameira
Dos vícios levada a esteira
Por um rico desalmado.

Seu pai, honesto operário,
Por um trabalho diário,
Tinha o pão para a família;
Mas um dia vem-lhe a morte,
Segue-lhe a triste consorte,
Fica só a pobre Emília.

Era tão nova e tão linda,
Faceira e vaidosa ainda,
Com tantos mimos criada
E vendo-se de repente,
Sem pai, sem mãe, sem parente,
Ficara como assombrada.

Órfã, no mundo sozinha!
Que sorte, que sorte a minha!
Sem pai, sem lar, sem família
Um santo e bendito orvalho,
A providencia, o trabalho,
Oh! Isso esquecerá Emília!

Mas em seu juvenil semblante
Pálido ainda a um instante,
Recobrou a cor mimosa;
Por impulso ou mau conselho,
Parou-se defronte do espelho,
Olhou, achou-se formosa.

Sou bela, e cismando fica
És bela e queres ser rica!
Lhe diz astuto ricaço.
E zombando da fraqueza
Da órfã, pobre indefesa
Lhe atira a bolsa ao regaço...

³¹³ AMÉLIA, D. Luiza . A rameira. *Almanaque* 1897.p.139.

Teu bem ³¹⁴

Olá, olá cavaleiro,
Sustem a rédea, sustem
Que habita a morte no outeiro
Onde habita o teu bem.

Nesse castelo encantado
Onde teu bem te sorriu,
Um outro entrou disfarçado,
Teu bem a porta lhe abriu.

Teu bem vai dar-te a peçonha
Dos beijos do teu rival!
Teu bem perdeu a vergonha,
Teu bem mudou-se em teu mal.

³¹⁴ CAMARA, D. João da. Teu bem. *Almanaque* 1897.p. 157.

Deus ³¹⁵

No fulgor da linda estrela,
Nesse encanto, nessa luz,
Que fascina e que seduz,
No cair da noite bela;

Das aves no meigo canto,
E das flores no perfume,
De Phebo no vivo lume,
Da tarde no enlevo santo;

E no doce murmúrio
Do regato transparente,
No fino azul da corrente
E nos brandos sons do rio;

Na mulher a quem adoro,
Nas virtudes que ela tem,
Nos carinhos de uma mãe
Que o filhinho afaga em choro;

No ar puro que respiro,
Na flor simpática e bela,
Da aurora na luz singela
Que contemplo e admiro;

No suave perpassar
Da aragem mais fagueira,
E na lua feiticeira,
E no céu, na terra e no mar;

Em tudo que ouço, ó céus,
Que eu alcanço e posso ver,
Admiro o teu poder,
Leio só teu nome: Deus!

³¹⁵ BARBOSA, Antonio Dantas. Deus. *Almanaque* 1890.p.108.

Cristo e a lenda ³¹⁶

Que mal fazias tú, ó doce Nazareno,
Sarça ardente de fé, ó pálido Jesus,
Nessa augusta mudez, fechado, o olhar sereno,
E o corpo, onde passou a esponja do veneno
Pregado numa cruz?

Não foste o amigo bom dos lázaros, dos pobres
Famintos, seminus, cobertos de bandões?
Não te venderam por uns miseráveis cobres?
Não sofreste, afinal, dos césaes, dos nobres,
A morte entre os ladrões?

Tu que fazias ir a ti as criancinhas,
Como pombas voando em torno de um pombal;
Dos homens a justiça, a toga, o sacerdote
Da lei, da moral, dá muito golpe em vão.

Em outros tempos, quando eu era pequenino
Entre os risos da infância e a bênção maternal,
Ouvindo as orações do ritual divino,
Sentia um quer que fosse, imenso, peregrino
E execrava o mal.

É certo que a razão armada da ciência,
Os dogmas destronando, o mundo encheu de luz
Ficou vazio o céu, os orbes, a consciência?
Sim! Mas deixai que doure a agrura da existência
A lenda de Jesus!

³¹⁶ COSTA, Albino. Cristo e a lenda. *Almanaque* 1893.p.203-04.

No calvário ³¹⁷

Do calvário em meio do suplício,
Disse Jesus erguendo os olhos seus
“Pai, já está completo o sacrifício
De pregar teu nome entre os judeus”

Deste martírio, sei o benefício
Receberei em breve, ó pai, ó Deus
Fique sempre esta cruz marcando o início,
Da redenção que destes aos filhos teus.

E esse madeiro sacro, que se alteia,
Do calvário, nas penhas da Judéia
Ainda o doce Jesus a nos mostrar.

Nos diz também, mas com palavras,
Não podia Jesus viver sem um Judas,
Para exemplo maior ensinar!

³¹⁷ FARIA, João Clímaco de. No calvário. *Almanaque* 1893.p.236.

Credo ³¹⁸

Creio no deus cupido, todo poderoso,
Criador do prazer e da felicidade dos amantes.
Creio na mulher honesta e virtuosa, a qual foi
Concebida com penhor e confiança,
Nasceu com um coração puro, padece,
E é crucificada pela ingratidão de um mau marido,
Morta pela ambição e sepultada
Pelo esquecimento...
Creio na constância mútua de
Dois corações, juntos ao altar,
De onde há de vir à pureza do amor.
Creio nas conseqüências santas,
Na comunicação das confidências íntimas,
Na remissão do passado,
Na eficácia da amizade,
E na vida feliz do casamento!
Amém!

³¹⁸ REIS, Joaquim Álvares dos. Credo. *Almanaque* 1895.p.122.

Ave Maria ³¹⁹

Ave Maria, amorosa
Mãe dos tristes pecadores,
Dá-nos alívio nas dores,
Vela por nós piedosa.

Cheia de graça e doçura,
Deus é contigo, Senhora;
Mais bela és que a luz da aurora,
Virgem casta, virgem pura!

Bendita és tú que venceste
A serpe do negro mal;
Sem pecado original,
Entre as mulheres, nasceste.

Bento é o fruto, penhor;
Bem, do teu ventre, Jesus,
Fonte perene de luz,
Lírio de fragrante odor.

Santa Maria, rainha
Formosa estrela do mar,
Mãe de Deus, teu doce olhar,
Fita na terra mesquinha.

Roga por nós pecadores,
Te imploramos suplicantes,
Somos tristes navegantes
De vasto pego de errares.

Agora, por nosso bem,
E na hora de nossa morte
Dá-nos fé que nos conforte,
Excelsa senhora! Amém!

³¹⁹ SANTAFÉ. Ave Maria. *Almanaque* 1895.p.152.

A consciência de Judas ³²⁰

Judas, o detestado e grande delinqüente,
Possuía uma consciência austera a toda altura,
Que, da sua traição expondo-lhe a negrura,
A um remorso voraz o deu completamente,

Compenetrado então, de sua culpa ingente,
Ao perdão do Homem-deus, o ser todo brandura,
Preferiu o suicídio e a eterna desventura,
Réu, juiz e carrasco a um tempo, cegamente,

Hoje, traidor nenhum esforça-se, contristo,
O número do maus e falsos é infinito,
E não lhes chegam mesmo inquietações miúdas,

No entanto, bastaria a exterminar tal classe
Que Jesus, consumando a redenção, legasse,
A tua consciência à humanidade, ó Judas.

³²⁰ CAVALCANTE, L. Tenório. A consciência de Judas. *Almanaque* 1897.p.185.

Nossa Senhora das Dores ³²¹

Junto do teu altar, ó mãe sagrada,
Eis-me constricto, orando como um crente,
A alma num sonho místico, enlevada,
No teu olhar o meu olhar ardente.

E, ó grande Mãe! Beijando-te humildemente
De tua veste a fimbria, imaculada,
Julgo ainda ouvir teu coração dolente,
Pulsando sob a túnica estrelada.

Tua imagem recorda-me outra imagem,
Que além se esfuma, além, visão perdida!
Longe de minha infância, na miragem...

E assim, ai! Feres as plangentes cordas,
Da primeira emoção da minha vida,
Pois tú, ó mãe, a minha mãe recordas!

³²¹ QUEIRÓZ, Dr. Wenceslau de. Nossa Senhora das Dores. *Almanaque* 1898.p.140.

Ave Maria! ³²²

Ave, Maria,
Senhora santa,
Cheia de graça
E de magia!

Bendita entre
As mais mulheres
E bento o fruto
Do vosso ventre.

No azul dos céus,
Junto ao Senhor,
Rogai por nós,
Ó Mãe de Deus;

Velai a sorte,
Dos pecadores,
Durante a vida
E até na morte!

³²² GUIMARÃES, Delfim de Brito. Ave Maria!. *Almanaque* 1898.p.145.

2.1.3 A infância

Êxtase ³²³

Estava o bebê sentado
Junto ao berço em desalinho,
Como algum implume alado
Que se aconchega do ninho.

Uma galinha de angola
Dava aos pintos, meiga e terna,
Todo calor que se evola,
Da sua asa materna.

De repente, a mamadeira,
Que ele chupava guloso,
Cai da boca feiticeira,
Rola no chão pedregoso.

A poética ninhada
Ergue-se logo em deleite,
E molha o bico, encantada,
Naquele lago de leite.

Piam todos, como um coro,
E a galinha os estimula
Faz uma cara de choro
O bebê cheio de gula.

Mas, logo para a sorrir-se,
Bate palmas a gritar,
E esquecendo a gulodice,
Só procura engatinhar.

E as formosas avezitas,
Sem receio da criança
Beliscam-lhe as pernitás,
Numa doce confiança.

Vendo o quadro gracioso,
Fiquei risonho, de pé,
Sem saber qual mais mimoso,
Se os pintinhos, se o bebê.

³²³ SILVA, E. Êxtase. Almanaque 1889.p.72.

O que eu amo ³²⁴

Eu sinto-me pequeno ao ver na liça
A força de saber e de talento,
Pujantes lutadores num momento,
Fazendo jus de toda justiça.

Sou amante do belo, e reverente,
Me curvo à imaculada lealdade,
E os sentimentos puros da amizade
Me prezo de acatar ardentemente.

As leis sempre me curvo, submisso,
E, do bem procurando a menos trilhos,
Sempre alegre me acho ao seu serviço.

Amo da glória, os refulgentes brilhos,
Mas amo muito mais que tudo isso
A paz, o bem estar dos meus filhos!

³²⁴ PIRES, F. de Paula. O que eu amo. *Almanaque* 1889.p.82.

Octacília³²⁵

Anjos louros do céu, descei mais perto,
Vinde flores trazer nesta manhã;
Da vida o grande livro marca aberto,
O dia festival de vossa irmã.

Cantos, hinos, sorrisos e perfumes,
De etéreas regiões trouxe nos braços,
Pedi ao sol, aos astros vivos lumes,
Que venham do prazer dourar os laços!

Cantai aves, cantai, doce gorjeio
Modulai sem cessar entre a ramagem
Do arvoredado nas franças passam em meio
Risonha, festival, olente aragem.

Cantai, é primavera, a terra veste
Clamei de mil cores, perfumosa...
Sutis emanações o ar reveste,
Por entre luz brilhante, esplendorosa!

E, aos folguedos do céu, da terra aos cantos
Venho ó filha trazer-te as minhas flores,
Se perfumes não têm doces encantos,
Tem em si do cultor puros amores.

Nos toscos versos meus, querida filha,
Um mundo de esperanças hoje vai,
E que tenhas na vida feliz trilha,
Esses são os desejos de teu pai!

³²⁵ SOUZA, Santos. Octacília. *Almanaque* 1889.p.121.

Saudades da infância ³²⁶

Oh! Como tenho saudades
Da minha infância querida,
Das delícias já passadas,
Do albor da minha vida!

Oh! Como tenho saudades,
Infância dos meus amores,
Daqueles tempos de flores,
Que a mente me vens lembrar!
Saudades dos belos dias
Em que brincava contente
E, descuidosa e inocente,
Eu sorria sem pensar.

Oh! Como tenho saudades,
Infância dos meus amores,
Daqueles tempos de flores,
Que como sonhos passaram!
Oh! Como tenho saudades,
Daquelas fontes tão frias,
Daquelas brisas tardias
Que em meus cabelos brincavam!

Oh! Como tenho saudades
Daquele gozo inocente,
Daquele céu transparente,
Que a minha infância cobriu!
Oh! como tenho saudades,
Daquelas manhãs serenas
Daquelas tardes amenas
Do tempo que me sorriu!

Oh! Como tenho saudades
Daquelas horas caladas
Em que as rolas descuidadas,
Ia ao bosque espreitar!
Oh! Como tenho saudades,
Infância dos meus amores,
Daqueles tempos de flores
Que a mente vens me lembrar!

Adeus! Infância querida,

³²⁶ MONTENEGRO, D. Francisca Sá Vianna. Saudades da infância. *Almanaque* 1890.p.63.

Risos, brincos infantis,
Doces prazeres gozados
Sobre dourado matiz!

Saudação³²⁷

Se poeta eu fosse, quisera,
Os teus anos decantar;
Bem como, se possuísse,
Um diadema te ofertar!

De louros uma grinalda,
Quisera a teus pés depor,
Porém sou vale obscuro,
Só posso dar-te uma flor;

O mundo belo, ridente,
Abre-te as portas em par,
Estas na aurora da vida,
A vida vais desfrutar!

E, se não foras um anjo,
Eu pediria ao senhor,
Por tua felicidade,
Nas asas puras do amor!

Os meus anelos, Orfila,
São que sejas venturosa!
Nunca lágrimas espanem
Tuas faces cor de rosa!

Que sejas por longos anos,
As delícias de teus pais,
Nessa senda virtuosa
Pela qual trilhando vais!

³²⁷ OSÓRIO, Jacinto Fernando. Saudação. *Almanaque* 1890.p.72.

Conselho ³²⁸

Do porvir mais risonho, alvinitente,
Se divisa em teus olhos a esperança,
Reflete a candidez, o afeto ardente,
Tua alma de cristal, linda criança.

Da vida ingrata, no fatal caminho,
Não vaciles de dor, acerba e rude,
Brinca, brinca cantando ó louro anjinho,
Entre as rosas gentis da sã virtude!

Cultiva, expande teu rival talento,
Não te afastes jamais, um só momento,
Da senda do dever e da verdade!

O povo, austero e firme em seu conceito,
Rende um culto de glória e de respeito
Aos homens de saber e probidade!

³²⁸ MACHADO, Ernesto. Conselho. *Almanaque* 1890.p.86.

Meus filhos ³²⁹

EUGÊNIO

Um diabrete o menino!
Fala pelos cotovelos,
E revela muito tino.
Pudera, sou pai, desvelos!

MARGARIDA

Não lhe faço a silhueta,
Nem poderia fazê-la,
Pois não me julgo poeta
Para cantar uma estrela.

SOFIA

Não tem que ver os anjinhos,
Que passam todas as horas,
Voando, quais passarinhos,
Aos pés de Nossas Senhoras!

JOÃO

Ainda não me conhece
E já dita o meu futuro.
Que o riso que lhe enflora,
Os lábios seja seguro!

³²⁹ JACQUES, Pedro. Meus filhos. *Almanaque* 1890.p.104.

O passado ³³⁰

Quanto de nós mais distante,
Mais belo tú nos pareces,
Ó passado, ó luz brilhante,
Ó flor que nunca feneces!

Se a nossa alma no presente,
Uma esperança não te sorri,
Quanta saudade ela sente,
Ao voltar-se para ti!

Se valor só temos dado
Ao prazer que hoje gozamos,
Amanhã, que já é passado,
Dobrado valor lhe damos!

Quem saudades não sentiu
Ao recordar essa infância,
Sombras que prestes fugiu,
Rosa de tanta fragrância?

Tenhamos sofrido embora
No passado algum pesar,
Nossa alma, saudosa chora
Aos seus dias recordar!

³³⁰ LISBOA, D. Carlota do Amaral. O passado. *Almanaque* 1891.p.133.

Doente ³³¹

Entrei na alcova pequenina dela,
Que estava assim, então semi-escura,
E tremi de emoção, meu Deus, ao vê-la,
Repousando num leito de amargura.

Pelas frestas da única janela,
Uma réstia de luz, medrosa e pura,
Vinha beijar-lhe a fronte meiga e bela,
Inundando-a de angélica tristura.

Em que lábios brincavam ainda um sorriso
Que apagar não poderá o sofrimento,
Como um raio de sol do paraíso!

Quão triste ver, ao peso da desdita,
Sem desprender um único lamento,
Acabrunhada a pálida Chiquita!

³³¹ OSÓRIO, Fernando Jacinto. Doente. *Almanaque* 1892.p.129.

Saudades da infância ³³²

Oh! Quanto minha alma goza,
Como pulsa o coração;
Da minha infância ditosa,
Com a doce recordação!
Como me lembro saudoso,
Dos meus dias de menino,
Dos brincos de pequenino,
Dos tempos que já lá vão!

Ó lindos tempos da infância!
Ó quadras que não vem mais!
Suspiro por vós, com ânsia,
Suspiro em doridos ais!
Oh! Quem me dera voltar,
Inda a uns dias de outrora,
Daquela risonha aurora,
Passada nos matagais!

Naqueles tempos de infante,
Era mais grato o viver!
Vivia num céu constante,
Desconhecendo o sofrer!
As manhãs eram mais belas,
As tardes mais morenadas,
As noites mais estreladas,
Tudo tinha mais prazer!

Achava mais poesia,
De a brisa no ciciar,
Nas aves mais harmonia,
Em seu contínuo trinar,
Nos bosques mais espessura,
Nos prados mais lindas flores,
As plantas eram verdores,
E mais ameno o pomar.

Que tardes deliciosas,
Levava eu a brincar,
Naquela vida de rosas,
Naquele ledão saltar,
Empinando os papagaios,
Nos cimos das serranias,

³³² VAREJÃO, Leodegário. Saudades da infância. *Almanaque* 1894.p.108.

Ao sopro das ventanias,
Embalançando o palmar!

Depois saltava contente,
Nos campos de coqueirais,
Apanhando alegremente,
Conchinha nos areais!
Tudo, tudo me enlevava,
De tudo guardo lembrança,
Do meu viver de criança,
Dos tempos que não vem mais!

Oh! Quanto inventava era
Do gozo manancial,
Para que tú fostes efêmera,
Minha quadra jovial!
Quando aos pássaros armava
Viscosos paus, esparrela,
Vigiando com cautela,
Debaixo do bambuzal.

Que horas tão docemente,
Desfrutei nas campinas,
Quando à tarde, o sol poente,
Dourava os canaviais!
Qual guarani, de arco e flecha,
No sapezal do valado,
Mui cuidadoso, agachado,
Me punha a caçar preás.

Era um viver de folguedos,
O tempo dos oito anos,
Pulava pelos fraguados,
Afugentando os tucanos.
Menino vivo e ousado,
Ia apanhar as boninas
Pela fralda das colinas,
Pelas hortas dos serranos!

Os livros eram tormento,
Que tinham de suportar,
Achava entretenimento
Somente no meu brincar.
Porém, às vezes à escola,
Como criança fugia,
Confesso, me arrependia,
E choroso... ia estudar.

Ah! Quanto minha alma goza,

Como pulsa o coração,
Mas, ó infância ditosa,
Adeus! Tú não voltas não!
Oh! Dessas passagens todas,
Que de lembrar não me esquivo,
Para mágoa ou lenitivo,
Só resta a recordação!

O que eu amo ³³³

Eu sinto-me pequeno ao ver na liça
A força de saber e de talento,
Pujantes lutadores num momento,
Fazendo jus de toda justiça.

Sou amante do belo, e reverente,
Me curvo à imaculada lealdade,
E os sentimentos puros da amizade
Me prezo de acatar ardentemente.

As leis sempre me curvo, submisso,
E, do bem procurando a menos trilhos,
Sempre alegre me acho ao seu serviço.

Amo da glória, os refulgentes brilhos,
Mas amo muito mais que tudo isso
A paz, o bem estar dos meus filhos!

³³³ PIRES, F. de Paula. O que eu amo. *Almanaque* 1889.p.82.

Octacília ³³⁴

Anjos louros do céu, descei mais perto,
Vinde flores trazer nesta manhã;
Da vida o grande livro marca aberto,
O dia festival de vossa irmã.

Cantos, hinos, sorrisos e perfumes,
De etéreas regiões trouxe nos braços,
Pedi ao sol, aos astros vivos lumes,
Que venham do prazer dourar os laços!

Cantai aves, cantai, doce gorjeio
Modulai sem cessar entre a ramagem
Do arvoredado nas franças passam em meio
Risonha, festival, olente aragem.

Cantai, é primavera, a terra veste
Clamei de mil cores, perfumosa...
Sutis emanações o ar reveste,
Por entre luz brilhante, esplendorosa!

E, aos folguedos do céu, da terra aos cantos
Venho ó filha trazer-te as minhas flores,
Se perfumes não têm doces encantos,
Tem em si do cultor puros amores.

Nos toscos versos meus, querida filha,
Um mundo de esperanças hoje vai,
E que tenhas na vida feliz trilha,
Esses são os desejos de teu pai!

³³⁴ SOUZA, Santos. Octacília. *Almanaque* 1889.p.121.

Saudades da infância ³³⁵

Oh! Como tenho saudades
Da minha infância querida,
Das delícias já passadas,
Do albor da minha vida!

Oh! Como tenho saudades,
Infância dos meus amores,
Daqueles tempos de flores,
Que a mente me vens lembrar!
Saudades dos belos dias
Em que brincava contente
E, descuidosa e inocente,
Eu sorria sem pensar.

Oh! Como tenho saudades,
Infância dos meus amores,
Daqueles tempos de flores,
Que como sonhos passaram!
Oh! Como tenho saudades,
Daquelas fontes tão frias,
Daquelas brisas tardias
Que em meus cabelos brincavam!

Oh! Como tenho saudades
Daquele gozo inocente,
Daquele céu transparente,
Que a minha infância cobriu!
Oh! como tenho saudades,
Daquelas manhãs serenas
Daquelas tardes amenas
Do tempo que me sorriu!

Oh! Como tenho saudades
Daquelas horas caladas
Em que as rolas descuidadas,
Ia ao bosque espreitar!
Oh! Como tenho saudades,
Infância dos meus amores,
Daqueles tempos de flores
Que a mente vens me lembrar!

Adeus! Infância querida,
Risos, brincos infantis,

³³⁵ MONTENEGRO, D. Francisca Sá Vianna. Saudades da infância. *Almanaque* 1890.p.63.

Doces prazeres gozados
Sobre dourado matiz!

Saudação ³³⁶

Se poeta eu fosse, quisera,
Os teus anos decantar;
Bem como, se possuísse,
Um diadema te ofertar!

De louros uma grinalda,
Quisera a teus pés depor,
Porém sou vale obscuro,
Só posso dar-te uma flor;

O mundo belo, ridente,
Abre-te as portas em par,
Estas na aurora da vida,
A vida vais desfrutar!

E, se não foras um anjo,
Eu pediria ao senhor,
Por tua felicidade,
Nas asas puras do amor!

Os meus anelos, Orfila,
São que sejas venturosa!
Nunca lágrimas espanem
Tuas faces cor de rosa!

Que sejas por longos anos,
As delícias de teus pais,
Nessa senda virtuosa
Pela qual trilhando vais!

³³⁶ OSÓRIO, Jacinto Fernando. Saudação. *Almanaque* 1890.p.72.

Conselho ³³⁷

Do porvir mais risonho, alvinitente,
Se divisa em teus olhos a esperança,
Reflete a candidez, o afeto ardente,
Tua alma de cristal, linda criança.

Da vida ingrata, no fatal caminho,
Não vaciles de dor, acerba e rude,
Brinca, brinca cantando ó louro anjinho,
Entre as rosas gentis da sã virtude!

Cultiva, expande teu rival talento,
Não te afastes jamais, um só momento,
Da senda do dever e da verdade!

O povo, austero e firme em seu conceito,
Rende um culto de glória e de respeito
Aos homens de saber e probidade!

³³⁷ MACHADO, Ernesto. Conselho. *Almanaque* 1890.p.86.

Meus filhos ³³⁸

EUGÊNIO

Um diabrete o menino!
Fala pelos cotovelos,
E revela muito tino.
Pudera, sou pai, desvelos!

MARGARIDA

Não lhe faço a silhueta,
Nem poderia fazê-la,
Pois não me julgo poeta
Para cantar uma estrela.

SOFIA

Não tem que ver os anjinhos,
Que passam todas as horas,
Voando, quais passarinhos,
Aos pés de Nossas Senhoras!

JOÃO

Ainda não me conhece
E já dita o meu futuro.
Que o riso que lhe enflora,
Os lábios seja seguro!

³³⁸ JACQUES, Pedro. Meus filhos. *Almanaque* 1890.p.104.

O passado ³³⁹

Quanto de nós mais distante,
Mais belo tú nos parece,
Ó passado, ó luz brilhante,
Ó flor que nunca feneces!

Se a nossa alma no presente,
Uma esperança não te sorri,
Quanta saudade ela sente,
Ao voltar-se para ti!

Se valor só temos dado
Ao prazer que hoje gozamos,
Amanhã, que já é passado,
Dobrado valor lhe damos!

Quem saudades não sentiu
Ao recordar essa infância,
Sombras que prestes fugiu,
Rosa de tanta fragrância?

Tenhamos sofrido embora
No passado algum pesar,
Nossa alma, saudosa chora
Aos seus dias recordar!

³³⁹ LISBOA, D. Carlota do Amaral. O passado. *Almanaque* 1891.p.133.

Doente ³⁴⁰

Entrei na alcova pequenina dela,
Que estava assim, então semi-escura,
E tremi de emoção, meu Deus, ao vê-la,
Repousando num leito de amargura.

Pelas frestas da única janela,
Uma réstia de luz, medrosa e pura,
Vinha beijar-lhe a fronte meiga e bela,
Inundando-a de angélica tristura.

Em que lábios brincavam ainda um sorriso
Que apagar não poderá o sofrimento,
Como um raio de sol do paraíso!

Quão triste ver, ao peso da desdita,
Sem desprender um único lamento,
Acabrunhada a pálida Chiquita!

³⁴⁰ OSÓRIO, Fernando Jacinto. Doente. *Almanaque* 1892.p.129.

Saudades da infância ³⁴¹

Oh! Quanto minha alma goza,
Como pulsa o coração;
Da minha infância ditosa,
Com a doce recordação!
Como me lembro saudoso,
Dos meus dias de menino,
Dos brincos de pequenino,
Dos tempos que já lá vão!

Ó lindos tempos da infância!
Ó quadras que não vem mais!
Suspiro por vós, com ânsia,
Suspiro em doridos ais!
Oh! Quem me dera voltar,
Inda a uns dias de outrora,
Daquela risonha aurora,
Passada nos matagais!

Naqueles tempos de infante,
Era mais grato o viver!
Vivia num céu constante,
Desconhecendo o sofrer!
As manhãs eram mais belas,
As tardes mais morenadas,
As noites mais estreladas,
Tudo tinha mais prazer!

Achava mais poesia,
De a brisa no ciclar,
Nas aves mais harmonia,
Em seu contínuo trinar,
Nos bosques mais espessura,
Nos prados mais lindas flores,
As plantas eram verdores,
E mais ameno o pomar.

Que tardes deliciosas,
Levava eu a brincar,
Naquela vida de rosas,
Naquele ledão saltar,
Empinando os papagaios,
Nos cimos das serranias,

³⁴¹ VAREJÃO, Leodegário. Saudades da infância. *Almanaque* 1894.p.108.

Ao sopro das ventanias,
Embalançando o palmar!

Depois saltava contente,
Nos campos de coqueirais,
Apanhando alegremente,
Conchinha nos areais!
Tudo, tudo me enlevava,
De tudo guardo lembrança,
Do meu viver de criança,
Dos tempos que não vem mais!

Oh! Quanto inventava era
Do gozo manancial,
Para que tú fostes efêmera,
Minha quadra jovial!
Quando aos pássaros armava
Viscosos paus, esparrela,
Vigiando com cautela,
Debaixo do bambuzal.

Que horas tão docemente,
Desfrutei nas campinas,
Quando à tarde, o sol poente,
Dourava os canaviais!
Qual guarani, de arco e flecha,
No sapezal do valado,
Mui cuidadoso, agachado,
Me punha a caçar preás.

Era um viver de folguedos,
O tempo dos oito anos,
Pulava pelos fraguados,
Afugentando os tucanos.
Menino vivo e ousado,
Ia apanhar as boninas
Pela fralda das colinas,
Pelas hortas dos serranos!

Os livros eram tormento,
Que tinham de suportar,
Achava entretenimento
Somente no meu brincar.
Porém, às vezes à escola,
Como criança fugia,
Confesso, me arrependia,
E choroso... ia estudar.

Ah! Quanto minha alma goza,

Como pulsa o coração,
Mas, ó infância ditosa,
Adeus! Tú não voltas não!
Oh! Dessas passagens todas,
Que de lembrar não me esquivo,
Para mágoa ou lenitivo,
Só resta a recordação!

Sorrindo ³⁴²

Ó minha filha, ó rutilante aurora
De minha vida, que era noite escura,
Crisol divino onde minha alma agora
Se purifica em veios de ternura;

Tú que és o gérmen de um amor sagrado,
De um sacrossanto afeto imorredouro,
Tú cujo semblante imaculado
É meu celeste e místico tesouro;

Tú cuja boca é um cálice precioso,
Onde asilam-se os lírios e as boninas,
Tú cujo peito é um cofre primoroso
Onde dormem as auras matutinas:

Quando mais tarde, linda flor, poderes,
As letras do alfabeto ir traduzindo,
E uma a uma tú juntar souberes,
Lê estes versos que eu compus sorrindo.

³⁴² SILVA, Costa e. Sorrindo. *Almanaque* 1894.p.171.

Roberval ³⁴³

Inocentinha criança,
Anjo que não sabe o mal,
Risonho como a esperança,
Faz um ano o Roberval.

Um ano, trecho pequeno,
De trajetória de vida,
Linda pérola colhida,
Em lago manso, sereno.

Lago manso onde desliza,
Da vida a frágil galera,
Onde sopra leve a brisa,
Onde o tufão não impera.

Tufão, descrença sombria,
Que nossas almas enlutam,
Quando a doce sinfonia
Dos sonhos já não se escuta.

Sonhos azuis de esperanças,
Que voam todos sutis,
Sobre as almas das crianças,
Sobre a inocência feliz.

Inocência, grata aurora
Da vida primaveril
Que um pequeno berço enflora,
Como a um campo um sol de abril.

Sol de abril, puro sacrário,
Que da vida seja tal,
O primeiro aniversário
Do pequeno Roberval.

³⁴³ CONDE, Maya. Roberval. *Almanaque* 1896.p.114.

Ao meu primeiro filho ³⁴⁴

Meu filho, uma onda de emoção sagrada,
Encheu-me o coração quando vieste,
Alumiar-me a vida, qual dourada
Rompe a manhã depois da noite agreste.

Eras meu filho! Trêmula avezinha,
Um sopro bastaria, a dar-te a morte,
Oh! Como então, vida da vida minha,
Para proteger-te senti-me forte!

E via-te, já homem, a meu lado,
Intrépido soldado do direito,
Amparando-me o braço fatigado.
Acesso em nobre fé o altivo peito.

Não me desmintas a visão solene,
Deste esplêndido sonho, e apenas basta,
Que honestamente, cumpras o que ordene,
Teu coração de moço entusiasta.

Ama o povo, abomina a tirania,
Defende o fraco, luta com a maldade,
Sem tréguas nem perdão, filho, confia
Na justiça, no amor e na verdade.

Chovam-te minhas bênçãos aos milhares!
E, se meu coração todo desejas,
Segue-me os passos. Mas se apostares,
Filho do meu amor, maldito sejas.

³⁴⁴ MENDONÇA, Lúcio de. Ao meu primeiro filho. *Almanaque* 1896.p.153.

Cantilena ³⁴⁵

Talvez não ande errado,
Se te disser, filhinho, que é custoso,
Achar quem tenha aos braços embalado,
Um filho mais formoso!

Orgulho tolo pode ser que seja,
Fazendo assim que muita gente ria,
Mas eu te juro que, em qualquer igreja,

Quando meus olhos nos altares ponho,
Nem é mais belo e mesmo mais risonho,
O pequenino filho de Maria!

³⁴⁵ ARTAGÃO, Mário de. Cantilena. *Almanaque* 1897.p.218.

2.1.4 A morte

Morrer ³⁴⁶

Morrer é vida para quem não sente,
A doce calma que o sorrir produz,
Para quem não vê, num olhar ardente,
As vivas chamas que um amor traduz!

Morrer é vida para quem procura
Fruir os gozos que o amor contém,
Porém que, em troca de fugaz ventura,
Encontra as dores que o desprezo tem!

Morrer é vida para quem na terra
Não tem um peito que pelo seu palpita,
Que não conheça quanto amor encerra,
Nas dobras santas que o arfar agita!

Morrer é vida para quem na morte,
Descanso eterno só espera ter,
Morrer é vida para quem seu norte
Foi vir ao mundo pra depois sofrer!

³⁴⁶ DRUMOND, D. Fernandina. *Morrer*. *Almanaque* 1889.p.70.

Lenitivo ³⁴⁷

Quando a morte, certa, vibrando,
Sua foice afiada no ar,
Vem, o golpe fatal desfechando,
Um amigo, um parente roubar,
Quando sinto no peito o quebranto
E no crânio um vulcão crepitar,
Só na crença de Deus e no pranto,
É que vou lenitivo buscar!

³⁴⁷ BASTOS, João. Lenitivo. *Almanaque* 1890.p.81.

Morta! ³⁴⁸

Eu não podia crer que já não existia
Aquela doce irmã de minha leda infância,
Mais uma dor sem nome, uma indizível ânsia,
Entanto, o coração de lágrimas me enchia.

Alva e triste cambraia o rosto lhe cobria,
Como aos mortos se faz nessa cruel estância,
Mas de flores coberta, em ondas de fragrância,
Tranqüilo a repousar um anjo parecia.

Iam levá-la enfim! ó minha casta amante,
Inda uma vez sequer teu divinal semblante,
No coração se grave em que ele só vivia...

Do leito me acerquei e ergui o frio lenço
Em derradeiro adeus! Mas oh! Que martírio imenso!
Em vão inda a quis ver, que o pranto me impedia...

³⁴⁸ POLLY, Alfredo. *Morta*. *Almanaque* 1889.p.12.

Consolo ³⁴⁹

Maria, que era tão pura,
Tão matutina e suave,
Como a suave frescura,
De um gorjeio de ave;

Sonhando com a castidade
Dos lírios, das açucenas,
Morreu na simplicidade,
Dos quinze anos apenas.

A mãe coitada! sozinha,
Quando a saudade a definha,
Da filha que assim perdeu,

Com pranto, que da alma arranca,
Orvalha a florzinha branca
Que sobre a cova nasceu!

³⁴⁹ LOSTADA. S. Consolo. *Almanaque* 1892.p.115.

A morte da rosa ³⁵⁰

Num esquife de arminho, iluminado,
Pelos círios dos louros vaga-lumes,
Jaz sem brilho, sem viço, sem perfume
De uma rosa o cadáver desbotado.

Reza a corrente um kyrie soluçante,
E o beija-flor saudoso arranca as penas
Para escrever nas brancas açucenas
Uma nênia de amor a rubra amante.

Ouvem-se além carpindo as violetas
E do caixão nas alças pequeninas
Vai segurando um par de borboletas.

Para o cortejo enfim: e a flor mais bela
Vai sepultar as pétalas pequeninas
No coração gentil de uma donzela.

³⁵⁰ WANDERLEI, Dr. Segundo. A morte da rosa. Almanaque 1899.p.197.

Methodio ³⁵¹

Ele morreu... Seu pequenino corpo
Foi envolto em cetim do azul do céu
E o lugar onde teve a sepultura
Era todo um jardim... Ele morreu!

Estendidinho em seu caixão dourado,
Tendo as mãozinhas postas sobre o peito,
Parece que dormia e que sonhava,
Um brinco, um cartuchinho de confeito.

Os meninos da escola acompanharam
Anjos vivos, o anjo amortalhado,
E o sino da matriz o velho sino,
Fendeu os ares com seu som magoado.

Na memória dos pais é permanente,
Não se extingue a lembrança do filhinho,
E a gente do lugar inda hoje sente,
A morte desse anjinho!

³⁵¹ BONALD, Olimpio. Methodio. *Almanaque* 1889.p.56.

Mimosa ³⁵²

Eis teu quarto aniversário,
Anjinho dos sonhos meus,
Flores risos por fadário,
Hoje tem os lábios teus!
Folga e ri que a vida passa,
Como uma ave que esvoaça,
Dos céus cortando a amplidão,
E às vezes do vôo em meio,
Vem cair no solo, em cheio,
Batida pelo tufão!

Folga e ri tú não conheces,
Desta existência os espinhos,
E não compreendes as preces
Dum pai nos ternos carinhos!
A minha alma se debruça,
Para o futuro e soluça,
Ansiosa por teu porvir.
Ai! Se deus, em seus fulgores,
Ouvisse-a cheia de flores,
Tinhas a estrada a seguir!

Nesse trabalho constante
Em que luta o pensamento,
Busco, em balde, lá distante,
Ler teu arcano um momento,
Em vão, porém, o desejo
Da fantasia o adejo,
No térreo campo se esvai,
E os roxos, pisados olhos,
Descobrem parciais, abrolhos...
Vê isto só quem é pai!

Imagem da providência,
Sem restrições, infinito,
É dos afetos essência,
De um pai o amor bendito!
Piloto que jamais teme,
Do batel do filho ao leme,
Rija borrasca do norte,
Só almeja a prole um porto,
Caia embora, ao chegar, morto,
Nos braços frios da morte!

³⁵² SOUZA, Santos. Mimosa. *Almanaque* 1889.p.66.

Desta vida nos labores,
Que o destino ao homem impôs,
Deu-lhes os filhos como flores,
Mas deu-lhe o amor por algoz,
Como o titã do degredo,
Acorrentado ao rochedo,
Perenemente a sofrer.
Preso é um pai ao filho amado,
E só deixa-o angustiado
Quando cai... Para morrer!

Se um pai em risos pudesse,
De um filho tornar a vida,
Crê em mim, qual uma prece,
Ó minha filha querida,
De rasto, aos céus implorando,
Iria ao solo regando
Com pranto dos olhos meus,
E as flores de teu caminho,
Seriam para o mesquinho,
Consolo, palmas de Deus!

Ao meu Demostinhos ³⁵³

A BEIRA DO BERÇO

Quantas vezes da luta extenuada,
Venho junto ao teu berço debruçar,
Este corpo cansado, e repousar
Meu espírito doente e amargurado.

Venho pedir-te, ó anjo idolatrado,
Alentos para poder de novo arcar,
Com as agruras de tanto labutar,
Para legar a ti um nome honrado!

E tú dormes. Ó alma da minha alma,
Mas... Um sorriso angélico bordando,
Teus lábios inocentes me dão calma.

Num êxtase supremo, me engolfando
Eu tenho do sofrer a doce palma,
Esquecido de mim em ti pensando!

A BEIRA DO TÚMULO

Quanta aflição! Ai! Quanta em minha vida,
Veio a morte trazer cruel e fera,
Roubou o meu filhinho, ele que era,
Minha doce esperança em rude lida!

Ó desumana parca! Quão ferida
A alma me deixaste! antes quisera
Que esta chaga profunda que lacera,
Fosse mortal, e que uma cruz erguida

Marcasse já pra sempre o triste fim
Que deve ter uma existência assim,
Com ressaibos de fel, todas as asperezas!

De que serve viver! Se as alegrias
Transformam-se agora em elegias,
De saudades, de dor e de tristezas!

³⁵³ ARAÚJO, João de. Ao meu Demostinhos. *Almanaque* 1891.p.112.

Silvia e Silvina ³⁵⁴

Quando um dia a fria morte
Levou-me a alegre Lucília,
Dias e noites chorando
Passei em triste vigília,
Em meu cruento abandono
Dos olhos fugiu-me o sono
Das mágoas do coração,
Que sobre um berço vazio
Sentia o gélido frio
Que espalha ignota mão.

Aos gorjeios da avezinha,
Que era na terra o meu sonho,
Veio a mudez do sepulcro,
Veio o silêncio medonho!
Em vez do riso argentino,
Repicava, ria o sino,
Que aos céus um anjo subia,
Quando na igreja era festa,
Em nossa casa modesta,
Amargo pranto corria!

Sobre o funéreo canteiro
Que ocultava minha filha,
A mão bendita de Deus,
Traçou nova maravilha,
Da flor murcha sem perfumes,
Brotaram dos céus aos lumes,
Duas outras bem iguais,
E na minha soledade,
Mudou-se o pranto em saudade,
Em riso os funerais.

Para apagar de meu seio
A indelével cicatriz,
Desse rebento que a morte,
Arranca pela raiz,
A luz eterna, divina,
Um momento a fronte inclina,
Nesta rua de amargura;
Se leva um anjo sublime,
Da clemência não se exime,

³⁵⁴ SOUZA, Santos. Silvia e Silvina. *Almanaque* 1890.p.80.

Em paga-lo com usura.

Desse jardim funéreo,
Onde sós goivos florescem,
Por vontade do destino,
Duas rosas aparecem,
E o jardineiro, que, em prantos,
Em nênias sentidos cantos,
Passava em noite a carpir,
Por um milagre absorto,
Do gelado chão de um morto
Vê duas vidas surgir!

Por uma estrela que passa,
Ao vácuo etéreo, infinito,
O senhor manda dois anjos
Consolar o pai aflito!
E o viajante, que de rojo,
Seguia por sobre tojo,
Em busca da eterna paz,
Do cairel do precipício
Vê Deus o benefício
E volta sorrindo, atrás.

Foi assim, ó filhas minhas,
Que da vida na aridez,
Vieram ambas povoar
De meu peito a viuvez!
Vieram, qual vem o orvalho,
Dar força ao triste carvalho
Que o furacão aluiu,
E o velho tronco nos braços,
Aperta os franzinos laços
Das plantas que a si uniu!

Era das lutas cansado,
E pendia sobre a leiva,
Imagem de parasita,
Sustenta-o alheia seiva,
E vive sim o mesquinho,
Do vosso amor, do carinho,
Que aos filhos Deus concedeu;
Sois pra mim a terra santa,
Que dá forças que levanta,
No combate ao novo Antheu!

Ante o cadáver de uma criança ³⁵⁵

Como o lírio no vale perfumado,
Ao tufão dobra a haste peregrina,
E no leito da fonte cristalina,
Adormece feliz e sossegado.

Assim, anjo mimoso, idolatrado,
Voasse em risos a mansão divina,
E tua alma inocente se reclina,
Em Deus longe do mundo desgraçado.

Ao contemplar-te fria inanimada,
No teu belo ataúde amortalhado,
O triste coração pulsou-me em ânsia!

Mas, lembrando esta vida de amargura,
Invejei aos que além na sepultura,
Vão repousar o aos despontar da infância.

³⁵⁵ OLIVEIRA, D. Andradina de. Ante o cadáver de uma criança. *Almanaque* 1892.p.129.

Os dois cortejos ³⁵⁶

Na igreja dois cortejos se encontravam,
Um triste: morta criança iam levando;
Uma mulher a segue, e abafando
Dentro da alma os soluços que a amarguravam.

Um outro, o batizado. Balbuciavam
Os lábios infantis de quando em quando,
E na mãe o filhinho amamentando,
Eram tudo alegrias que raiavam.

Já finda a cerimônia, na saída,
Encontram-se as mulheres. Descuidado,
Olhar entre si trocam... oh! Na vida

Religioso sentir na alma inspirado!
Chora a mãe venturosa à flor perdida,
Sorri a que chorava ao recém-nado.

³⁵⁶ TAVEIRA Jr., Bernardo. Os dois cortejos. *Almanaque* 1893.p.211.

Criança morta ³⁵⁷

Alva tão alva, como as açucenas,
Ela, sem vida num caixão deitada,
Foram-se as faces belas e morenas,
Morreu do olhar a chama abençoada.

Luzes de velas pálidas apenas,
Beijam de leve a face descorada,
Como se fossem tímidas falenas,
Chorando a perda de uma flor mirrada.

No caixãozinho flores reunidas
Vão refletindo linhas coloridas,
No vestuário de nevada alvura.

E choro ao vê-la... E quem não chora,
Um pequenino coração descendo
Para o deserto de uma sepultura!

³⁵⁷ TORRES, Luso. Criança morta. *Almanaque* 1900.p.230.

Inocência ³⁵⁸

Ao lado do pai morto, a pobre mãe chorava,
Quando entra a pequenina ás voltas com o felpudo,
E diz: ora o papai dormindo... É o que faltava!
Acorda-o, minha mãe. Papai parece mudo!

Já, filha não tens pai! A mão da divindade
Feriu-nos mortalmente e rouba o nosso amor!
O vês amortalhado! Em tua pouca idade
Não sabes compreender a nossa imensa dor!

Mamãe, quero ir também papai acompanhando!
E foi saltando ao leito aonde o pai jazia.
A pobre inocentinha estava gracejando.
Sem, ao menos, pensar que o pai já não vivia!

Assim, é a inocência em face dessa vida:
Não sabe compreender a sorte fementida,
Por que não tem razão de o mundo conhecer.
E salta e brinca e ri na sala, descuidosa,
Depois chega-se à mãe e diz , assim, medrosa:
Mamãe, o meu totó me quis hoje morder!

³⁵⁸ VIANNA, Raimundo Joaquim da S. Inocência. *Almanaque* 1890.p.40.

Minha mãe ³⁵⁹

Ela morreu! Morreu para o mundo!
Não para mim que a vejo a toda hora!
Voto-lhe ainda o mesmo amor profundo,
Ainda ouço a sua voz sonora!

Como esquecê-la? Como? Se por ela
Num incêndio de amor meu peito ardia?
Se, quando, repousando ao colo dela,
Minha alma transbordava de alegria!

Ela morreu? Oh! Não. Deixou o mundo
Este vale de dores e miséria,
Vazio de prazer, de dor profundo!

E das nuvens rasgando o denso véu,
Voou, deixando o mundo da matéria
Para viver no céu!

³⁵⁹ MACEDO, Abdon de. Minha mãe. *Almanaque* 1898.p.223.

2.1.5 A pátria

O Brasil ³⁶⁰

Os templos soberbos da Grécia formosa,
Os arcos de Roma, de Roma orgulhosa,
Não cobrem, não ornam meu pátrio Brasil;
Estátuas não temos, primores das artes,
Mas temos os bosques por todas as partes,
E as verdes palmeiras viçosas a mil!

Os rios gigantes, as límpidas fontes,
As flores, os frutos, os prados, os montes,
Esmaltam, protegem meu pátrio Brasil
E o canto das aves, na selva escutamos,
E o sol não tememos e a sombra buscamos
Nas verdes palmeiras viçosas a mil!

As Vênus, as graças, os loucos amores,
Celestes no mármore, nas formas, nas cores.
Não temos , não temos no pátrio Brasil;
Mas temos as virgens de olhar expressivo,
De rosto moreno, caráter altivo,
E as verdes palmeiras viçosas a mil!

E virgens e homens, e bosques, e mares,
E tudo que vive na terra, nos ares,
É belo, é sublime, no pátrio Brasil;
Azul é o céu, as flores formosas,
Valentes os homens, as virgens mimosas
E as verdes palmeiras viçosa a mil!

³⁶⁰ RODRIGUES, Marques. O Brasil. *Almanaque* 1893.p.130.

Ausente da pátria ³⁶¹

Meus votos são pela pátria
É dela meu coração,
Só vendo a pátria ditosa,
Eu terei satisfação.

Ó pátria, não demores a ser livre,
Teu povo te espera,
Límpida como uma fonte,
Sonora como o gorjeio de uma ave!

Meus votos são por ela,
Abençoada e cativante,
E, sendo abençoada,
Não cante coração mais palpitante!

Ó pátria que nasci, linda e viçosa,
Não demores a ser liberta,
Pois todos esperam
Sua ascensão gloriosa!

³⁶¹ SARMENTO MENNA, Dr. Frederico do Amaral. Ausente da pátria. *Almanaque* 1893.p.206.

Queda da Monarquia ³⁶²

Caiu por terra o trono, a Monarquia
Que tantos graves males nos causou,
E sobre os seus destroços se fundou
O regime da sã democracia!

Nova surgiu para o Brasil,
Este enorme colosso americano,
Que soberbo de si ergue-se ufano,
Para saudar a instituição civil.

Pouco tempo depois dessas mudanças,
Os homens do poder, qual caradura,
Trataram cada qual de encher a pança.

E a pátria chora amarga desventura,
Sem de melhora haver uma esperança,
Enquanto for governo a ditadura!

³⁶² SOARES, Pedro José. Queda da Monarquia. *Almanaque* 1895.p.. 175.

Enfim! ³⁶³

Enfim raiou sorridente
A aurora da liberdade,
Soberana majestade
Do Brasil, leão ingente,

Que longo tempo dormente
Ao peso da iniquidade,
Despertou a tempestade,
Do seu penar inclemente.

Rompeu velhos preconceitos;
Na mais perfeita igualdade,
Estabeleceu direitos,

Direitos que a mocidade,
No seu talento e seus feitos,
Levará a eternidade.
16 de novembro de 1889.

³⁶³ ADALGISA. Enfim! . *Almanaque* 1891.p.53.

A 13 de maio ³⁶⁴

Quando a sublime lei foi, com transporte,
Remir além, na América do norte,
Milhares de oprimidos corações,
Dos estados do sul, naquela terra
Prodigiosa e rica, ardendo em guerra,
Troaram contra alei feros canhões!

Perante a majestade das florestas,
Sussurrantes de amor, balas funestas,
Passaram sibilando hinos de dor:
E o fantasma da morte, a foice nua,
Rota as vestes, a visagem crua
Soltou no ar um rir aterrorador!

Abriu no claro azul as negras asas
No fulvo olhar fosforescente brasas,
Tentaram ofuscar siderea luz,
E, num lustro de acérrimas batalhas,
Foi de sangue manchar, entre metralhas,
Aquela heróica praga que seduz!

Mas não venceu as hostes progressistas,
A vitória prostrou escravagistas,
Ao pó beijando a planta dos herói!
Conquistas imortais que é glória tê-las!
Honra é a grande bandeira das estrelas,
Que brilharam então quais vivos sóis!

Sacrossanto contraste! O vasto Império
Que enlutava o brasão neste hemisfério
Nos fatos inscrevendo a escravidão,
Agita-se febril de sul a norte
Quando quer transmudar a triste sorte
Dos párias sob o jugo da opressão!

E a mesma lei que, em solo americano,
Armara a guerra com furor insano,
Esmagando sangrentos batalhões,
Aqui, inviolável qual tesouro,
É traçada a sorrir, com pena de ouro
Entre chuva de flores e ovações!

O rutilo Cruzeiro nesse instante,

³⁶⁴ VIEIRA, Damasceno. A 13 de Maio. *Almanaque* 1891.p.61.

Na amplidão fulgurou mais deslumbrante,
Banhando o céu em puro rosicler,
Ouvindo retumbar solenes bravos
A lei que libertou milhões de escravos,
Lavrada pela mão de uma mulher!

Tú que foste a mais bela das vitórias,
Estampando um florão de eternas glórias
No pavilhão que ostentas gentil,
Salve, aurora inundando o céu profundo!
Tú pudesse alcançar de todo o mundo
Mil frementes aplausos do Brasil!

D. Pedro II ³⁶⁵

Das pragas do teu berço desterrado,
E trazido de extrema nostalgia,
Aquele, que com animo enlevado,
De ingratos suporta a tirania,
E que pelo Brasil tão desvelado,
Sabendo os males seus muito os carpia,
Pagou as duras parcas o tributo,
Divindades que folgam com o luto.

Perdeu a grande terra do Cruzeiro
Quem foi um exemplar de probidade,
E da justiça amigo verdadeiro,
Quem praticava sempre a caridade,
E honrar sabendo o nome brasileiro,
Contrário foi toda crueldade,
Quem tinha um coração nobre e bondoso,
E foi um patriota fervoroso.

Derrama a liberdade largos prantos
Por aquele amor lhe dedicava,
Pelo ex-imperador que aos seus encantos,
De todo se prendera e cativara
E que por tal motivo, esforços tantos,
Fizera para ver a sorte amara
Dos párias brasileiros transformada
Empresa de alta glória coroada!

³⁶⁵ CASIMIRO, Reinaldo. D. Pedro II. *Almanaque* 1893,p.220.

Luto e glória ³⁶⁶

A pátria, a mãe sublime, a alma grandiosa,
Que sabe até chorar a sorte dos vencidos,
Que enxuga ajoelhada o sangue dos feridos,
E por mortos heróis chora lacrimosa;

A comprimir no seio os íntimos gemidos,
Intrépida Cornélia, expande-se orgulhosa
E em palmas triunfais permeia jubilosa,
Falanges marciais de filhos destemidos.

Hinos fazem retumbar ciclópicos, harmônicos
Desde o pampas do sul aos vales amazônicos,
E, como uma lição gloriosamente pública,

Ante as cultas nações, num rasgo de civismo,
Sobre o roto bastião do crime e fanatismo,
Solidifica em bronze o lema da república!

³⁶⁶ VIEIRA, Damasceno. Luto e glória. *Almanaque* 1899.p.95.

2.1.6 A poesia de Alfredo Ferreira Rodrigues

Encontro ³⁶⁷

Encontrei-a. Não sei que estranho aspecto,
Aquele seu que fulminou-me a esperança!
Fitou-me o olhar agudo como lança,
Que lado a lado me varasse o peito.

Eis-me ao teu lado! Disse, e um passo avança,
Tú me chamaste e teu convite aceito,
Chamei-te? Sim, vivias satisfeito
Toda a ventura a mim me irrita e cansa.

Deu mais um passo, recuei. Teu nome?
Quem és tú? Perguntei, ela sorria.
Quem és tú cujo olhar me gele e assombra?

Rasgou-me o peito e o coração quebrou-me
Na mão convulsa encarquilhada e fria.
Eu sou a dor! E se abismou na sombra.

³⁶⁷ RODRIGUES, Alfredo F. Almanaque 1892.p.232.

Encontro ³⁶⁸

Encontrei-a. Jamais supus tão bela,
Pudesse haver humana criatura,
Tinha no olhar a chama que revela
Mundos ignotos de íntima ternura.

Fiquei absorto, contemplando aquela,
Doce expressão de graça e de candura:
Viver, o coração unido ao dela,
Onde um bem mais completo se afigura?

Quem és tú? Perguntei. Sonho ou verdade?
Verdade, és o esplendor da obra prima,
Sonho, excedes a própria realidade.

Quem és tú? Quem és tú? Sorrindo avança
Um passo, outro, mais outro, se aproxima,
Dando-me a mão: Eu me chamo esperança!

³⁶⁸ RODRIGUES, Alfredo F. Almanaque 1894.p.250.

Na hora da partida ³⁶⁹

Horas de amor e horas de ventura,
Por que hoje tão rápida me fugis?
Não há doce ilusão em que me abisme
Que dure quanto a minha mente augura!

Tenho-a a meu lado, ouvindo-lhe tão pura
A voz que a medo o seu afeto diz-me,
E, embora um paraíso eterno eu cisme
Esse instante de gozo não perdura.

Ouçó-lhe a fala, e seu olhar bendito
Fita-se em mim, suavíssimo e tristonho,
Me embalando num êxtase infinito.

Mas, ai! Toda essa luz, esse risonho
Encanto esvai-se, passageiro mito,
Com a visão fantástica do sonho!

³⁶⁹ RODRIGUES, Alfredo f. *Almanaque* 1890.p.196.

Solidão ³⁷⁰

A casa hoje é deserta: o vácuo em tudo existe:
Não mais falas de amor, só soluçar e pranto!
Como é sombrio tudo! O riso ,entretanto
Há pouco inda era aqui e tudo agora é triste.

A esta imensa dor minha alma não resiste;
Quando ela estava aqui, que deleitoso encanto!
Meu Deus! Se eu fui feliz... e eu a amo tanto
Que para mim, somente o bem nela consiste.

Que eterna solidão! E resistir quem há de
Uma angústia tamanha? A casa erma e vazia
Que súbita tristeza o coração me invade!

Ai! Foram-se também os sonhos de alegria;
Só há recordações em tudo, e de saudade,
Suspira em cada canto a íntima elegia.

³⁷⁰ RODRIGUES, Alfredo F. *Almanaque* 1891.p.216.

Luz plena ³⁷¹

Amor de filho, o sacrossanto afeto
Que as mais belas ações move e convida,
Amor a pobre mãe que, estremecida,
Faz em mim consistir seu bem completo;

Amor de irmão aquela irmã querida,
Que foi mãe carinhosa do irmão dileto,
E as que também a sombra de um só teto,
Foram tendo comigo a mesma vida;

Amor de esposo a imaculada santa
Que a mão na minha mão o mesmo trilho,
Segue e que a vida me ilumina e encanta!

Tudo fundiu-se, caldeou-se ao brilho
De amor que a todos, único suplanta,
Amor supremo que é só teu meu filho!

³⁷¹ RODRIGUES, Alfredo F. *Almanaque* 1896.p.215.

Minha filha ³⁷²

Na tormentosa noite desta vida,
Basta-me o teu amor abençoado,
Tendo-o milagre de amor! Me persuado
Que tudo amar e a ser feliz convida.

Se da mágoa profunda a alma ferida,
Tenho e tú ris, me sinto confortado,
Para esquecer o mundo envenenado,
Basta-me um beijo teu, um só querida.

És tão pequena e me dominas tanto
Que se ris, também rio como agora,
Ainda que eu sinta rebentar-me o pranto.

Um abraço, mais outro e outro... embora
Que eu sofra é teu amor eterno encanto
Que de risos a vida me enche e enflora.

³⁷² RODRIGUES, Alfredo F. Almanaque 1899.p.214.

O último beijo ³⁷³

Fita na morta um longo olhar ardente,
Um doloroso olhar de desesperança,
Como querendo a mínima lembrança,
Para sempre guardar viva na mente!

E, num supremo esforço, bruscamente,
Para o ataúde um passo mais avança,
Pois tudo quanto seu olhar alcança
Distingue mal, que o pranto não consente.

Curva-se um pouco e, como quem procura
Um derradeiro e íntimo conforto,
Beija-lhe os lábios, beija-os com ternura.

E, milagre do amor! Na magoa absorto,
Que a alma lhe invade, a ele se afigura,
Que ela está viva e ele é que está morto!

³⁷³ RODRIGUES, Alfredo F. *Almanaque* 1893.p.240.

Depois da doença ³⁷⁴

Como me dói de rastros ver-te andando,
Minha pobre filhinha idolatrada,
Como em pequena, bem pequena quando,
Nem dar sabias uma só passada!

Dá-me a mão, põe-te de pé, vem ensaiando
Um passo... outro...mais outro... Estás cansada?
Vacilas? Cais? Minha alma alanceada
De quanta mágoa eu sinto transbordando!

E eu que vi-te, a esperança já perdida,
Hirtos os membros, quase extinta a vida,
Convulsa, vítreo olhar, boca espumando;

E eu, que não chorei, e morta, morta
Então julguei-te (e um pai tal dor suporta)
Sofro hoje mais... e vês, estou chorando!!!

³⁷⁴ RODRIGUES, Alfredo F. *Almanaque* 1898,p.226.

A recém nascida ³⁷⁵

Pobre filhinha, tão pequenina,
Que vens sorrindo como uma aurora,
Trazer-me a benção que a mão divina
Manda a minha alma que o morto chora.

A funda mágoa que me fulmina
Pobre filhinha, nada minora
Chorando o morto, que negra sina,
Vou pela noite da vida afora.

Vens em um instante, se a rir me iludo,
Instante apenas! Dor sem conforto!
Vara-me o peito punhal agudo!

Vendo-te, eu tenho no olhar absorto
Olhar que o pranto queimou,
Em tudo a imagem do filho morto!

³⁷⁵ RODRIGUES, Alfredo F. Almanaque 1900.p.230.

